

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação em Teologia Stricto Sensu

MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST

**PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE PESSOAS ADULTAS
SOLTEIRAS DE COMUNIDADES PROTESTANTES**

CURITIBA

2012

MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST

**PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE PESSOAS ADULTAS
SOLTEIRAS DE COMUNIDADES PROTESTANTES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia *Stricto Sensu*, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientadora Prof. Dra. Mary Rute Gomes Esperandio

CURITIBA

2012

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

A923p August, Mariluce Emerim de Melo
2012 Processos de subjetivação de pessoas adultas solteiras de comunidades
protestantes / Mariluce Emerim de Melo August ; orientadora, Mary Rute Gomes
Esperandio. -- 2012.
161 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2012
Bibliografia: f. 115-120

1. Pessoas sozinhas. 2. Mulheres solteiras. 4. Casamento - Aspectos
religiosos. 5. Protestantes. 6. Subjetividade. I. Esperandio, Mary Rute Gomes,
1960-. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-
Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 248.844



Pontifícia Universidade Católica do Paraná
 Centro de Teologia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-Graduação em Teologia

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 031
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST

Aos dois dias do mês de março de dois mil e doze, às catorze horas, reuniu-se na Sala de Defesa – localizada no primeiro andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores Mary Rute Gomes Esperandio, Oneide Bobsin e Marcio Luiz Fernandes para examinar a Dissertação da candidata, **Mariluce Emerim de Melo August**, ano de ingresso dois mil e dez, do Programa de Pós-Graduação em Teologia – Mestrado, Linha de Pesquisa: Teologia e Sociedade. A mestranda apresentou a dissertação intitulada: **“PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE PESSOAS ADULTAS SOLTEIRAS DE COMUNIDADES PROTESTANTES”**. A candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e após a defesa a candidata foi aprovada Conceito A pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16 h 00 min. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Membros da Banca:

Prof^a. Dr.^a Mary Rute Gomes Esperandio Mary Rute G. Esperandio
 Presidente/Orientadora.

Prof. Dr. Oneide Bobsin Oneide Bobsin
 Convidado Externo

Prof. Dr. Marcio Luiz Fernandes Marcio Luiz Fernandes
 Convidado Interno

CIENTE

Mário Antonio Sanches
Prof. Dr. Mário Antonio Sanches
 Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*
 PPGT - PUCPR

RESUMO

Esta Pesquisa teve como objetivo evidenciar processos de subjetivação (criação de modos de existência) de pessoas adultas solteiras do contexto brasileiro de igrejas protestantes, em sua maioria Luteranas, Menonitas, Irmãos Menonitas, Batistas e Presbiterianas. Os modos de existência são melhores evidenciados em base cartográfica que é o método escolhido para a pesquisa. A atividade cartográfica foi realizada a partir da observação participante em pesquisa de campo, tais como: reuniões de grupo, congressos, reuniões de oração e aplicação de um questionário semi-aberto com 27 perguntas aplicadas a 24 pessoas entre 30 e 59 anos, solteiras, bem como viúvas, separadas, divorciadas ou casadas, que tenham permanecido solteiras até os 30 anos, participantes do grupo interdenominacional Ministério Jovens Adultos, que se reúne mensalmente na sede da AMAS (Associação Menonita de Ação Social), em Curitiba, sem que haja vínculo com essa entidade. Ficou evidenciado na cartografia deste grupo, que existe a percepção de tratamento diferenciado entre pessoas solteiras e casadas em suas igrejas e famílias, bem como sentimentos de inadequação, invisibilidade e inferioridade em pessoas solteiras restringindo um envolvimento mais ativo em sua igreja local. A cartografia também evidenciou um modo diferente de ser, o solteiro/a com necessidades específicas de pastoreio na igreja que muitas vezes não o/a considera em sua dinâmica de funcionamento.

Palavras-chave: Jovens Adultos. Processos de Subjetivação. Cartografia. Comunidades Protestantes. Pessoas adultas solteiras.

RESUMEN

Esta investigación ha evidenciado los procesos de subjetivación (creación de modos de existencia) de los adultos solteros del contexto brasileño de iglesias protestantes, en su mayoría Luteranas, Menonitas, Hermanos Menonitas, Bautistas y Presbiterianas. Los modos de existencia se manifiestan mejor en una base cartográfica que es el método elegido para la investigación. La actividad cartográfica se realizó a partir de la investigación de campo de observación participante, tales como: reuniones de grupos, congresos, reuniones de oración y aplicar un cuestionario semiabierto con 27 preguntas aplicadas a 24 personas entre 30 y 59 años de edad, solteros, viudos/as, separados/as, divorciados/as o casados, que han se casado después de los 30 años de edad, que participan del grupo interdenominacional *Ministerio Jovens Adultos*, que se reúne mensualmente en la sede de AMAS (Asociación de Acción Social Menonita), en Curitiba, sin tener vínculo con esta entidad. Se puso de manifiesto que en la cartografía de este grupo, existe la percepción de trato diferenciado entre personas casadas y solteras en sus iglesias y familias, así como sentimientos de insuficiencia, la sensación de no ser percibidos y un sentimiento de inferioridad de los solteros, restringiendo una participación más activa en su iglesia local. La Cartografía también evidenció una forma diferente de las necesidades pastorales específicas en la iglesia que frecuentemente no son consideradas en su dinámica de funcionamiento.

Palabras clave: Adultos jóvenes. Procesos de subjetivación. Cartografía. Comunidades protestantes. Adultos solteros.

DEDICATÓRIA

Às pessoas adultas não casadas que é o motivo deste trabalho, às igrejas que investem ou irão investir no pastoreio deste público de forma mais efetiva e a todas as pessoas que querem começar a compreender o modo de ser solteiro (a) na família, igreja e contexto social.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus que através de Jesus provou seu amor incondicional por nós promovendo vida e vida em abundância, me inspirando a entrar na Teologia, pelo meu chamado à liderança do grupo pioneiro de Jovens Adultos na Igreja Luterana (IELCB) em São José-SC em 2003, quando eu ainda relutava em relação à solteirice, sob a paciência Dele. E agradeço também às pessoas do grupo que se empolgaram, me estimularam, lideraram juntas e se deixaram liderar.

À Prof. Dra. Mary Rute Gomes Esperandio, pelo carinho, dedicação e desprendimento para que eu pudesse alcançar os objetivos e metas.

Ao meu esposo e grande incentivador Hartmut, que é uma bênção de Deus, pelo seu chamado ao ministério com Jovens adultos e pelo que ele acrescentou em minha vida em conhecimento e capacitação, complementando aonde havia engajamento e paixão pela obra de Deus.

Aos meus admiráveis pais, Orestes (*in memoriam*) e Lourdes, pelo amor e dedicação aos filhos e, aos demais parentes que torceram por mim, incluindo os que se agregaram após o casamento, especialmente filhos, noras e netos que tem me proporcionado momentos preciosos de muita alegria.

À Missão Evangélica União Cristã (MEUC), que através de seus missionários Ermelindo e Gesa Roecke que, com as solteiras Karin Wachholz e Annemary Kuehn, abriram espaço e o coração para os primeiros retiros de Jovens Adultos em Santa Catarina (1985), dos quais comecei a participar com 31 anos em 1994, sendo hoje apoiado pelos Missionários Otto e Isolde Stange, também da MEUC.

Aos pastores Sérgio e Vera Gessner e demais líderes pelo apoio, acolhimento e inclusão, típicos em igrejas luteranas, ao grupo de Jovens Adultos – J.A. que nasceu em São José-SC no ano de 2003.

Aos pastores Udo e Irmgard Siemmens e demais pastores e líderes da Igreja Irmãos Menonitas do Boqueirão pelo acolhimento e incentivo ao trabalho tão novo nesta denominação religiosa.

Ao Prof. Dr. Mário Antonio Sanches, diretor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR, bem como a todo corpo docente e funcionários que não medem esforços para que as coisas aconteçam como devem acontecer.

Às pessoas não casadas do Ministério Jovens Adultos e de outros grupos, colaboradores ou não da pesquisa, que se deixaram observar e muito me incentivaram.

“Lembramos continuamente, diante de nosso Deus e pai, o que vocês têm demonstrado: *o trabalho que resulta da fé, o esforço motivado pelo amor e a perseverança proveniente da esperança* em nosso senhor Jesus Cristo.” (grifo nosso)

(1TESSALONICENSES, 1:3)

“Os modos de vida inspiram maneiras de pensar, os modos de pensar criam maneiras de viver. A vida ativa o pensamento e o pensamento, por seu lado, afirma a vida”.

(GILLES DELEUZE, 1965, p. 18)

“O discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história”.

(MICHEL FOUCAULT, 1986, p.146)

“Todo texto revela a visão de mundo de quem o produziu.”

(FIORIN E SAVIOLI, 2001, p.17)

LISTA DE SIGLAS

AMAS – Associação Menonita de Ação Social
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP - Comitê de Ética e Pesquisa da PUCPR
FLT – Faculdade Luterana de Teologia
IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
MEUC – Missão Evangélica União Cristã
NVI – Nova Versão Internacional
PE - Pernambuco
PR - Paraná
PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná
SBB – Sociedade Bíblica do Brasil
SC – Santa Catarina
SCIELO – Scientific Electronic Library Online

LISTA DE ABREVIATURAS

ed. – edição
p. – página
pp.....- páginas
trad. - tradução
id. – mesmo autor, mesma obra e mesma página
ibidem – obra do mesmo autor, porém páginas diferentes
Apud. – citado por

LISTA DE FIGURAS

GRÁFICO 1 - Dados Sócio-demográficos do Gênero Masculino.	35
GRÁFICO 2 - Dados Sócio-demográficos do Gênero Feminino.	35
GRÁFICO 3 – Grau de Instrução.....	36
GRÁFICO 4 - Maior responsabilidade dos solteiros em cuidar dos pais.	40
GRÁFICO 5 - Administração do tempo no período de solteiro (a).	46
GRÁFICO 6 – Envolvimento mais ativo na igreja local quando solteiro (a). ...	48
GRÁFICO 7 - Amizades mais significativas.....	53
GRÁFICO 9 - Sentimento de inferioridade em pessoas solteiras.	56
GRÁFICO 8 - Plenitude da felicidade com o casamento.	61
GRÁFICO 10 - Desejo de encontrar alguém para casar.....	68
GRÁFICO 11 - Pressão para o casamento.....	76
GRÁFICO 12 - De onde vêm as pressões.....	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I. SUBJETIVIDADE, TEOLOGIA E A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO NA PESQUISA QUALITATIVA	19
1. SUBJETIVIDADE E TEOLOGIA.....	20
2. A PESQUISA QUALITATIVA.....	21
3. A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO NA PESQUISA QUALITATIVA.....	23
II. A PESQUISA E SEUS ACHADOS	29
1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	29
2. A TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....	31
3. ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL DISPONÍVEL.....	33
4. A ANÁLISE CARTOGRÁFICA.....	35
4.1 AS LINHAS DOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO: QUESTÕES DE GÊNERO, INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA E AUTONOMIA FAMILIAR.....	36
4.2 AS LINHAS ENVOLVIDAS NA ADMINISTRAÇÃO DO TEMPO, AMIZADES E ENVOLVIMENTO NA IGREJA.....	46
4.3 AS LINHAS QUE RETERRITORIALIZAM UM TERRITÓRIO DESPOTENCIALIZADO: O SENTIMENTO DE INFERIORIDADE EM PESSOAS SOLTEIRAS.....	55
4.4 UM TERRITÓRIO (DES)IDEALIZADO: A PROMESSA DE PLENITUDE DA FELICIDADE E AS DESVANTAGENS DO CASAMENTO.....	61
4.5 A BUSCA POR UM TERRITÓRIO SINGULAR E OS DESAFIOS DO PROCESSO: OS ROTEIROS, OS PROJETOS.....	69
4.6 O MODO DOMINANTE DE SUBJETIVAÇÃO: A PRESSÃO PARA O CASAMENTO.....	75
4.7 RUMO A PROCESSOS DE SINGULARIZAÇÃO. A EXPERIÊNCIA DAQUELES QUE EMBARCARAM NA LINHA DE FUGA PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVOS TERRITÓRIOS.....	81
III. IMPLICAÇÕES TEOLÓGICO-PASTORAIS E A PRÁTICA DO CUIDADO DAS PESSOAS ADULTAS NÃO CASADAS NO CONTEXTO DE IGREJAS PROTESTANTES	88
1. SER SOLTEIRO/A EM IGREJAS PARA CASAIS – ENTRE O INSTITUÍDO E O INSTITUINTE.....	89
2. IMPLICAÇÕES BÍBLICO-TEOLÓGICAS: DESAFIOS À COMUNIDADE DE FÉ PARA O CUIDADO DE PESSOAS ADULTAS NÃO CASADAS.....	93
3. POSSIBILIDADES DE MODOS DE VIDA AFIRMATIVOS PARA PESSOAS SOLTEIRAS NA COMUNIDADE ECLESIAL.....	97
CONCLUSÃO	104
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICES	121
ANEXOS	156

INTRODUÇÃO

Existe em comunidades protestantes do Paraná e Santa Catarina um programa interdenominacional, conhecido como “Ministério Jovens Adultos”¹, iniciado pela MEUC – Missão Evangélica União Cristã de São Bento do Sul – SC e conta atualmente com a adesão de membros de igrejas, em sua maioria, Luteranas, Menonitas e Batistas. Desde 1985, reúne anual ou semestralmente pessoas não casadas em encontros de edificação, retiros e congressos. Nessas instâncias percebe-se que existem pessoas desconfortáveis pela falta de programas específicos em suas igrejas, para pessoas não casadas.

Na revista de economia e negócios *Exame*², um interessante artigo de capa referente aos novos consumidores brasileiros revela que a cada 10 anos dobra o número de pessoas que moram sozinhas: Em 1996 existiam 3,2 milhões de domicílios com uma só pessoa. Em 2006 este número passou para 6 milhões e em 2016, estima-se que 12 milhões de domicílios serão com uma só pessoa. Segundo a reportagem, o segmento das pessoas que moram sozinhas é visto como importante filão no mercado, pois elas têm uma renda que não precisa ser dividida³.

Das pessoas que têm participado do *Ministério Jovens Adultos*, observa-se que em torno de 50% são solteiras e os outras 50% são viúvas, divorciadas ou separadas. Esta pesquisa se restringe ao público solteiro que é a metade dos (das) participantes dos programas deste grupo.

A relevância do tema se dá pelo fato de que, atualmente, as pessoas estão se casando mais tarde. Muitas optam pelas oportunidades e possibilidades que são mais acessíveis no contexto atual do que na época de seus pais ou avós, como estudar mais, melhorar condições financeiras e buscar projetos profissionais mais

¹ Trabalho de um grupo voluntário realizado para pessoas adultas não-casadas, entre 25 e 59 anos, em encontros interdenominacionais de restauração, edificação e crescimento na fé, em Santa Catarina e Curitiba (www.ministeriojovensadultos.com.br).

² Revista *Exame* n. 916 – 23/04/08

³ AUGUST, Hartmut; AUGUST, Mariluce E. M. Curitiba, 2009. *Jovens Adultos – potencial invisível na igreja*. Monografia. Programa de pós-graduação em Teologia. Faculdade Fidelis. Não publicado.

ousados para os quais o fato de ser solteiro/a favorece. Mas o sonho de casamento não desaparece para algumas pessoas e muitas delas têm dificuldade de encontrar este caminho que às vezes parece difícil. Por outro lado, também é necessário que se faça aparecer, tanto na igreja quanto na sociedade, principalmente entre os casais, uma outra forma de percepção a respeito da questão do ser-solteiro ou solteira. É neste sentido que o presente estudo quer contribuir, pois parece urgente que se compreenda com menos estranhamento, a opção por ser solteiro/a, sobretudo quando se trata de uma opção própria, autônoma, consciente e livre. Neste estudo acompanhou-se algo desses processos.

Em outras palavras, este estudo tem como objetivo apresentar uma cartografia dos modos de subjetivação das pessoas adultas solteiras nos espaços de comunidades cristãs protestantes. Quer-se assim, visibilizar como tais processos se configuram, contribuindo, desse modo, com a produção de uma reflexão teológico-pastoral que possibilite a criação de novos dispositivos afirmadores da vida – voltados a esse grupo – em comunidades de fé.

Em vários casos se desconhece as verdadeiras motivações de jovens adultos(as) ao não-casamento e ao fato de parecerem que estão em descompasso com a sociedade. Esta não compreensão das verdadeiras motivações e dos modos de existência tem gerado isolamento, invisibilidade, sofrimento e paralisção na vida de pessoas solteiras. Investigar os diversos elementos e instâncias que compõem o processo de subjetivação de pessoas solteiras protestantes foi a intenção deste trabalho.

Para efeito desta pesquisa, utilizou-se a expressão “pessoas adultas solteiras” designando pessoas com idade entre 30 e 59 anos de idade, não-casadas. Neste estudo, busca-se compreender a experiência de ser pessoa adulta solteira (seus *processos de subjetivação*) no meio eclesial protestante, a fim de prover-lhes cuidado pastoral adequado. “Um processo de subjetivação diz respeito à produção de um modo de existência, à produção de estilos de vida e de relação com o outro e com o mundo” (ESPERANDIO, 2008, p. 18). Os processos de subjetivação conduzem diferentes configurações, de acordo com a cultura, com o tempo e com o espaço e perpassam trajetórias da vida individual, social e cultural, bem como a eclesial. Deste modo, quer-se compreender os processos vivenciados pelas pessoas

solteiras que se encontram em estados de paralisação, manifestados na dificuldade de prosseguir com projetos que poderiam ser realizados sem serem casadas, tais como: edificação de um lar próprio, viagens, trabalhos em suas comunidades, independência financeira e maturidade emocional com relação aos pais. Em virtude desses estados de paralisação, enfrentam sofrimentos não percebidos pelas comunidades de fé e sociedade. A motivação desta pesquisa está vinculada à experiência pessoal da pesquisadora.

Particpei ativamente em comunidades protestantes, permanecendo solteira até os 41 anos de idade. Embora o fato de ser solteira não fosse um problema junto à família e ao ambiente profissional, havia questionamento por parte de pessoas da igreja. Passei por vários dilemas sentimentais devido à condição de solteira. Tive um noivado rompido e algumas tentativas frustradas de relacionamentos. Depois de participar durante 6 anos de retiros regionais para pessoas não-casadas, com membros de outras igrejas, aos 37 anos, consegui superar as restrições decorrentes de meu estado civil. Iniciei, com outras pessoas, um ministério pioneiro de jovens adultos (as) em minha igreja local (Luterana - IECLB) em Campinas, São José - SC. Foi necessário administrar as mais diversas reações ao ministério, desde o apoio de alguns até a incredulidade e os gracejos de vários, inclusive de pessoas adultas não casadas.

Em um de nossos congressos para pessoas adultas não casadas em 2004, realizado em Guaratuba – PR, conheci Hartmut, proveniente da Igreja Irmãos Menonitas do Boqueirão, de Curitiba, que se tornou meu marido em 2005. Naquele mesmo ano, iniciamos um encontro mensal interdenominacional em Curitiba. Este grupo mensal que faz parte do *Ministério Jovens Adultos*, juntamente com um grupo menor que se reúne semanalmente em nossa casa e em outras duas casas, o congresso anual sulbrasileiro que reúne diversos grupos como o nosso, o retiro anual para líderes em São Bento do Sul - SC e mais outros diversos grupos existentes em Curitiba e Santa Catarina, têm sido a fonte de inspiração para nossos estudos.

Eu e meu esposo pesquisamos esta temática no curso de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Fidelis em Curitiba - PR. A monografia⁴ com os resultados de uma pesquisa com 274 participantes foi concluída em 2009. Tem sido uma novidade em diversas igrejas, que este público diferente do convencional necessita e gostaria de cuidados pastorais específicos.

Na medida em que seus amigos e amigas casam, o (a) jovem adulto (a) vai ficando sozinho (a). Da mesma forma, a pessoa que passa por uma separação ou viuvez, também fica só. Nestas situações, as amizades precisam ser reconstruídas em novas bases e com novas pessoas. Porém, sem relacionamentos cristãos saudáveis, facilmente sua fé esfria, seu testemunho fica fragilizado e seu envolvimento na comunidade é comprometido. Muitas destas pessoas se tornam invisíveis em suas igrejas, ao ponto de não serem mais vistas, nem lembradas⁵. Por isso, se torna urgente buscar meios de compreender e atender esta demanda dentro das igrejas.

Além disso, alguns autores têm inspirado o interesse pelo tema desta pesquisa. Amador e Kiersky (2003, p. 50), psicólogos e doutores, com longa experiência em terapias e por terem se casado mais tarde, afirmam: “nem um casamento melhora a auto-imagem se a causa oculta de seu mal-estar não for tratada: seu roteiro pessoal de casamento (sua expectativa) e o impacto dele sobre seu senso de identidade”.

Collins (2004, p. 434), psicólogo clínico, em seu trabalho de aconselhamento, detectou alguns problemas causadores de sofrimento entre os solteiros: Solidão, auto-estima, identidade e orientação na vida, sexualidade, instabilidade emocional, irritação, raiva, medo e outros. “Alguns solteiros lutam – geralmente sozinhos – com a dor dos relacionamentos desfeitos, com os namoros platônicos, ou com o medo de acabar não se casando por causa de seu perfeccionismo ou de seus padrões elevados”.

⁴ AUGUST, Hartmut; AUGUST, Mariluce E. M. Curitiba, 2009 Jovens Adultos – Potencial Invisível na Igreja. Monografia. Não publicado.

⁵ *Ibidem* p. 65.

Para algumas pessoas solteiras, a longa espera por um casamento causa sofrimento e desmotiva a iniciativa em um trabalho na sua igreja que acredita que os casais são melhores qualificados para as mais diversas tarefas e funções. Então elas sofrem com seu estado civil como se fosse uma lacuna em seu ser. Elas percebem serem consideradas em suas igrejas como pessoas não resolvidas e conseqüentemente, não capazes. A própria pessoa solteira se vê assim e quando não se fecha em si mesma, questiona a Deus. Isto é lamentável, pois, de acordo com o terapeuta Gary Chapman (2004, p.103), “[...] a igreja pode ser de grande ajuda no processo de estabelecer uma relação com Deus e com os outros.”

Além disso, há que se valorizar as milhares de pessoas que ao longo do cristianismo se consagraram como solteiras celibatárias para melhor servir à Deus em suas igrejas, em dedicação à comunidade e serviço social como estilo, vocação e significado de vida.

A fim de verificar a existência de outras pesquisas nesta área, foi realizada uma busca no banco de dados de Teses e Dissertações da CAPES bem como no portal de periódicos “SCIELO” com os seguintes termos: jovens adultos, jovens adultos evangélicos, pessoas adultas solteiras, subjetividade de pessoas adultas solteiras protestantes, processos de subjetivação de pessoas adultas solteiras protestantes, solteirice, novas configurações familiares, famílias monoparentais, adultos solteiros protestantes, solteiros em igrejas, solteiros evangélicos, solteiros católicos, solteiros cristãos, “solteironas” e “solteirões”.

Dos trabalhos encontrados, destacaram-se alguns pela proximidade do tema pesquisado. Há uma dissertação sobre Famílias Monoparentais em Lisboa, Portugal, com os resultados de uma pesquisa sobre o crescimento considerável do número de pessoas solteiras entre 1990 e 2000 e a conseqüente subida nos graus de instrução. Outra pesquisa encontrada trata das alterações recentes na estrutura das famílias e sua influência na saúde em Espanha – 2001. Do Brasil foram encontradas 45 pesquisas sobre famílias monoparentais focando a criação de filhos por somente um dos pais. Os achados sobre pessoas adultas solteiras no Brasil tratam mais na área de saúde e educação, onde se trabalham questões sobre estresse em estudantes, abandono de tratamentos de psiquiatria, inatividade física, lar de idosos,

dependentes químicos, paraplégicos, mães solteiras, aborto, divórcios, crises conjugais, individualismo e conjugalidade.

Na área específica do modo de ser de pessoas adultas solteiras foram encontrados 7 trabalhos dos quais, 3 são dissertações de mestrado e 4 são teses de doutorado. Entre eles se encontram: “Expectativas de jovens solteiros universitários frente ao casamento: um estudo descritivo” (NUNES, 2008); “Solteironas eram nossas avós! Um estudo sobre a mulher que permanece solteira na classe média carioca” (CAMPELO, 2006); “A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948)” (MAIA, 2007); “Os novos tempos e vivências da “solteirice” em compasso de gênero: ser solteira e solteiro em Aracaju e Salvador” (TAVARES, 2008); “Dando voz à diversidade: um estudo sobre pessoas solteiras de classes médias em Salvador” (ANDRADE, 2007); “Vidas no singular: noções sobre “mulheres só” no Brasil contemporâneo” (GONÇALVES, 2007); “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas me convêm: Representação sobre sexualidade entre solteiros evangélicos” (SANTOS, 2008). Algo dos trabalhos será comentado no decorrer desta dissertação. Dos trabalhos listados, somente o último se refere a pessoas solteiras de comunidades protestantes, mas trata apenas da área da sexualidade envolvendo jovens de todas as idades.

Enfim, é relevante o estudo sobre o “modo-solteiro-de-ser” visando uma pastoral adequada a este público que necessita ser ouvido, compreendido e aconselhado com base em conhecimento de suas realidades e modos de existir e ser, para que encontre espaço legítimo em suas comunidades. Neste sentido, entendeu-se como adequada a realização de uma cartografia desse grupo, com base em questionários, observações e anotações registradas em diário de campo, reuniões de grupos, observações colhidas no Congresso anual voltado a este público, enfim, tudo o que serviu como dado para a construção dessa cartografia.

O trabalho é apresentado em três capítulos. O primeiro traça algumas considerações sobre a subjetividade, teologia e o método cartográfico utilizado neste estudo. O segundo apresenta a cartografia do grupo estudado, feita a partir de dados coletados durante o trabalho que vem sendo desenvolvido com essas pessoas, e também com análise da aplicação do questionário semi-aberto. O

terceiro capítulo discute os aspectos teológicos e práticas pastorais em igrejas protestantes em relação às pessoas adultas não casadas.

A conclusão do estudo resume os pontos discutidos ao longo do trabalho e lança o desafio às comunidades cristãs de aproveitar este tempo de reflexões e trabalhar modos de afirmação de vida e enriquecimento dos trabalhos pastorais levando em conta a diversidade de seus (suas) participantes em suas necessidades e expectativas específicas.

CAPÍTULO I

SUBJETIVIDADE, TEOLOGIA E A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO NA PESQUISA QUALITATIVA

Mas a sabedoria que vem do alto é antes de tudo pura; depois pacífica, amável, compreensiva, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sincera. O fruto da justiça semeia-se em paz para os pacificadores (TIAGO⁶, 3: 17-18).

Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (ROMANOS 12: 2).

A construção da vida moderna foi norteadada pela ciência e pela razão, aliadas ao avanço tecnológico que fariam deste, um mundo melhor, e o ser humano alguém mais feliz. Os valores parecem ter mudado. Percebe-se, de forma geral, uma valorização maior das sensações e sentimentos, da estética, da diversidade e do individualismo. A maneira de vermos as coisas nos é dada pelo meio em que vivemos, nas mais diversas correntes de pensamentos e ensinamentos. Nossos valores remontam da infância e são influenciados de várias formas, nas diversas fases de nossa vida. As necessidades dos seres humanos são decorrentes do que eles aprenderam serem necessárias e são as mais diversas possíveis de pessoa para pessoa. Além disso, há de se considerar os interesses dos que, para manter o poder, impõem as relações de força entre seus liderados, seja na economia, na política ou na educação. São os forjadores de subjetividade. Desta forma é importante para os estudos da teologia a compreensão das subjetividades de nosso tempo.

⁶ Todos os textos bíblicos desta dissertação foram extraídos da BÍBLIA DE ESTUDO NVI (Nova Versão Internacional). 2424p. São Paulo: Editora Vida, 2003.

Para se fazer teologia, as reais necessidades do ser humano devem ser compreendidas e tratadas para que ele mesmo possa perceber sua necessidade maior que é de viver em paz com Deus, consigo mesmo e com o seu próximo, sendo ele próprio agente desta reconciliação com Deus que redundará em salvação na dimensão eterna para os que crêem e promoção de vida no presente.

O estudo das subjetividades pressupõe um método coerente com a amplitude das variáveis. O método cartográfico é recomendado para este tipo de pesquisa qualitativa. Optou-se também por aplicar princípios da análise do discurso à segmentação das falas com suas figuras e temas, para facilitar a seleção, considerando o volume expressivo de material coletado na pesquisa de campo.

1. SUBJETIVIDADE E TEOLOGIA

De acordo com Pelbart (2001, p. 2), poder-se-ia compreender subjetividade como “um campo de experiência, de afetos, de marcas, de sonho, de abertura; ela é feita de conexões e fugas, de criação de sentido, de agenciamento coletivo, de produção de si”.

Para Esperandio (2008, p.17), “a noção de subjetividade tal como desenvolvida por autores como Deleuze, Guattari, Foucault e Rolnik, não diz respeito a algo dado, ou predeterminado, relacionado a qualquer essência humana universal.” Ela afirma que: “A subjetividade se constrói na complexidade das relações de força, nos jogos de poder, na produção do próprio conhecimento” (*id.*). No estudo dos processos de subjetivação coloca-se em evidência tanto o modo dominante de subjetivação e os processos que restringem à vida pela homogeneização, quanto se evidenciam as possibilidades de singularização e de afirmação da vida presentes nestes mesmos processos.

Qual é a contribuição dos modos de existência vivenciados para a condição de singularidade? Há sempre o desafio de se observar os processos de subjetivação de forma a singularizar as experiências de pessoas solteiras, considerando que as

condições e necessidades delas são diferentes das de pessoas casadas, e não generalizá-las, tendo em vista nosso compromisso eclesial e social.

Em seu tópico sobre subjetividade e individualidade, Guattari (2000, p. 31, grifo do autor) afirma: “*Seria conveniente dissociar radicalmente os conceitos de indivíduo e de subjetividade*”. Para ele, os indivíduos são o resultado de uma produção de massa. “O indivíduo é serializado [...]. Uma coisa é a individuação do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social.” Para Guattari (2000, p. 34), a subjetividade individual resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia, entre outras.

O estudo na perspectiva da *subjetividade* e dos processos de subjetivação, como bem afirma Esperandio (2008, p. 23), pode apontar “questões inéditas para o fazer teológico”, considerando “a relação que o ser humano constrói com o sagrado” que é específica da investigação teológica.

Estudar os processos de subjetivação de pessoas solteiras adultas pode ajudar a teologia em suas formas de atuação e alcance deste considerável grupo nas igrejas protestantes ou que já não está mais nelas, sendo que um dia já esteve.

2. A PESQUISA QUALITATIVA

O estudo das subjetividades não poderia ser realizado de modo mais eficaz por outro tipo de pesquisa que não a qualitativa pela sua característica de estreita aproximação do(a) pesquisador(a) com o campo, segundo Flick (2004, p.22).

Para Flick (*id.*), os pontos de vista subjetivos são um primeiro ponto de partida. As questões de uma pesquisa não vêm do nada e originam-se na biografia pessoal do pesquisador e em seu contexto social, em muitos casos. “A decisão acerca de uma questão específica depende essencialmente dos interesses práticos do pesquisador e do seu envolvimento em certos contextos históricos e sociais”

(*ibidem*, p. 64). Este ponto de vista do autor é coerente com o que se diz na cartografia, que

[...] o papel do pesquisador é central, uma vez que a produção de conhecimento se dá a partir das percepções, sensações e afetos vividos no encontro com seu campo, seu estudo, que não é neutro, nem isento de interferências e, tampouco, é centrado nos significados atribuídos por ele (ROMAGNOLI, 2010, p 169).

Se, para outros tipos de pesquisa científica, o contato estreito do pesquisador com o seu campo é um agravante, na pesquisa qualitativa, pelo contrário, o contato é fundamental. Ter vivenciado o “*ser solteira*” em uma comunidade eclesial protestante e ter contato freqüente com outras pessoas solteiras em grupos de reflexão por mais de 15 anos, não torna neutro o estudo desta subjetividade. E a pesquisa vem confirmar ou refutar as hipóteses e desconfianças da pesquisadora, investigando alguns territórios já conhecidos, mas raramente compreendidos e descobrindo outros jamais imaginados. Reconhecer as linhas que compõem este território é o maior desafio nesta compreensão de base cartográfica – tal como será explicitada mais adiante.

Segundo Flick (2004, p.213), os estudos analíticos do discurso combinam procedimentos analíticos lingüísticos com análise de processos de conhecimento e construções sem restringirem-se aos aspectos formais das apresentações e dos processos lingüísticos e para ele, “o pano de fundo teórico da análise do discurso é o construcionismo social.” O construcionismo social, que são as formas como as relações sociais acontecem, pode ser acompanhado pela cartografia, que é o caso deste trabalho.

Nessa perspectiva, podem-se utilizar premissas da técnica de análise do discurso com ênfase numa interpretação de textos selecionados a partir da redundância de temas e figuras. Esse procedimento deve levar em conta o contexto das pessoas que produziram os textos e, a subjetividade da pesquisadora torna-se adequada, tendo sempre em vista o olhar pelo método cartográfico a que foi submetido o material coletado.

Tomando a subjetividade como um sistema complexo e constituído não só pelo sujeito heterogêneo, mas também pelas relações que ele estabelece, a cartografia, sem dúvida, se apresenta como valiosa ferramenta de investigação para

dar conta desta complexidade “colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação, esforçando-se para não se curvar aos dogmas reducionistas” (ROMAGNOLI, 2010, p. 169).

3. A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO NA PESQUISA QUALITATIVA

A cartografia é um método de pesquisa fundamentado nas idéias de Deleuze, Guattari, Foucault e Rolnik, muito utilizado nas pesquisas de campo sobre a subjetividade. Conforme Esperandio (2011, p.124, grifo da autora), seguindo o pensamento de Deleuze (1998, p.48), numa cartografia “pode-se apenas marcar caminhos e movimentos” que compõem territórios e, “a atividade cartográfica possibilita compreender os processos de *criação de modos de existência (de subjetivação)* que se produzem no *tempo* e no *espaço*” e como complementa a autora: “Diferentemente dos mapas que traçam os contornos e os limites, a cartografia, enquanto método se propõe a evidenciar a singularidade dos acontecimentos” (ESPERANDIO, 2001, p.76).

Os processos de subjetivação ocorrem a partir de uma configuração de elementos, forças ou linhas que atuam simultaneamente. Para Deleuze e Guattari (1996, p. 76), linhas que se entrelaçam, compondo territórios, constituem o ser humano, mapeando-lhe a subjetividade. Ele identifica três linhas desta constituição: a linha de segmentaridade dura, ou de corte molar, a linha de segmentação maleável, flexível ou de fissura molecular e uma linha de fuga ou de ruptura.

Mas, o que são estas linhas constituintes, demarcantes de territórios existenciais? Deleuze e Guattari (1996, p. 76) percebem que, em parte, algumas nos são impostas de fora, e outras nascem por acaso, “de um nada, nunca se saberá por que”. Existem ainda as que devem ser inventadas, traçadas, “sem nenhum modelo ou acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida”.

Romagnoli (2010, p.170), sob o conceito de Deleuze e Parnet (1998), afirma que das múltiplas linhas e planos de força que constituem a subjetividade e atuam

ao mesmo tempo, as linhas duras “detêm a divisão binária de sexo, profissão, camada social”, classificadoras e sobrecodificadoras dos sujeitos e, as linhas flexíveis que “possibilitam o afetamento da subjetividade e criam zonas de indeterminação,” permitindo um agenciamento. Nesse agenciamento, “linhas de fuga são construídas, convergindo em processos que trazem o novo, construindo novos territórios existenciais” (*id.*). Por agenciamento entendem-se modos ou formas de trabalhar/ negociar o modo de ser e de agir nas relações sociais.

A terceira linha que compõe o campo de análise do método cartográfico, em Deleuze e Guattari (1996, p.69), “a linha de fuga ou de ruptura” é denominada por Suely Rolnik (1989, p.47) como “linha dos afetos.” Para Deleuze é “uma linha que não mais admite qualquer segmento, e que é, antes, como que a explosão das duas séries segmentares anteriores. [...] Há uma espécie de desterritorialização absoluta” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.69). Estas linhas são misturadas umas às outras, e os seres humanos estão “expostos a viver estas três linhas, em todas as suas dimensões. É através delas que eles se expressam, se orientam. É em seu exercício que se compõem e decompõem seus territórios com seus modos de subjetivação, seus objetos e saberes” (ROLNIK, 1989, p.53).

“A atividade cartográfica tem como foco o movimento, os processos envolvidos no aparecimento de determinados territórios” (ESPERANDIO, 2011, p.123).

O acompanhamento dos processos exige também a produção coletiva do conhecimento. Há um coletivo se fazendo *com* a pesquisa, há uma pesquisa se fazendo *com* o coletivo. A produção dos dados é processual e a processualidade se prolonga no momento da análise do material, que se faz também no tempo, com o tempo, em sintonia com o coletivo. Da mesma maneira o texto que traz e faz circular os resultados da pesquisa é igualmente processual e coletivo, resultando dos muitos encontros. (BARROS, L. P.; KASTRUP, 2009, p. 73, grifo das autoras)

Em quais contextos, espaços, territórios e afetos percebem-se elementos mais significativos para uma eficaz cartografia do mundo vivido e percebido das pessoas solteiras adultas? Quais as implicações para a teologia no sentido de apoio e pastoreio? Como proporcionar espaços de afirmação da vida, ou seja, as linhas de fuga, a ruptura do instituído no meio eclesial protestante que contemple a inclusão de pessoas adultas solteiras atuantes e aceitas com naturalidade? A cartografia

possibilita esta busca por outros territórios, a produzir desterritorializações e reterritorializações. É captura e produção de sentidos.

A cartografia, enquanto método requer, para funcionar, de dispositivos que desempenhem funções importantes. “O método vai se fazendo no acompanhamento dos movimentos das subjetividades e dos territórios” (BARROS, R. B.; KASTRUP, 2009, p. 77).

Segundo Barros, L. P. e Kastrup (2009, p. 58), ao iniciar-se uma investigação de processos de subjetividade já há, na maioria das vezes, um processo em curso. Assim o cartógrafo começa pelo meio, entre pulsações. “Na noção de processamento a pesquisa é entendida e praticada como coleta e análise de informações. [...] Se entendemos processo como processualidade estamos no coração da cartografia” (*id.*).

Na reflexão de Deleuze (1992), a linha de subjetivação é um processo, uma produção de subjetividade num dispositivo: ela deve se fazer para que o dispositivo a deixe ou a torne possível. Para Michel Foucault (1979, p.244), os dispositivos são definidos no conjunto que engloba “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”.

Segundo Barros, R. B. e Kastrup (2009, p. 79), o dispositivo alia-se aos processos de criação, e o trabalho do cartógrafo se dá no “desembaraçamento das linhas que o compõem – linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação.”

Para Deleuze (1990, p.155), um dispositivo implica linhas de força. “Também aqui uma linha de subjetivação é um processo, uma produção de subjetividade num dispositivo: ela está pra se fazer, na medida em que o dispositivo o deixe ou o faça possível. É uma linha de fuga.”

Quais dispositivos podem ser percebidos na pesquisa das subjetividades de pessoas solteiras? Em quais territórios eles estão? Quais práticas de subjetivação extraem a função de dispositivos de certos agenciamentos que revelam a potência de fazer falar, fazer ver e estabelecer relações?

Barros, R. B. e Kastrup (2009, p. 90) afirmam que os dispositivos são necessários para o acompanhamento de processos de produção de subjetividade. “O dispositivo tenciona, movimenta, desloca para outro lugar, provoca outros agenciamentos. Ele é feito de conexões e ao mesmo tempo, produz outras.”

Ao falar sobre si, a pessoa adulta solteira indica os modos de ver e de dizer, permitindo novos regimes de enunciação e de subjetivação. Cartografar o seu modo de vida no contexto familiar e eclesial, adentrando pelos diversos territórios, é analisar as linhas postas em ação e as superfícies predominantes com suas potências e resistências para a produção da vida.

Barros, R. B. e Kastrup (2009, p. 78) afirmam parafraseando Deleuze (1992), que a realidade é feita de modos de iluminação e de regimes discursivos.

O saber é a combinação dos visíveis e dizíveis de um estrato, não havendo nada antes dele, nada por debaixo dele. [...] É preciso pegar as coisas para extrair delas as visibilidades, [...] é necessário rachar as palavras ou frases para delas extrair os enunciados (*id.*).

Segundo Barros L. P. e Kastrup (2009, p. 69), métodos como análise do discurso e análise do conteúdo são compatíveis com o método da cartografia desde que não levem a um congelamento de dados ou ocasionem a perda da dimensão de transformação do processo que está sendo identificado.

Para Fiorin (1997, p.10), mestre e doutor em Lingüística, um dos modos de ver o ato de escrever considera a escritura como produção de sentidos a partir das possibilidades muito amplas que a gramática discursiva oferece.

Foucault (1987a, p.56) tenta mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato ou de confronto entre uma realidade e uma língua. Para ele é necessário tratar os discursos como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam.

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (*id.*).

Que dizem os textos deste século? Que rupturas instauram? Que efeitos esses discursos têm sobre as pessoas solteiras, especialmente nos nossos dias? O que os discursos, por sua vez, das pessoas solteiras têm revelado sobre o modo de ser solteiro (a)?

Foi com este olhar que se pretendeu analisar os processos que se dão nesse grupo. Análise essa que compreende, tanto as observações participante, quanto os questionários aplicados. Para um adequado aproveitamento dos questionários na composição dessa cartografia, as observações de Fiorin e Savioli (2001, p.102) foram bastante úteis. Estes autores observam que deve-se levar em consideração a conexão, a coerência entre os vários elementos do discurso textual. “Essa coerência é garantida, entre outros fatores, pela reiteração, a redundância, a repetição, a recorrência de traços semânticos ao longo do discurso”.

É necessário tentar agrupar os elementos significativos (figuras ou temas) que se somam ou se confirmam num mesmo plano do significado para se perceber a reiteração. Isto deve ser feito no texto inteiro. As recorrências determinam o plano de leitura do texto. As interpretações que não encontrem apoio em elementos do texto devem ser abandonadas (*Ibid.* p.104).

Assim, um termo ou uma palavra, pode vir acrescido de outros significados paralelos, impressões, valores afetivos, negativos ou positivos, além do seu significado denotativo. “Esses valores sobrepostos ao signo constituem aquilo que denominamos sentido conotativo e esse acréscimo de um novo conteúdo constitui a conotação” (*Ibid.* p. 114).

Os autores salientam a importância da segmentação do texto na interpretação para se perceber cada uma de suas passagens e as relações existentes entre elas. Diminui-se, assim, o risco de passar por cima dos dados importantes. E nesta percepção das relações existentes entre as várias partes, supera-se a visão fragmentária e ganha-se visão da totalidade. Os critérios mais úteis e mais confiáveis se fundamentam principalmente nas “oposições” ou nas “diferenças” existentes entre as várias partes de um texto (*Ibid.*, p.155).

Nas narrativas realizadas, o que está oculto deve ser recuperado a partir das relações de pressuposição. “Quando se diz que um querer, um dever, um saber, um poder estão presentes numa narrativa, pressupõe-se também a existência de um não querer, um não dever, um não saber e um não poder” (FIORIN, 1997, p.24). Este autor afirma ainda que a tematização e figurativização são dois níveis de concretização do sentido. “A figura é o termo que remete a algo do mundo natural: árvore, vagalume, sol, correr, brincar, vermelho, quente, etc. [...] é todo o conteúdo que tem um correspondente perceptível no mundo natural.” Este mundo natural pode ser o efetivamente o existente ou o construído (*Ibid.*, p. 64). “Tema é um investimento semântico. [...] São categorias que organizam, categorizam, ordenam as figuras: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso, etc” (*Ibid.*, p.67).

Fiorin (1997, p.70) afirma que é necessário analisar o funcionamento das figuras de um texto. As possibilidades são múltiplas, mas não infinitas. Elas estão bem delimitadas porque todas as significações virtuais estão relacionadas ao chamado núcleo estável de significação. Para ele, ler um percurso figurativo (encadeamento de figuras) é descobrir o tema que subjaz a ele. “Um texto pode ter mais de um percurso figurativo. O número de percursos depende dos temas que se deseje manifestar” (*Ibid.*, p.70). As diversas leituras que um texto aceita, já estão nele inscritas como possibilidades e não se fazem a partir do arbítrio do leitor, mas dos significados presentes no texto (*Ibid.*, p.81). “Quando se agrupam as figuras a partir de um elemento significativo, estamos perto de depreender o tema do texto” (*Ibid.*, p.103).

Enfim, para compreender os processos de subjetivação de pessoas adultas solteiras em seus contextos, considerando as implicações da pesquisadora com o campo, é necessário levar em conta as suas falas e não-falas; os discursos que emergiram pela provocação das perguntas do questionário, as conversas sobre as respostas dadas no mesmo; e as observações do movimento desse grupo – nos encontros de oração, nos congressos, etc. Um olhar atento através de um método apropriado como a cartografia, se faz pertinente e necessário neste território permeado de complexidade e tão imbricado em seu contexto familiar e eclesial.

CAPÍTULO II

A PESQUISA E SEUS ACHADOS

As pessoas adultas solteiras de comunidades protestantes têm um modo de ser característico. Neste capítulo se faz a abordagem das experiências vivenciadas por elas, relatadas tanto nas conversas com a pesquisadora, a partir da aplicação do questionário semi-aberto, quanto das observações pessoais de todas as atividades realizadas junto a esse grupo.

A utilização de categorias temáticas pressupostas (e outras apontadas pelo questionário, na análise de discurso em suas figuras e temas) aliadas às informações do contexto mais amplo (grupal e social), obtidas no levantamento sócio-demográfico e estudos dos processos de produção de subjetividade contemporâneos, possibilitam alcançar os objetivos propostos na atividade cartográfica. Por isso, são importantes os relatos da pesquisadora, de reuniões diversas, deste grupo durante o ano de 2011. Tais observações contribuíram para a cartografia proposta, enriquecendo a compreensão dos significados das experiências.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O projeto de pesquisa foi aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa da PUCPR. O recorte deste estudo restringe-se a pessoas adultas solteiras participantes do grupo autônomo interdenominacional, *Ministério Jovens Adultos*, de Curitiba que reúne mensalmente de 40 a 70 pessoas de várias denominações religiosas, sendo que, 90% dos (das) participantes se denominam evangélicas protestantes.

A hipótese de onde o estudo partiu foi de que existem questões relativas à produção de subjetividade e modos de vida no contexto familiar e eclesial de jovens adultos(as) solteiros(as) que resultam em acréscimo de sofrimento próprios pela condição de estarem só, contribuindo para estados de paralisia em alguma área da vida. Estes estados provocam invisibilidade, auto-exclusão, dificuldades em relacionamentos familiares, sofrimento e envolvimento limitado em trabalhos de suas comunidades eclesiais. Como também existem outras possibilidades no “modo-solteiro-de-ser”.

O objetivo geral desta pesquisa é evidenciar os processos de subjetivação (criação de modos de existência) e compreender as experiências subjetivas de participantes desse grupo em relação à condição de solteiras(os). Colocar em evidência os limites e possibilidades presentes nesse processo de subjetivação pode favorecer escolhas mais afirmativas por esses sujeitos.

Assim, definiram-se como objetivos específicos deste estudo: 1) Delinear processos de produção de paralisia na dimensão individual, institucional e familiar de pessoas solteiras adultas; 2) Apontar possibilidades de modos de existência afirmativos de auto-reconhecimento e estímulo para enfrentar situações e entrar na dinâmica da vida com todas as suas oportunidades e, ainda, 3) fornecer subsídios para as comunidades de fé, no sentido de proporcionar pastoreio adequado facilitando a integração de pessoas adultas solteiras.

As perguntas do questionário semi-aberto, 27 ao todo, visavam compreender os processos de subjetivação delineadores da vida da pessoa adulta não casada, bem como identificar as percepções e sentidos atribuídos por estes sujeitos a respeito dos contextos familiares, culturais e eclesiais que têm experimentado em sua vida. As questões buscaram levantar dados que apontassem: a compreensão da pessoa sobre a sua própria condição de não casada, que fatores ela reconhece que apontam para sua opção; como ela entende os processos familiares, sociais e eclesiais em relação à sua opção; quais os sentimentos que lhe vêm à mente pelo fato de não ser casada; o que ela acredita que os outros pensam a esse respeito e em que isso afeta seus sentimentos e maneiras de agir. Os questionários respondidos estão e ficarão em posse da pesquisadora, em local protegido, não sendo, sob hipótese nenhuma, repassados a terceiros.

2. A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Os mais de 15 anos de convivência em grupos de pessoas não casadas, em retiros, congressos, reuniões, representação em diretorias de igrejas, atividades específicas e o fato de ter permanecido solteira até os 41 anos me possibilitam perceber esse grupo de forma singular. Trata-se de um grupo diferente dos habituais das igrejas. Nas comunidades de fé, em geral, só existem trabalhos para as situações consideradas “normais”, que são os grupos de casais, de jovens, de adolescentes, de crianças de todas as faixas etárias, de idosos e grupos familiares com família completa (pai, mãe e filhos). Afinal, a demanda de grupos especiais como de solteiros/ as, viúvos/as, divorciados/as, filhos sem um dos pais (famílias monoparentais) e outras situações mais, tem sido recente nas igrejas que muitas vezes não estão preparadas para isso.

A observação das falas e desabafos, escutas na caminhada, gente indo e vindo, casando, separando, ficando viúva, desperta uma série de sentimentos e pensamentos sobre os processos de subjetivação destas pessoas em seu meio existencial, em sua maioria, de comunidades protestantes. Algumas pessoas não conseguem dar conta dos desafetos, não encontram linhas de fuga que conduzam a novos territórios e vivem em estados paralisantes. Muitas histórias registradas, exemplos daqui e dali, anotações de escutas em reuniões afins, aconselhamentos, conversas em grupos ou individuais no período de janeiro a setembro de 2011 e mais as respostas dos questionários propostos para este trabalho compõem o banco de dados para essa cartografia do modo-solteiro(a)-de-ser em comunidades protestantes.

Em posse da aprovação por escrito do projeto de pesquisa pelo Conselho de Ética da PUCPR, iniciou-se a organização e aplicação dos questionários e das conversas com os sujeitos selecionados para a pesquisa. Também foram consideradas as falas das pessoas em outros momentos, que não apenas o registro no questionário, por exemplo, as observações dos congressos, os depoimentos e as reuniões de grupos. Quanto à aplicação do questionário, optou-se tanto pelo agendamento de um encontro presencial, quanto pelo preenchimento digital, feito pelo próprio respondente. Os encontros, especialmente os primeiros, tiveram a

duração de aproximadamente uma hora, conseguindo respostas que poderiam ajudar na compreensão dos processos. Para alguns sujeitos foram necessárias duas ou até três conversas para conseguirem refletir em assuntos que nunca haviam refletido antes. Foram respeitados os direitos quanto à liberdade de responder o que fosse conveniente a eles. As pessoas tiveram a liberdade de recusar em qualquer tempo a participação na pesquisa.

A possibilidade de refletir sobre as questões em sua própria casa por algumas semanas deixou alguns deles mais tranquilos sobre o que de fato queriam expor sobre suas vidas e como expor. Isto exigiu um tempo maior de reflexão, mas melhorou a qualidade do material coletado. Entretanto, o contato pessoal para a finalização das questões propostas no questionário, aconteceu junto à maioria dos sujeitos selecionados. As autorizações exigidas pelo Conselho de Ética em Pesquisa da PUC foram assinadas por todas as pessoas que responderam ao questionário.

O grupo de estudo bíblico e oração, que se encontra semanalmente é composto por aproximadamente 25 pessoas. As reuniões mensais mais amplas possuem uma freqüência média de 50 pessoas. Já os congressos, realizados uma vez ao ano, têm uma participação média de 150 pessoas de várias confissões religiosas. Os sujeitos selecionados para responder ao questionário foram 11 homens e 13 mulheres, perfazendo o total proposto no projeto, de 24 pessoas. De quinze homens contatados, dois não se manifestaram, um respondeu ao questionário, mas não foi considerado por estar acima da faixa etária proposta para o estudo, que era entre 30 e 59 anos e um deles respondeu, por correio eletrônico, que não se sentia a vontade para falar de si. Argumento que foi respeitado. Das mulheres, duas não se manifestaram de 15 contatadas. As pessoas contatadas para aplicação desse instrumento deveriam ser solteiras ou as que se casaram após os 30 anos de idade, com a condição de que tenham participado pelo menos uma vez de alguma das reuniões do *Ministério Jovens adultos*.

Para evidenciar processos no meio protestante, foram convidadas somente as pessoas que estão pelo menos há três anos no convívio em comunidades de origem protestante (Luterana, Batista, Menonita, Quadrangular, Metodista, Presbiteriana, Fonte da Vida) independente do tempo que participam ou participaram do grupo *Ministério Jovens Adultos*.

Os processos de subjetivação das pessoas adultas não casadas, neste trabalho, podem ser compreendidos através de aspectos como: o valor que elas dão à constituição familiar quanto ao papel do masculino e feminino e aos ensinamentos cristãos sobre família e a percepção própria do funcionamento de sua família de origem. Procurou-se também evidenciar modos de ser que são característicos de pessoas solteiras e também o que nos discursos se repete e o que se contradiz.

Durante as conversas quando os questionários foram aplicados, surgiram questões de estranhamento com as perguntas feitas. Ficaram evidentes os processos subjetivos cristalizados, expressos em ignorância e preconceito para com as pessoas solteiras, advindas tanto de fora do grupo de não casados, quanto entre elas próprias. Um exemplo disso é que as pessoas não faziam idéia do quanto idealizavam suas famílias de origem, não se dando conta de que o temor oculto nelas mesmas, era de repetir os modelos de suas próprias famílias.

Durante as respostas aos questionários, e mesmo nas conversas com os selecionados para a aplicação desse instrumento, percebeu-se que os sujeitos tendem a uma auto-preservação na exposição de si. O aprofundamento de certas questões do questionário limitou-se àquilo que cada sujeito permitia ou não aprofundar. Neste sentido, buscou-se respeitar os limites dados por cada um/a.

3. ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL DISPONÍVEL

Para uma melhor utilização dos questionários na apresentação dessa cartografia, as respostas foram transcritas para uma planilha eletrônica do programa Excel em colunas classificadas pelos itens das perguntas. As pessoas respondentes foram codificadas em M1 a M13 para as mulheres e H1 a H11 para os homens.

Na composição dessa cartografia foram destacadas as falas dos sujeitos, possibilitando assim, a apresentação de temas e figuras, conforme propõe Fiorin (1997, p.64). Foram recortados os temas iguais com figuras semelhantes e elaboradas algumas frases temáticas utilizando-se na medida do possível as figuras utilizadas pelos sujeitos da pesquisa. As análises foram feitas sobre estas frases.

As figuras e temas foram integradas na cartografia onde se visualizam também as linhas de força (linha dura, flexível e de fuga) que compõem os territórios existenciais das pessoas adultas não casadas. As falas, na íntegra, foram dispostas por ordem de numeração das perguntas e se encontram no apêndice em forma de quadros numerados de 2 a 36 para possíveis verificações. As que estão no corpo dos textos recebem a identificação dos respondentes no seguinte código: "(M1, Q10)", por exemplo, se referindo à mulher 1 cuja fala se encontra no quadro 10, e da mesma forma "(H1, Q10)" para as falas dos homens. Também se percebeu ser conveniente omitir profissão e igreja específica (solicitados nos questionários) dos respondentes neste trabalho para que não haja riscos de constrangimento.

Compreender a história das pessoas adultas solteiras dentro de suas comunidades eclesiais é como observar a figura do rizoma utilizada por Deleuze e Guattari (1995, p.11-37). O rizoma é um tipo de caule com um comportamento peculiar podendo se espalhar em diversas direções indo e voltando do solo. Ele pode ser aéreo, criar nódulos, bifurcar, trifurcar, multifurcar. Com o termo Rizoma eles opõem à noção estrutural de árvore que é verticalizada. Onde há uma multiplicidade é possível ver o arranjo de linhas definidas pelo fora, pela desterritorialização onde as linhas mudam quando se conectam a outras sem hierarquização. Nesta cartografia, em qualquer ponto de seu território se percebem entradas múltiplas.

Ao identificarmos os territórios ou lugares, as organizações, as leis, os enunciados que se fazem como dispositivos, podemos analisar as linhas que fazem os processos de subjetivação das pessoas adultas solteiras.

É um desafio expor um pensamento que está ligado à idéia de movimento, de deslocamentos, de percursos experimentáveis sem traçado pré-determinado e tornar visível o que se move. Os mapas dos territórios das pessoas solteiras adultas são diversos e variáveis. Como captar os seus sentidos rizomáticos na invenção da desterritorialização?

Podemos trabalhar com limites conceituais mais flexíveis, menos rígidos, uma vez que os territórios podem ser posicionados em espaços provisórios, cheios de brechas no instituído e fluir nestes movimentos de deslocamento.

4. A ANÁLISE CARTOGRÁFICA

Os respondentes dos questionários foram pessoas com idade entre 30 e 59 anos. A média foi de 43 anos, tanto para homens como para mulheres, como pode ser verificado nos quadros 1 e 2 abaixo.

	Data	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Se casado(a), com quantos anos casou-se a primeira vez?	Tempo em Igreja Protestante (anos)	Sua igreja possui grupos para pessoas não casadas?
H1	3/3/2011	49	Solteiro	Superior Completo		25	Não
H2	7/2/2011	55	Solteiro	2º Grau Completo		16	Sim
H3	3/1/2011	41	Solteiro	2º Grau Completo		41	Não
H4	10/1/2011	34	Solteiro	Superior Completo		15	Sim
H5	2/2/2011	35	Casado	Superior Incompleto	33	3	Sim
H6	6/2/2011	56	Solteiro	2º Grau Completo		56	Não
H7	24/1/2011	38	Casado	Superior Completo	35	38	Sim
H8	10/1/2011	47	Casado	Superior Completo	45	10	Não
H9	17/4/2011	36	Solteiro	Pós-Graduação		36	Não
H10	11/7/2011	43	Solteiro	Superior Completo		30	Não
H11	20/9/2011	40	Solteiro	1º Grau Incompleto		40	Não

GRÁFICO 1 - Dados Sócio-demográficos do Gênero Masculino.

	Data	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Se casado(a), com quantos anos casou-se a primeira vez?	Tempo em Igreja Protestante (anos)	Sua igreja possui grupos para pessoas não casadas?
M1	18/1/2011	51	Solteira	Pós-Graduação		51	NÃO
M2	30/1/2011	50	Solteira	2º Grau Completo		8	SIM
M3	16/1/2011	44	Solteira	Pós-Graduação		30	NÃO
M4	19/1/2011	30	Solteira	Pós-Graduação		30	NÃO
M5	20/1/2011	38	Casada	Pós-Graduação	37	38	SIM
M6	23/1/2011	35	Casada	Superior Completo	32	35	SIM
M7	12/1/2011	54	Solteira	2º Grau Completo		54	SIM
M8	11/1/2011	37	Solteira	Superior Incompleto		15	SIM
M9	16/1/2011	45	Solteira	Superior Completo		45	SIM
M10	10/1/2011	53	Casada	Superior Completo	41	35	NÃO
M11	6/6/2011	37	Solteira	Pós-Graduação		36	SIM
M12	20/6/2011	43	Casada	Pós-Graduação	39	43	SIM
M13	11/7/2011	39	Separada	Pós-Graduação	38	39	NÃO

GRÁFICO 2 - Dados Sócio-demográficos do Gênero Feminino.

Conforme esses quadros, obteve-se 72% de homens solteiros e 69% de mulheres solteiras, numa média geral de 70,50%. Os outros 29,50% são pessoas

que se casaram após os 30 anos de idade e foram convidadas por que passaram pelos nossos grupos e tiveram uma experiência de confronto pessoal com sua identidade de pessoa solteira.

4.1 As linhas dos processos de subjetivação: questões de gênero, independência financeira e autonomia familiar

O que os dados levantados nos questionários, a respeito da formação acadêmica mostram sobre a independência financeira e mesmo a educação familiar desse grupo, em relação à questão específica destas pessoas adultas não casadas? A fala de um dos sujeitos é reveladora: “para meu pai o que importava era saber ler e escrever e casar” (M2, Q10).

Esta figura reflete um enunciado de indignação pelo não-incentivo à formação acadêmica. Dispositivos como estes aparecem a todo instante nestes processos de existência observados, considerando que algumas experiências não são exclusivas de pessoas solteiras. Quantas pessoas casaram-se aderindo a estes enunciados?

Nota-se pela porcentagem de pessoas que fizeram um curso superior ou pós-graduação, num total de 69%, que houve um empenho, principalmente entre as mulheres, em avançar seus estudos conforme gráfico abaixo:

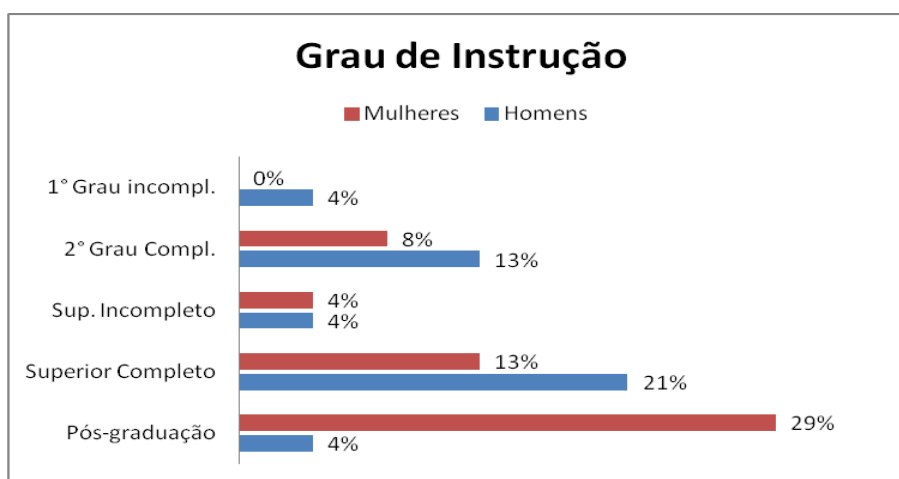


GRÁFICO 3 – Grau de Instrução

Esse gráfico mostra em porcentagem que, de oito pessoas que fizeram pós-graduação, sete são mulheres e apenas uma é homem, sendo excelente a média das pessoas que cursaram o nível superior. Este dado nos faz ver alguma coisa? Quais linhas dos processos de subjetivação estão visíveis? Podemos, ao ouvir os sujeitos da pesquisa, capturar algumas destas linhas neste território da formação acadêmica e avanço profissional. Linhas de outros territórios passam por aqui e fazem parte do processo.

Quando pediu-se que explicasse caso houvesse interrompido os estudos, as respostas evidenciaram que doze pessoas (a metade) não interromperam seus estudos. Pode-se até dizer que o fato de permanecer solteiro(a) favoreceu esse quadro. Na verificação de algumas linhas que perpassam a subjetividade dessas pessoas, nas respostas de outras perguntas e o seu contexto social, percebem-se vários fatores que dão luz a este empenho na formação acadêmica.

Este retrato, possibilitado pela aplicação do questionário, mostra um momento recortado, mas que aponta um dado revelador do processo. Como cada discurso revela uma história, um percurso e uma visão de mundo, e considerando que, o que vem de fora e da história fazem parte deste percurso, vale situar que esta faixa etária média de 43 anos passou por uma adolescência em que as moças não se conformavam em ver suas mães ou avós como donas de casa, completamente dependentes de seus maridos e com pouco grau de instrução.

Neste sentido, Maia (2007, p. 15) se reporta ao contexto social orientado pela política de constituição do estado republicano no Brasil durante a primeira metade do século XX. O Estado procurou implantar “um projeto de progresso e emancipação fundamentado nos princípios da modernidade” que teve sua centralidade na família conjugal legalmente constituída pelo matrimônio burguês. Para cumprir este propósito, a lei rezava que a mulher casada só poderia trabalhar fora com o consentimento do marido e os discursos da época não recomendavam que o homem desse tal autorização. Era ponto de honra para o marido poder sustentar a esposa.

As mulheres casadas eram praticamente impedidas legalmente de trabalharem fora, até a promulgação da lei de 1962⁷ (*id.*).

Neste contexto, as mulheres que se mantivessem solteiras celibatárias (como forma de manter a honra), tinham mais autonomia do que as casadas para buscar trabalho remunerado e formação acadêmica, não sendo impedidas pela lei como as casadas. Muitas fizeram opção pela vida solitária como forma de assegurar essa autonomia, mesmo sendo amplamente criticadas pelos discursos da época (Maia, 2007, p.205).

Para Maia (*id.*), esse tipo de mulher “foi o que mais causou incômodo porque subvertia os ideais de passividade, de dependência e de altruísmo construídos como princípios e essência feminina”. E, em consequência, foi sobretudo “para esse tipo de celibatária que se dirigiam os discursos sobre a *solteirona* como uma mulher egoísta por excelência.”

Algumas mulheres, embaladas pela flexibilidade do momento que propiciava melhores condições de estudo, buscaram linhas de fuga, avançando por estes outros territórios, como diria Deleuze, “sem volta”.

Alguns processos verificados na pesquisa, nesta área da formação acadêmica, foram mais lentos. Percebeu-se um recomeço aos 37 anos na faculdade, pós-graduação e outros cursos, sem percepção de interrupção pela respondente (M9, Q10). Ao se levar em consideração os anos sem estudar, há uma indicação de interrupção que não é percebida por ela própria, detectando-se assim um processo de negação. Vários processos de negação aparecem para rompimento de um estado estressor, de se anestesiarem algo não-desejável. São linhas indo e vindo, tentando achar descanso na negação.

Outras pessoas relataram que interromperam seus estudos por razões como: “não levar a vida a sério”, falta de definição de curso, por se sentir incapaz, por ter que ajudar financeiramente em casa ou ainda por não gostar de estudar. O fato de que pessoas interromperam seus estudos para ajudar no sustento da casa pode ser

⁷ O Estatuto da Mulher Casada, lei 4.121 aprovado em 1962 revogou mais de 10 artigos do código civil de 1916, em decorrência das pressões feministas nos anos 60 (MAIA, 2007, p. 283).

visto como forças de fora, uma dobra obrigando a arranjos desejáveis ou não, como no caso da busca de uma formação acadêmica.

Já em muitos casos, se percebe que foi dada prioridade aos estudos em detrimento do casamento, (mesmo a lei já permitindo que uma mulher casada pudesse estudar). Outro fator apontado para retardar a opção pelo casamento é a necessidade de obtenção de condições financeiras melhores para um projeto de casamento, principalmente nas respostas dos homens como reflexo da construção da idéia de que o homem honrado deveria sustentar sua esposa. Neste sentido, existe a pressão construída da “desonra” ao não poder sustentar uma esposa. É o que se comprova, por exemplo, na seguinte declaração: “É vergonhoso passar dificuldade financeira. Antigamente os maridos sustentavam o lar. Aprendi em casa. Acho que o marido deve sustentar a casa, mas hoje já concordo que a esposa trabalhe fora” (H11, Q14).

Os dados mostram que 54% dos homens e 61% das mulheres são totalmente independentes e 46% dos homens e 39% das mulheres são parcialmente independentes (Q9), no período de não casado (a). Além disso, algumas respostas evidenciaram que muitas pessoas ainda moram com os pais mesmo que tenham alcançado alguma independência financeira. As razões apontadas são a preocupação com os pais, a dependência financeira, o medo de morar sozinho(a) e até por causa das “mordomias” existentes lá como ilustra esta fala: “Morava na casa dos pais, aonde tinha minhas refeições, roupa lavada e passada e até um determinado período usava o carro deles” (H7, Q6).

Em outra fala apareceu uma situação comum entre as famílias que convivem com uma pessoa solteira e que, neste caso evidenciou um processo de subjetivação onde a linha de fuga ficou evidente: “Sempre fui parcialmente independente, pois era o que todos jogavam na minha cara: que eu jamais iria conseguir ser alguém e muito menos ser independente. Mas agora, há 4 meses, estou totalmente independente morando na minha casa (M3,Q6)”.

Há pessoas que se amoldam a certos tipos de afirmações como se fossem verdades e por fim, muitas, como esta respondente, romperam com este estigma e buscaram um novo território, o da independência financeira, propiciando um novo

sentido às suas vidas. Este enunciado revela um território novo, uma reterritorialização que foi alcançada na medida em que as linhas de segmentaridade rígida dos enunciados de outras pessoas sobre a pessoa solteira foram sendo fissuradas pelo não conformismo. Novas linhas, agora flexíveis, foram surgindo à medida que o instituído foi questionado. Com a necessidade de “fazer-não-ser” neste percurso figurativo, houve uma história de rompimento com o que já não mais se poderia suportar. Houve a concretização numa linha de fuga “do sair de casa” para que, “o que não se poderia ser” pudesse ser, ou seja, “ser alguém” e ser independente.

Houveram respostas onde se percebeu o apoio dos próprios pais para que a pessoa solteira pudesse se tornar independente. Mas nem sempre é assim. Para outras pessoas, os pais criam laços inconscientes de dependência nos próprios filhos para que eles mesmos não fiquem sozinhos.

“Acredito que às vezes *sobra* alguém solteiro para cuidar dos pais” (H6, Q6). Esta afirmação ilustra a intenção da pergunta: “Você já acreditou ou acredita que a maior responsabilidade em cuidar dos pais é de filhos(as) solteiros(as)?” (Q29). Este mesmo enunciado é complementado por uma afirmação de que sempre houve um senso de responsabilidade, reforçado pelo ensino na igreja, com o cuidado aos pais: “Na igreja se acredita que temos que cuidar de nossos pais”. Mas, a maioria dos sujeitos que responderam ao questionário não acredita que a maior responsabilidade seja do/a filho/a solteiro/a (Q29).

O quadro abaixo ilustra que a soma dos homens e das mulheres que responderam “não” à pergunta citada anteriormente equivale a 67% do total.

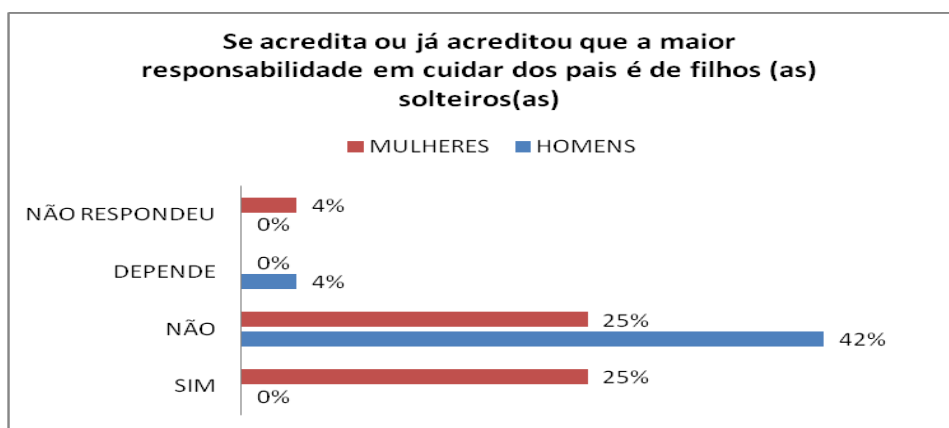


GRÁFICO 4 - Maior responsabilidade dos solteiros em cuidar dos pais.

As mulheres, 46% delas (25% do total) responderam que acreditam ou já acreditaram na maior responsabilidade no cuidado dos pais pelos filhos solteiros (as). No entanto, nenhum homem respondeu “sim”. Todas as demais pessoas responderam “não” ou não responderam (Q29).

Entre os principais argumentos dos respondentes que já acreditaram que a maior responsabilidade em cuidar dos pais é dos filhos(as) solteiros(as), aparecem temas figurativos como: “casados não se envolvem, não pensam na vida de pessoas solteiras, acham que elas têm menos compromissos e mais tempo” (M1, Q29). Outra resposta utilizou *antífrase* (ironia) e *hipérbole* (exagero) como recursos de argumentação: “Porque são os que moram com os pais; são os desocupados, pois não tem filhos e nem marido pra cuidar, e assim, eles tem nada pra fazer, e é a sua obrigação cuidar dos pais” (M3, Q29).

O que estes enunciados visibilizam? Certo repúdio a algo dado, instituído, cristalizado que necessita ser rompido. Já tem sido rompido para elas, mas há de se convencer as pessoas que tem esta visão de utilidade do “ser solteiro(a)”. É um conceito que está em transição de uma linha de segmentaridade dura para uma flexível. Que começa a desterritorializar-se e só conseguirá reterritorializar-se sob novos conceitos que devem ser construídos, anunciados. Devem ser remodelados a cada desconforto. Nesse enunciado, a ironia e o exagero têm sido usados como linhas flexíveis a desestabilizar o dispositivo detectado. O alívio de que fala Rolnik se dará na nova conformação do território, do lugar do cuidado com os pais que tem sim, “sobrado” para as pessoas solteiras em muitas famílias de integrantes de grupos como este que está sendo pesquisado.

Segundo Romagnoli (2010, p.170), forças estranhas de fora, que pedem uma decifração ao desestabilizar o território existencial conhecido, provocam os deslocamentos da subjetividade. No contato com a subjetividade, essas forças “aumentam a impressão de estranheza do mundo e conduzem a rupturas de sentido.” Rupturas de sentido têm acontecido no confronto com a realidade, que muitas vezes é aceita sem que haja questionamento por parte das pessoas solteiras. É nesses processos de conformismo que se percebem muitas paralisações.

Algumas pessoas acreditam ou já creditaram que a maior responsabilidade é dos solteiros (as) em cuidar dos pais por causa de uma dobra de fora: “porque foi o que eu vi na família da minha mãe e na comunidade menonita⁸” (M11, Q29). É algo que foi dado pelo contexto familiar e eclesial como ilustra esta outra afirmação: “é uma questão familiar, de como a família vê o solteiro, em muitas a solteira tem obrigação de cuidar porque tem mais tempo” (M12, Q20). Quando se passa a questionar o que é instituído, na sociedade em geral e em particular nas comunidades de fé, há com certeza, uma ruptura, uma quebra de paradigma, delineando-se um novo território.

Um enunciado aponta uma possível explicação para esta crença de que a pessoa solteira tem a maior responsabilidade de cuidar dos pais: “É uma coisa cultural [...] uma mentira repetida muitas vezes se torna uma verdade. Ouviram sempre que o solteiro deve cuidar dos pais e se sentem culpados só de pensar em “abandoná-los”” (M7, Q29). Esta é uma constatação que temos ouvido muito em nossos encontros e, o desafio tem sido ajudar essas pessoas a compreenderem as verdades ocultas no processo e não se sentirem culpadas por quererem dividir com irmãos casados a responsabilidade de cuidar dos pais.

Muitas pessoas solteiras tem se anulado nesta tarefa informalmente instituída numa linha de segmentaridade dura, neste “costume” das famílias em atribuir esta tarefa aos filhos(as) solteiros(as) que têm se percebido insatisfeitos (as), por acreditarem muitas vezes que tem que ser assim. Novamente o instituído tem que ser abalado por linhas de segmentaridade flexíveis que vão desterritorializando, ou se acomodando ou rompendo através de linhas de fuga.

Pensando em uma linha de fuga, algumas pessoas de nosso grupo têm experimentado ousar morarem sozinhas quando são ajudadas a perceber que os pais ainda não precisam delas por causa de limitações de idade ou de saúde, se de fato é assim mesmo. O que as deixa livres de culpa é se comprometer no momento em que os pais necessitarem realmente, de convocar todos os irmãos para buscarem soluções que sejam convenientes a todos.

⁸ Igreja protestante anabatista de origem étnica, que veio para o Brasil em 1930, da Rússia e preserva a língua Alemã como língua materna.

É evidente que algumas pessoas sentem prazer nesta tarefa e encontram nesse “destino” a sua missão, fazendo disso o sentido de sua vida e o motivo de ter ficado solteira (o). É também uma forma de reterritorialização que, se prazerosa, pode indicar uma vocação e um sentido na vida. Em outro sentido, o que pode causar sofrimento e se estabelecer como sofrimento, configurando relações injustas, seria a generalização desta regra, reforçando uma linha de segmentaridade dura como temos visto entre as pessoas solteiras, suas famílias e suas igrejas. Sabemos de muitas pessoas que tem se amoldado a esta condição por prazer. Mas não é assim com todas.

Uma visão mais idealista apontou que cada um tem suas atividades, responsabilidades, sua vida e acredita que essa tarefa acaba sempre sobrecarregando mais uma pessoa do que outra, independente de ser o filho(a) solteiro(a). “Se analisarmos a situação friamente, é claro que temos a impressão de que se um filho for solteiro, terá mais tempo de cuidar dos pais, o que não é verdade (M5, Q29).” Esta visão também reorganiza o território. Ela tem razão quando afirma que não é verdade. Mas muitas pessoas solteiras assumem para si esta tarefa, principalmente se os pais conseguem sustentar a casa sem que o filho ou a filha precisem trabalhar fora.

A pesquisa apontou também que 23% das mulheres ainda acredita que a tarefa é de solteiros(as) com a argumentação de que elas não têm família para cuidar, porque moram com os pais e não precisam dividir a atenção com o cônjuge e porque os casados acabam deixando para elas (Q29).

Hermes e Rosner (2009, p. 44), apontam que o receio de magoar os pais, a culpa por se libertar e por fazer valer seus direitos não podem ser superados facilmente. “E, para muitos, essa expressão de autonomia, que deveria ocorrer gradativamente, durante o crescimento, não surge de maneira alguma. Para outros surge à custa de alienação e solidão” (*id.*).

O terapeuta Collins (2004, p. 447) acredita que algumas pessoas permanecem solteiras pela dependência exagerada em relação a um dos pais ou o sentimento de culpa por deixar o pai ou a mãe. Existem, por outro lado, pessoas que fazem uma opção deliberada e madura de permanecerem solteiras para poderem

cuidar de um familiar. “No entanto, isso às vezes pode ser uma desculpa para evitar os riscos inerentes ao casamento e à intimidade com outra pessoa.”

Mas, o que realmente impede alguém solteiro (a) de não morar com os pais na visão das pessoas que responderam ao questionário?

Para algumas é “o fato de que só se sai de casa casado ou falta de independência financeira” (M11, Q30). Algumas pessoas de nossos grupos não têm boa convivência na casa dos pais, mas não tem coragem de sair e buscar sua independência. Nesta pesquisa, 36% dos homens responderam que nada impede uma pessoa solteira de sair de casa. Outros responderam que o que pode impedir são fatores como finanças, a falta de disposição de sair, a dependência que pode atrapalhar os projetos pessoais dos filhos, o controle tolerado dos pais, a acomodação, a compatibilidade de idéias, a liberdade “preservada” (Q 30). Já as mulheres, (33%) que responderam, entendem que nada impede um filho ou uma filha de não morar com os pais.

As outras 67% apresentaram algumas razões interessantes do que poderia impedir alguém de sair da casa dos pais. Uma das respostas citou a submissão aos caprichos e exigências dos idosos que podem causar desconforto e desgaste de relacionamento e o fato *de não buscarem a privacidade e a autonomia* (M1, Q30). Também aqui, se percebem sinais de paralisação por um não-querer ou um não-poder.

Outras razões apontadas se referem a sentimentos decorrentes de linhas de segmentaridade duras dos discursos de familiares ou instituições: “O sentimento de fracasso, de perdedor, de incapacidade de viver sozinho, ter a síndrome do mal amado e mal ajustado” (M3, Q30); “Situação financeira e pressão psicológica da família e dos pais” (M4, Q30); “O compromisso de acabar tendo que cuidar deles mais tarde” (M7, Q30); “A consciência pesada – abandonar os pais ou algo assim.” (M9, Q30); “O fato de que só se sai de casa casado ou falta de independência financeira” (M11, Q30); “medo, falta de coragem e a mordomia do conforto financeiro” (M12, Q30); “Sua convicção de liberdade, sensação de independência” (M13, Q30). Além do mais, não é incomum as mães ou pais que ainda dizem: “Filha minha só sai de casa casada!”, como se o fato de ficar em casa garantisse um

comportamento desejado de preservar a moralidade e evitar que a filha fique “mal falada”.

Para Hermes e Rosner (2009, p. 47), há pessoas que “tem aversão ao risco, e fazem muito pouco uso do seu talento e de suas habilidades, com medo de mudar a visão da criança dependente e protegida que tem de si mesmos.” Se apavoram com “a autonomia, a independência e o sucesso” pois significam que não podem mais argumentar que suas necessidades precisam estar protegidas. “Para essas pessoas o sucesso não gera êxito. O sucesso traz mais trabalho, uma dependência maior, mais razões para abandonar o argumento de seguir em frente, para muito longe, e explorar o novo e o diferente” (*id.*).

Segundo Nardi (2006, p.133), a família e o trabalho estão associados a um sistema de possibilidades e interdições. “Esse sistema se estrutura a partir de um regime de verdades que funciona como código moral. É em relação a esse código moral que os sujeitos estabelecem as escolhas quanto ao rumo de suas vidas” (*id.*). Nestes termos é cabível a decifração destas instâncias em linhas de segmentaridade flexíveis para colocar na superfície o que, de certa forma, parece oculto ou não óbvio e assim propiciar outras possibilidades de vida.

A constituição de uma família ou a saída da casa dos pais e o ingresso no mercado de trabalho não são os únicos eventos que marcam o processo de autonomização associado à vida adulta, entretanto, no contexto da modernidade [...] eles são os mais importantes (*id.*).

Enfim, vários são as razões que desmotivam o sair de casa. Muitos sentimentos estão contidos nas figuras argumentativas do tema em questão. Alguns temas emergem do tema principal visibilizando outros territórios num emaranhado de linhas que pedem decifração. Sob o tema principal aparecem questões como: uma pressão de fora que pesa no senso de responsabilidade pelo cuidado dos pais pelos solteiros (as); uma dependência financeira e/ou emocional entre ambas as partes (até que ponto saudável tanto para filhos (as) como para os pais?) decorrente da acomodação; sentimentos de fracasso e de aprisionamento por parte de solteiros (as) e ainda “os medos” em várias instâncias que assombram as pessoas solteiras. Além disso, a crença de que só se sai de casado ainda é real para algumas pessoas em seus contextos familiares. Por outro lado, a formação acadêmica e a

independência financeira têm sido como linhas de fuga para a emancipação e individualização de pessoas solteiras.

4.2 As linhas envolvidas na administração do tempo, amizades e envolvimento na igreja

Das pessoas que responderam ao questionário, metade afirmou que tem alguma ou muita dificuldade em administrar o seu tempo estando solteiras, conforme gráfico abaixo que sintetiza o quadro das respostas da pergunta 8 arroladas no quadro 11.

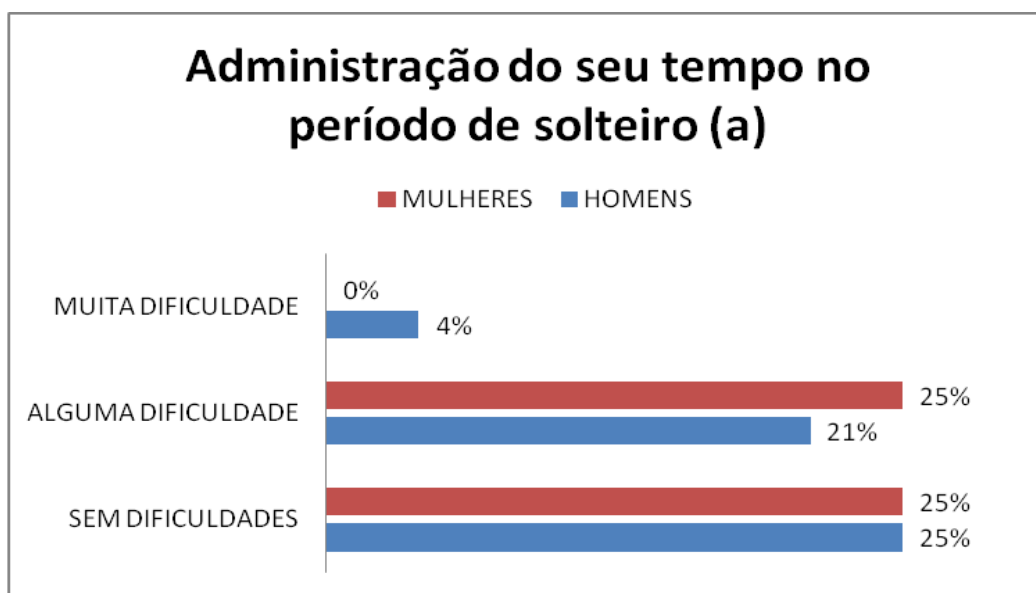


GRÁFICO 5 - Administração do tempo no período de solteiro (a).

O objetivo de se investigar este tema é verificar as percepções e sentimentos de pessoas solteiras a respeito e confrontar com o que se ouve normalmente de pessoas casadas, sobre o comportamento de pessoas solteiras como apontado no tópico anterior.

Percebe-se que as justificativas apresentadas não são exclusividades de pessoas solteiras, pois existem casos de dificuldade em administrar o tempo em pessoas casadas também. Dos argumentos apresentados, destacam-se nos enunciados, “o não-fazer coisas por falta de incentivo”, “dificuldade em usar agenda”,

“necessidade de disciplina constante para que as coisas básicas aconteçam”, “perder-se em detalhes no planejamento” e, a “priorização do trabalho deixando de lado a vida social” (Q11). O que diferencia a experiência de pessoas solteiras são alguns argumentos relativos a sentimentos próprios explicitados de alguma forma nas falas.

Nesta pesquisa, esses argumentos estão nos enunciados de mulheres e aparecem na superfície revelando linhas flexíveis que desestabilizam territórios manifestando o constituído, o instituído. Para uma delas, a razão de ter alguma dificuldade na administração do tempo é o fato de que a família sempre pede algo por acharem que uma pessoa solteira sempre tem tempo e ela se acha na obrigação de ajudar deixando o que é pessoal para depois (M3, Q11). Este argumento foi colocado em tom de inconformidade pela respondente demonstrando desestabilização. Outro argumento afirma que se deixa de fazer algo próprio que gostaria para se colocar à disposição de outras pessoas pelo fato de ser solteira e se sentir na obrigação de fazer (M1, Q11).

Algumas mulheres que tem dificuldade com a administração do seu tempo têm, em seus enunciados, feito visibilizar linhas flexíveis em seus processos, insistindo em linhas de fuga que ainda não acharam o seu lugar de conforto. São as que priorizam em “excesso” ou de forma “viciada” o trabalho (M4, M8, M11; Q11) como ilustra este enunciado: “Muitas vezes dedico mais tempo ao trabalho do que deveria, deixando minha vida social de lado” (M11). Em alguns casos afirmam que tem buscado em aconselhamento e terapia a ajuda para se organizar. São processos em busca de ruptura, de estabilização.

Já a outra metade que não tem dificuldade em administrar seu tempo, dá pistas de que o fato de se organizar em atividades, exemplificadas pelas falas mais adiante, mostra que encontraram linhas de fuga a constituir novos territórios instituindo o novo. São as que conseguiram se reterritorializar, contornando obstáculos de linhas rígidas, buscando por linhas novas, inventando, como por exemplo, a satisfação na carreira acadêmica ou na realização profissional. Dentre estas falas, uma afirma que decidiu fazer uma faculdade e que isso ajudou muito (M10, Q11). Outras buscaram em amizades, estudo e ocupações saudáveis (M12, Q11); se organizando, estabelecendo prioridades (M6, Q11); em conseguir ver na

regularidade do trabalho com mais nada para ditar as regras do tempo, um sentimento de liberdade para fazer outras coisas no seu dia-a-dia (M3, Q11). Outra afirma que não tem dificuldades “por não ter a quem dar satisfação para ir e vir (M7, Q11). Ela conseguiu se adequar ajustando o “foco”, a maneira de ver as coisas. Enfim, aqui apareceu algo muito específico do modo-solteiro de ser. O fato percebido é que, em alguns casos, na vida de solteiro, pode-se construir uma subjetividade diferente, singularizada, escapando das atitudes simplesmente adaptativas e buscando formas mais criativas de viver o tempo de solteirice. Nesses casos, seria o embarque, por essas pessoas, na linha de fuga que sempre está presente, mesmo no instituído e em territórios cristalizados.

Além da questão da administração do tempo, a pesquisa revelou que, para 50% dos sujeitos respondentes, o fato de ser solteiro(a) interfere em um envolvimento mais ativo na igreja local. Outras pessoas, 38%, responderam que não. As pessoas que não responderam são 12% do total. Os dados podem ser conferidos no gráfico a seguir cujas respostas estão contidas nos quadros 2 e 3.

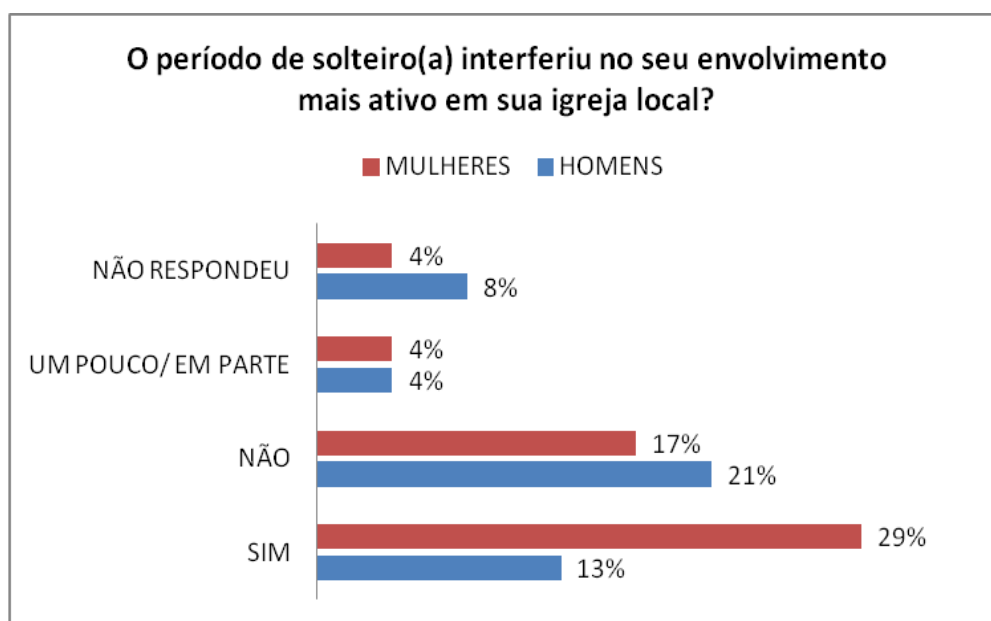


GRÁFICO 6 – Envolvimento mais ativo na igreja local quando solteiro (a).

Dentre as falas de pessoas que fizeram algum tipo de comentário sobre esse assunto, foram detectadas algumas noções interessantes. Para algumas, a pessoa solteira se sente desmotivada para freqüentar a igreja sozinha. Outras pensam que há preferência para casais na parte de exercer liderança. Há as que se sentem

deslocadas e se isolam. Se sentem sozinhas no meio de casais, aumentando a vontade de ter alguém também. Muitas, que querem casar, argumentam a falta de melhores condições financeiras para poder casar por acharem que o meio a que pertence exige isso (Q2).

Essas noções percebidas estão acompanhadas de sentimentos de tristeza, primeiro pelo fato de não ter alguém e depois pelo fato de não ter condições financeiras melhores para poder ter alguém. São linhas flexíveis que vão e vem, sem que encontrem as fugas necessárias para a singularização. E sempre as linhas duras do instituído, do fato de se estabelecer um padrão, “ser bem sucedido financeiramente para poder casar”, continuam produzindo desconforto (intencional?) até que a pessoa consiga cumprir o estabelecido e ser uma “igual às outras”. Percebe-se que não é sem um longo percurso que se encontra um novo território, com novas formas de pensar e de viver em processos de singularização.

Um dos argumentos utilizados por alguém que percebe que o fato de ser solteiro (a) interfere em um envolvimento mais ativo na igreja local pode ser visto na seguinte fala: “solteiros só servem para a escola dominical das crianças e nada mais” (M3, Q3).

Para outras pessoas, o fato de ser solteiro(a) possibilitou o envolvimento em trabalhos especiais em outras associações religiosas. Na verdade, houve nesse caso, uma percepção de vantagem no fato de ser solteira. Encontrou-se uma saída, um novo território, fora de sua comunidade, que trouxe possibilidade de singularização.

Pelas respostas dos questionários, percebe-se que o fato de ter que participar em grupos de estudos bíblicos de casais por falta de um grupo misto equilibrado ou específico para pessoas adultas não-casadas desestimula a um envolvimento mais ativo conforme demonstra o quadro 3.

Por outro lado, temos percebido que, ao se convidar pessoas para os trabalhos em grupos específicos, muitas delas são mais resistentes à participação. Há uma dificuldade não incomum em identificar-se com “outros iguais” quando não se está confortável com seu estado civil ou se está passivamente sujeito ao meio dominante de subjetivação que adapta, ou não, os trabalhos nas igrejas para incluir

pessoas adultas não casadas em geral (incluindo viúvas, divorciadas e separadas). Quando as pessoas solteiras se deixam envolver com cuidado especial e aceitação sem reservas, a singularização confortável tem sido para muitas delas um “processo” gratificante.

Collins (2004, p.440) é da opinião que, embora as pessoas adultas solteiras possam ser integradas nas atividades principais da igreja, pode haver também programas específicos para atender suas necessidades. Para ele, os grupos de pessoas solteiras de uma igreja, ou grupos que combinam pessoas solteiras de várias igrejas são mais úteis quando conseguem integrar as pessoas recém-chegadas, além de evitar enfatizar a formação de casais e o namoro entre os membros, de dar apoio e envolver os filhos das pessoas solteiras nos eventos sociais, e serem sensíveis às necessidades pessoais e espirituais dos membros dos grupos. Para ele, é também recomendado que sejam liderados por pessoas maduras e sensíveis, de preferência também solteiras.

Em alguns casos percebem-se situações de paralisação pelo sentimento de não-aceitação como ilustra a seguinte fala: “Num determinado período pensei em fazer parte de algum comitê ou até ser diaconisa, mas pelo fato de ser solteira desisti”. Ou aparece uma rendição passiva ao modo dominante de subjetivação, evidenciado, sobretudo, na linha de segmentaridade dura, impossibilitando o embarque numa linha de fuga que configuraria um território singularizado.

Num relato apareceu um argumento de uma pessoa solteira que gostaria de ajudar a servir a ceia na igreja, mas nunca se ofereceu por ser solteira e por não se lembrar de ver pessoas solteiras fazendo. São os lugares eclesiais observados como não adequados às pessoas solteiras, configurando a prática de um discurso que é produzido silenciosamente, mas é percebido e assumido por muitos/as solteiros/as de uma forma acrítica, próprio de um modo de subjetivação dominante, onde a linha dura se faz mais visível.

Outra situação desestimulante a um envolvimento mais ativo nas igrejas é o fato de que “as pregações sobre família não considera que as famílias mudaram. Nunca ouvi pregação direcionada de forma diferente para mães ou pais solteiros, por exemplo (M8, Q3)”. Algumas pessoas questionam se no Reino de Deus não tem

lugar para elas e se sentem desestimuladas. Entre as falas aparecem: “Já participei de campanha com cinco cultos seguidos sob o tema família e a minha não se encaixou em nenhum deles”. Isso acaba reforçando o estigma das pessoas solteiras, de serem consideradas estranhas ao meio eclesial.

Por outro lado, percebe-se que algumas pessoas solteiras conseguem encontrar um espaço para atuar na igreja, sem que se sintam excluídas. Adaptam-se às funções onde é permitida a atuação e descansam neste território como ilustram as seguintes falas: “eu era mais ativa no período de solteira” (M12, Q3), “estava bastante envolvida na igreja. Ativa em alguns ministérios” (M6, Q3).

Outras pessoas lutam com linhas flexíveis, sem que se definam fugas adequadas para encontrar o seu lugar, sem o constrangimento de sentimentos de exclusão e de perdas reais ou imaginárias.

Poder-se-ia imaginar que, para muitas pessoas solteiras, a linha de segmentaridade flexível como coloca Rolnik (1989, p.49), “está sempre prestes a oscilar na direção do fluxo puro e desencantar a matéria, provocando desabamento de território [...]. E isso, em termos subjetivos, traduz-se como sensação de irreconhecível, de estranhamento, de perda de sentido – em suma, de crise.” Essa linha é a que melhor representa este estado de crise em pessoas que não encontram um lugar que seria o seu, de identificação ou de aceitação. Não se acomodam em lugares adaptados. Elas estão em busca de um novo território, um novo modo de pensar e de agir em suas igrejas. Buscam sinais de vida plena como é prometido para aqueles que “estão em Cristo”. É sempre a partir daí que surge o novo. Em outras possibilidades de integração e acolhimento.

Para Rolnik (1989, p.49), esta linha está sempre prestes a oscilar na direção de um encantamento, “da imediatez do movimento de simulação. É quando um território “pega” ganhando credibilidade, o que em termos subjetivos se traduz como sensação de reconhecimento, de familiaridade. E dá alívio.”

Outro fator bastante apontado como desestimulador em um envolvimento mais ativo de pessoas solteiras em suas igrejas é a questão das amizades que devem ser reconstruídas quando os amigos e amigas casam. O fato de se sentirem sem grupo ou turma e a baixa auto-estima (Q3) também desestimulam. A pesquisa

também demonstrou que algumas pessoas, ao se desestabilizarem, conseguiram buscar outros relacionamentos de amizade com pessoas solteiras (M5, Q3). Com esta saída elas reorganizaram seus territórios apesar de terem perdido relacionamentos antigos de amizades e lamentam por isso, muitas vezes se isolando, como bem mostra essa fala: “Pelo fato da maioria dos amigos casarem, me sentia deslocado, o que me levou ao isolamento” (H7, Q2).

Percebeu-se, pelos enunciados, que há na comunidade eclesial uma tendência natural de se quebrar relacionamentos com pessoas solteiras quando alguém se casa. Em nossos encontros ouvimos uma fala de um homem solteiro que ficou triste quando ao tentar se reaproximar de amigos em sua igreja, que já haviam casado, ouviu destes amigos: “Você não casou? Vá procurar tua turma!”. Poder-se-ia dizer que existem perdas consecutivas de cada amigo(a) que se casa. Uma perda que só pode ser recuperada quando se conquista o “mérito” de novamente entrar para a turma, ou seja, se casando! Este é um exemplo de desestabilização que pode levar a uma territorialização por uma linha rígida, de ter que se casar!

Para Brakemeier (2002, p.83), as pessoas precisam de reconhecimento pessoal e “a condição de criatura aparentemente não basta para justificar o seu ser.” Segundo ele, a sociedade diferencia entre seus membros.

No convívio humano, ninguém tem lugar garantido. Este deve ser conquistado mediante prova de mérito. A compulsão, por demais vezes, oprime e inibe as pessoas. Produz nelas um sentimento de indignidade, de incapacidade ou de falha culposa que as julga numa crise a ser vencida para garantir uma vida bem-sucedida (*id.*).

Ele fala de um sentimento de culpa por não conseguir um lugar que seria conquistado somente por mérito. Há evidências de uma distinção imaginária ou não entre a condição de pessoa não-casada e casada para conquistar um lugar de atuação mais relevante em comunidades protestantes. Há também percepções de demérito a pessoas não casadas, causando nestas o constrangimento.

O ser humano é essencialmente social e é na esfera da socialização que se manifestam as subjetividades. Para Guattari (2000, p.32), a subjetividade circula nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos e é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares.

O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: Uma relação de alienação e opressão, no qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou a relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização. (*id.*).

Para conhecer este nível de socialização entre pessoas solteiras em seus círculos de amizade e descobrir outros processos, perguntou-se sobre “as *amizades mais significativas dos sujeitos*”. Foram dadas algumas opções de respostas, tais como: “() *da sua igreja* () *de outras igrejas* () *de fora da igreja* () *Sem amizades significativas*”, mas com abertura para comentário pessoal.

Conforme as respostas arroladas no quadro 4, descobriu-se que 37% dos homens tem amizades mais significativas exclusivamente em sua igreja, bem como 38% das mulheres. Por outro lado, 18% dos homens e 7% das mulheres têm amizades mais significativas fora de ambiente de igreja como mostram os quadros abaixo.

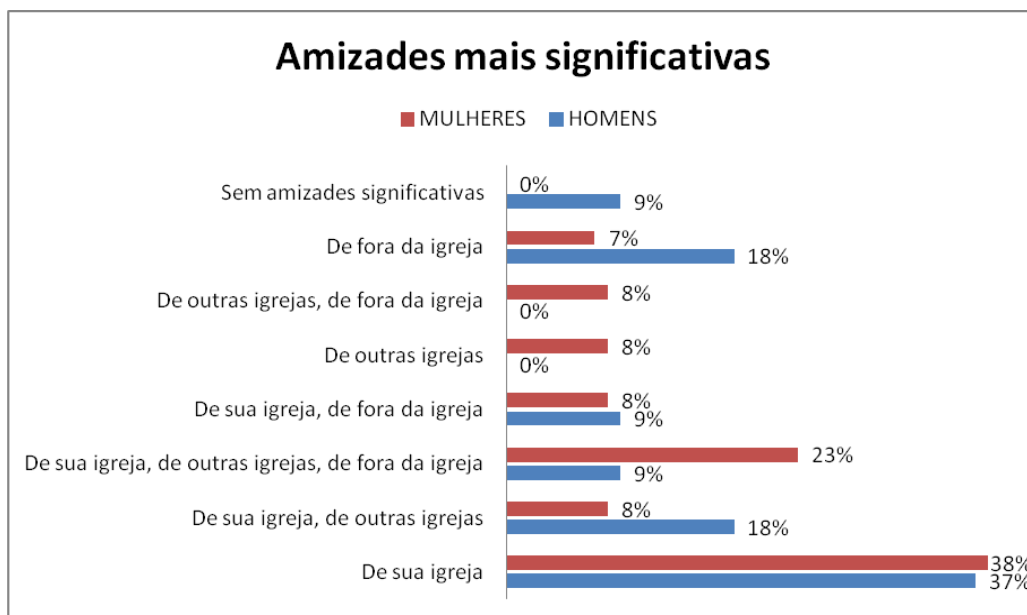


GRÁFICO 7 - Amizades mais significativas

Contudo, 77% das mulheres possuem amizades mais significativas dentre outras, também dentro de sua igreja, bem como 73% dos homens. Pelos

comentários que serão apresentados a seguir, percebe-se que mesmo havendo dificuldades nos processos de ajuste com os costumes e práticas no contexto eclesial, ainda muitos preferem permanecer neste contexto pelas mais diversas razões. Ali prosseguem tentando buscar sua singularização.

É reveladora esta fala: “antes eu achava que estava suprido de amizades na família e na igreja” (H6,Q4). Aqui aparece um movimento na área das amizades. Há uma exposição de si e, na continuação da mesma fala, uma explicação para a situação expressa. O convívio na sua igreja num período em que era noivo era mais tranqüilo, mas quando acabou o noivado teve vontade de conviver com outras pessoas. “Me senti desamparado quando acabou o noivado”, ou seja, se sentiu inseguro sem a perspectiva do casamento e encontrou, ao participar de um grupo específico interdenominacional, uma linha de fuga na diversificação das amizades. “Depois de participar do Ministério Jovens Adultos comecei a ter mais contato com pessoas de outras igrejas (H6, Q4).”

As poucas pessoas dentre as respondentes, que tem amizades mais significativas somente fora da igreja justificam que, ou não foram valorizadas em suas igrejas, ou que obtiveram alguma ajuda mais especial de pessoas de fora da igreja (Q4).

Existem casos em que as pessoas reorganizam o território relacional fora do ambiente eclesial, normalmente no ambiente profissional, após afastamento das amizades da igreja por causa do estado civil, por se sentirem deslocadas e por serem consideradas “velhas” em seus grupos de jovens. Geralmente nesses casos, declararam que o envolvimento mais ativo na igreja fica comprometido (Q3).

Por outro lado, as pessoas que afirmam ter amizades exclusivamente em suas igrejas apontam algumas vantagens nessas amizades:

Hoje em minha igreja tem um grupo de jovens adultos e tem uma grande importância para mim, me sinto mais valorizada (M2, Q4);

Pelo fato de conhecer elas desde a infância e outro motivo é que considero essas amizades mais confiáveis (M6, Q4);

Pessoas que me acolheram, me aconselharam e me ajudaram a vencer as dificuldades (M8,Q4).

As demais declaram ter amizades em todas as esferas. Uma delas fornece algumas pistas para uma amizade saudável: “Sempre tive amigos. Para ter amizades significativas é preciso ser amigo primeiro, investir nas pessoas, não ter medo de se machucar, não ter pena de si mesmo (M3, Q4).”

Guattari (2000, p.73) afirma: “A identidade cultural constitui, a meu ver, um nível da subjetividade: o nível de territorialização subjetiva. Ela é um meio de auto-identificação num determinado grupo que conjuga seus modos de subjetivação nas relações de segmentaridade social”.

Para Clinebell (2007, p.268), um grupo criativo de crescimento na vida de pessoa solteira pode ajudar jovens adultos/as que sofrem de bloqueios em relacionamentos mais estreitos, a aprender habilidades de relacionamento e praticá-las em ambientes relativamente seguros. “Superar bloqueios à intimidade emocional nesta fase da vida pode evitar que uma pessoa adote uma posição de distanciamento solitário como estilo de vida permanente, defensivo, porém empobrecido” (*id.*) libertando-as. A igreja pode contribuir para que a opção de que uma mulher se torne solteira seja genuína e erradicar os cruéis estereótipos errôneos que fazem com que muitas solteiras mais velhas se sintam como fracasso social, com programas de ensino e poimênica. “Homens não-casados mais velhos igualmente se deparam com atitudes sociais alienantes, as quais presumem que eles necessariamente sofrem de algum apego especial à mãe, ou de algum outro transtorno neurótico profundo (*id.*)”

Conclui-se que, mesmo com as restrições encontradas no contexto eclesial, as pessoas ainda percebem vantagens em permanecer nele. Querem ser identificadas como sendo deste contexto, querem pertencimento sem reservas.

4.3 As linhas que reterritorializam um território despoticado: o sentimento de inferioridade em pessoas solteiras

A seguinte fala ilustra o pensamento de algumas pessoas solteiras: “A gente chega a pensar que não é normal” (H7, Q33). Elas demonstram nas falas este

sentimento de anormalidade e há as que fazem terapia para vencer este sentimento. Afirmando que parece que a sociedade impõe o casamento de alguma forma e elas são obrigadas a se “enquadrarem” (Q33).

O tema do sentimento de inferioridade em pessoas solteiras foi abordado na pergunta 26 que foi propositadamente elaborada se referindo a pessoas no geral para se detectar o que seria respondido em se tratando de outras pessoas e não propriamente sobre si. Algumas falaram se referindo a outras pessoas deixando claro que, com elas não é assim. Para uma agradável surpresa, algumas ousaram falar de si e de seus sentimentos, mas a maioria falou genericamente.

O gráfico abaixo, com base nos quadros 33 e 34, mostra que 62% das pessoas acham que existem sim, sentimentos de inferioridade em algumas pessoas solteiras. Do total, 8% responderam que depende. Então, de alguma forma, 70% reconhecem este tipo de sentimento.

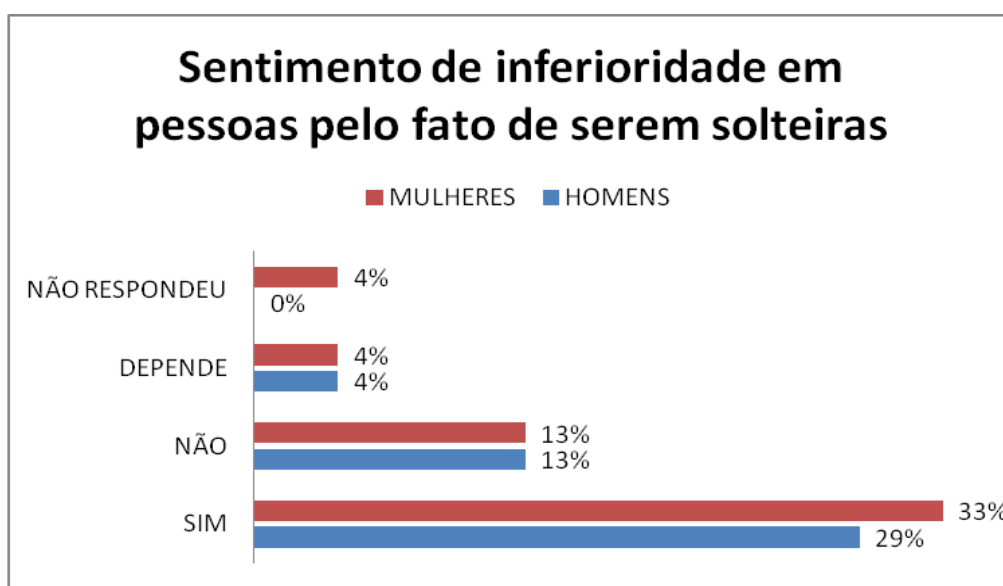


GRÁFICO 8 - Sentimento de inferioridade em pessoas solteiras.

Como o sentimento de inferioridade pode implicar em bloqueios no curso da vida de pessoas gerando paralisações e sofrimento, vale listar os dispositivos apontados nas respostas ao questionário que, de certa forma, mostram linhas rígidas de agentes instituídos do meio em que convivem. Por outro lado, estas linhas rígidas desencadeiam outras linhas rígidas, que são os dispositivos utilizados para lidar com o instituído. Por vezes, estas linhas rígidas sobrepostas têm dificultado o

encontro de linhas flexíveis que conduzem às linhas de fuga necessárias para o agenciamento de subjetividades em vias de novas/outras formas de configuração.

Entre os elementos mais freqüentes de sentimentos de inferioridade apontados pelos homens estão:

- a) Aparência Física
- b) Problemas na área financeira
- c) Brincadeiras (ficou para titia)
- d) Estar “ainda” procurando alguém
- e) Foram rejeitadas; Problema de relacionamentos passados
- f) Perdem a auto-estima por não encontrar uma pessoa para casar
- g) Certos programas e amizades com casados
- h) Incapacidade de desenvolver um relacionamento
- i) Ser considerado homossexual ou problemático
- j) Se sentir pressionado ao casamento para ser uma pessoa “normal”
- k) Ter que casar para poder se integrar no convívio social (pressão)
- l) Ter que ir a algum casamento ou festa sem uma esposa
- m) A forma de encarar a vida (Q33).

Elementos apontados pelas mulheres:

- a) Sentimentos de “exclusão” em grupos que só valorizam o casamento
- b) Crença de que se é infeliz por não constituir família
- c) Ser considerada fracassada, não “conseguir” quem a ame e dê valor
- d) Ser considerada incapaz ou deficiente; Frustração
- e) Preconceito; Cobrança da sociedade
- f) Por considerar o casamento natural ao crescimento emocional e físico
- g) A espera pelo casamento quando se deseja muito
- h) Por considerar o casamento uma instituição muito forte e não falida
- i) Não saber lidar com o fato de ser solteira, não se aceitar
- j) Deus colocou no coração das pessoas o anseio por um cônjuge
- k) A conquista de seu espaço na sociedade e não poder ganhar naturalmente como a mulher casada
- l) A maneira como ela se vê na sociedade e na família

Além desses argumentos, surgiram outras opiniões de pessoas que não acreditam neste sentimento de inferioridade em pessoas solteiras. Nessas opiniões aparecem que, na nossa cultura tem sido quase normal atualmente a pessoa ficar solteira (M7, Q34); sentimento de inferioridade vem do estado emocional e não do estado civil (M8, Q34); uma pessoa não é melhor ou pior só pelo fato de ter uma pessoa ao seu lado (M13, Q34) e também que cada um é feliz do seu jeito.

Descobrir estas verdades entre vetores de todos os lados se cruzando, permite possibilidades de vida mais afirmativa e menos reativa ao que vem de fora. Estas verdades vêm de pessoas que conseguiram ou estão tentando elaborar seus processos. Ao evidenciar-se estes processos, linhas antes duras são flexibilizadas, e o encontro com o Cristo restaurador é possibilitado de forma nunca antes imaginada. É isto justamente que nos propõe “as Boas Novas do Evangelho de Jesus Cristo.”

Para que as linhas de fuga sejam potencializadas é necessário uma conversão tanto da igreja/ sociedade quanto das pessoas adultas solteiras. Não sem motivo, algumas pessoas comentaram sobre o que acontece dentro das igrejas. Pessoas que não casaram ou separadas/ divorciadas são tidas como pessoas que não podem assumir funções e cargos, pessoas menos capacitadas e que não deram certo na vida. Fora da igreja, no entanto, elas responderam que não interfere nos relacionamentos, ajudando os não casados a se verem como “*entre iguais*” nos grupos que freqüentam. “Na igreja vende-se a imagem de que ser casado é melhor e se tem um degrau a mais no que se refere a status e credibilidade no grupo (M11, Q13).”

Estas questões do contexto eclesial já foram abordadas em nossas reuniões de jovens adultos. Houve comentários de pessoas sobre o que tem acontecido em suas igrejas. O “status” de divorciada hoje em dia está acima do de solteira, como comentou alguém que disse ouvir isto das jovens de sua igreja. Para elas é melhor casar com “qualquer um” e depois separar do que nunca ter casado. Também há outros comentários do mesmo gênero entre as pessoas solteiras: “Já cheguei a pensar que a dor de uma divorciada é menor do que a de uma solteira, pois ela teve a chance de viver ao menos um tempo casada.”

Descobrir estas verdades entre vetores de todos os lados se cruzando, permite possibilidades de vida mais afirmativa e menos reativa ao que vem de fora. Estas verdades vêm de pessoas que conseguiram ou estão tentando elaborar seus processos.

Enfim, como expressa Nardi (2006, p. 133),

os processos de subjetivação constituem-se nas diferentes formas pelas quais os sujeitos de constroem e são construídos a partir de suas experiências de vida. O significado atribuído à existência adquire sentido dentro de um determinado jogo de verdades próprio a cada contexto espaço-sócio-temporal. É impossível enumerar todos os fatores que estão imbricados em cada processo, mesmo porque existe uma esfera inconsciente a qual não temos acesso. Entretanto podemos identificar os dispositivos presentes na socialização primária (família e escola), nas marcas específicas de cada cultura e subcultura, na religião, nos códigos morais de cada sociedade e nas formas de inserção no mercado de trabalho que, em conjunto, caracterizam os modos de subjetivação próprios a cada contexto (*id.*).

A maioria das causas apontadas para os sentimentos de inferioridade são itens que provém de linhas de segmentaridade duras assimiladas do contexto social, familiar e eclesial. É aquilo que acreditam que estes contextos instituem ou exigem. Os desconfortos gerados são as linhas de segmentaridade que precisariam se tornar flexíveis em busca de novos territórios. As causas apontadas pelos sujeitos da pesquisa são linhas de fuga que justificam o desconforto e ao mesmo tempo conformismo, mas não encontram o descanso no não-sentimento de inferioridade. Não alcançam o fazer ‘não-ser inferior’ pelo fato do sujeito não buscar o querer fazer. Para muitas pessoas “o casamento é uma instituição sagrada como a gente aprende desde criança e se as pessoas fogem do casamento é porque tem algo de errado com elas (M2, Q16)”.

As linhas duras do instituído, visíveis neste imperativo social ao casamento, são os dispositivos forjadores desta subjetividade. Neste sentido Maia (2007, p.15) aponta dispositivos em seu trabalho sobre as mulheres solteiras, atribuindo em grande parte ao Estado idealizado no Brasil na primeira metade do século XX e aos discursos literários sociais e políticos da época, o estigma das mulheres solteiras. Para Maia (2007, p.192), a imagem da *solteirona*⁹ ganhou visibilidade nesta época e

⁹ “As solteironas são definidas freqüentemente na historiografia, como as mulheres que alcançaram a idade de 35 anos pelo menos, sem se casarem” (Maia, 2007, p.45).

“passou a ser amplamente utilizada no processo de sujeição e subjetivação das mulheres. Ela foi a arma de certo “terror moral” para conduzir ou manter as mulheres na conjugalidade e na heterossexualidade reprodutiva.”

Ao analisar os discursos médicos do início do século XX, Maia (2007, p. 282, grifo da autora) conclui que eles reforçaram o estigma da *solteirona* inscrevendo-a no real como a figura da anormalidade e da diferença quando frisavam que o celibato necessário, até então, para se manter a honra da mulher solteira, contrariava a natureza humana com relação ao desejo sexual e com isso, “a natureza se vingava com um corpo doente, masculinizado, estéril, recalcado e com perturbações mentais. Com o discurso médico a imagem ganhou corpo e a *solteirona* tornou-se real.” A solteirice então era um fantasma que aterrorizava e coagia ao casamento (*id.*).

Quanto ao discurso religioso, a autora percebe que neste contexto a conjugalidade aparece como “uma recomendação a ‘todos que não conseguem manter-se castos’ e não como um imperativo da natureza.” Ela afirma que o casamento “aparecia ao olhar da igreja e da sociedade como forma de preservação da honra”. Ela ainda cita: “É bom que o homem não fique só” (MAIA, 2007, p.66).

Ao rejeitarem “os papéis de mãe e esposa, muitas celibatárias, porém, criaram condições de possibilidades para exercer “seu assujeitamento como mãe/ esposa/ dona-de-casa” (MAIA, 2007, p. 15). Segundo a autora, o celibato feminino, neste contexto, “foi pensado como um dos múltiplos pontos de resistências aos modelos idealizados de família, de casamento, de sexualidade e de mulher” (*id.*).

Para a cartografia, esses movimentos de resistência às formas dominantes de subjetivação, estes enquadramentos sujeitados pelas mulheres solteiras para poderem ser reconhecidas como honradas sem terem que necessariamente se casar, decorrem de linhas de segmentaridade flexível desestabilizantes que encontraram a fuga por novos territórios em busca da singularização e modos de vida mais afirmativos para elas naquele contexto. Estas mesmas linhas de fuga entram, mais tarde, para os movimentos feministas, no rol das linhas de segmentaridade rígida novamente e que vão necessitar de novos arranjos.

4.4 Um território (des)idealizado: A promessa de plenitude da felicidade e as desvantagens do casamento

A antífrase ou ironia “e foram felizes para sempre” é utilizada como recurso de argumentação de quem não acredita na plenitude da felicidade somente com o casamento. Outras pessoas acham que: “Se não consigo ser feliz sozinha, não é no casamento que vou me realizar. Não é um conto de fadas [...]. Antes eu achava que o casamento era a realização de uma mulher. Eu seria realizada no casamento” (Q18). Muitas pessoas solteiras não se permitem buscar outros projetos gratificantes que tragam felicidade até que deixem de acreditar que a plenitude da felicidade só é possível com o casamento.

Ao escreverem se acreditam na plenitude da felicidade que só o casamento pode dar (Q17,18), constatou-se que, dos 29 % que responderam “antes sim, hoje não”, 21 % são mulheres e 8% homens, ou seja, mais mulheres do que homens já acreditaram nesta afirmação conforme gráfico abaixo. Por outro lado, hoje, nenhuma das mulheres pesquisadas acredita nesta plenitude de felicidade exclusiva ao casamento e, os 17%, que ainda acreditam, são homens. Dos 54% que não acreditam, 21% são homens e 33% são mulheres. “Podemos ser felizes sem estarmos casados” (Q17), responderam vários homens solteiros.

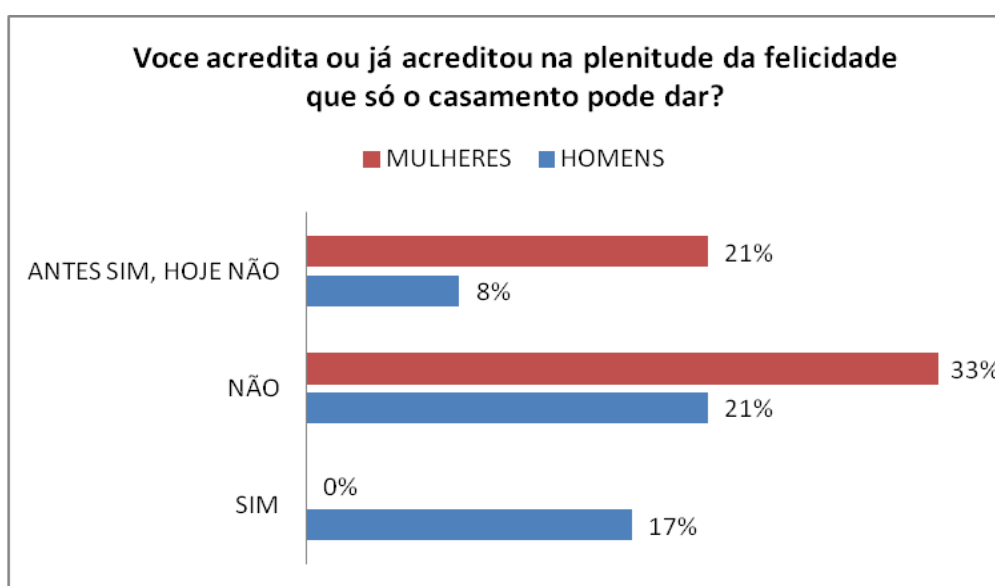


GRÁFICO 9 - Plenitude da felicidade com o casamento.

Segundo Moser (2007, p. 221),

nota-se hoje uma forte tendência de buscar a realização própria em todos os campos, tanto profissional, quanto também afetivo. Se em tempos não muito distantes e em culturas diferentes da nossa, renúncia e ascese fazem parte do aprendizado de qualquer pessoa e se constituem num componente visto como normal na vida conjugal e familiar, hoje até essas palavras são de difícil compreensão. Predomina a convicção de que nascemos para ser felizes e que renunciar ao que se julga ser felicidade seria até uma imoralidade.

Moser (2007, p. 212), afirma que atualmente um casamento bem sucedido é visto como resultante da comunhão de duas pessoas autônomas em todos os sentidos. Esta busca de autonomia pode “traduzir uma aspiração mais do que justa. [...] Na mesma linha deveríamos analisar a atual tendência de aguardar mais tempo para contrair o matrimônio.” Para ele, por trás de uma aspiração encontra-se simplesmente um desafio, que exige discernimento e um trabalho de depuração.

Ao aplicar-se a opinião de Moser, já citada, às linhas de Deleuze, ficam evidenciados alguns dispositivos desencadeadores de linhas flexíveis como as exigências cada vez maiores de autonomia individual na atualidade para o que seria um casamento bem-sucedido, facilitando o esquivar-se dele em prol da singularização. Desestabilizações de linhas duras também são percebidas quando ele fala da rejeição das pressões familiares ou de certas normas sociais e de sinais de contestação.

Algumas pessoas citaram textos Bíblicos e testemunhos de fé para explicarem seus pontos de vista:

Na Bíblia há o conselho de que não é bom que o homem viva só. Quando um cai, o outro ajuda a levantar (H6, H9, Q17),

Creio que a família é uma instituição criada por Deus, onde se vivermos de acordo com a sua palavra, com certeza seremos felizes. O Homem deve ser o cabeça e amar a sua esposa como Cristo amou a igreja. E a mulher sua auxiliadora (H9, Q17);

Tenho momentos felizes que só encontrei com Jesus (M8, Q18);

Deus nos criou [...] com o desejo dessa comunhão íntima com outro ser humano. Em determinadas situações, Deus dá a pessoa uma realização muito grande, mesmo não casando. Mas eu acredito que existe uma bênção e plenitude num casamento – se for dentro dos padrões estabelecidos por Deus (M9, Q18);

Essas frases ilustram o quanto os preceitos bíblico-religiosos são importantes para os respondentes numa importante linha de organização de seus territórios existenciais.

O modelo defendido no convívio da igreja e a tratativa dada aos solteiros, como “pessoas que sobraram” foram apontados como um dos motivos para a crença na plenitude da felicidade com o casamento: “Acreditei, pois minha família sempre defendeu este conceito (até hoje defende) (M11, Q18).

Em alguns comentários aparecem certos temores: “Antes só do que mal acompanhado. Eu acho terrível um casamento que não dá certo, a falta de diálogo, a infidelidade” (H7, Q17). Aparecem ainda várias outras idéias que não defendem a plenitude de felicidade que só o casamento pode dar: “Se não consigo ser feliz sozinha não é no casamento que vou me realizar. Não é um conto de fadas” (M2, Q18), ou “Antes eu achava que o casamento era a realização de uma mulher. Eu seria realizada no casamento” (M2, Q18).

Quanto às pessoas que já acreditaram nesta plenitude de felicidade, seus argumentos são os mais diversos:

Quando se é mais novo você tem essa falsa idéia do romantismo eterno no casamento, que tudo se resolve ao casar [...], tudo é mais romantizado, cor de rosa. [...] As pessoas casavam pensando solucionar suas vidas e a coisa não acontecia bem assim. Quando se casa mais maduro, isso não acontece nessa proporção. Tudo é mais consciente (M5, Q18).

Territórios singularizados foram encontrados em algumas afirmações: “A felicidade não consiste em ter, mas ser” (M7, Q18); “plenitude de felicidade é um estado passageiro” (M8, Q18); “Pensei que me faltava uma coisa quando era solteira, mas não pensei que seria a plenitude de felicidade porque como solteira não era infeliz” (M10, Q18); “acredito que se você não se conhece e não se resolve interiormente não deve casar e procurar que o outro te complete se você mesma não consegue” (M12, Q18); “Não devemos depositar a nossa felicidade nas mãos de outras pessoas” (M13, Q18).

Para Moser (2007, p.116), este tema da felicidade tem suas ambigüidades e deve ser tratado com cuidado. Segundo ele, junto com a desagregação familiar nos campos mais específicos da sexualidade, do matrimônio e da família, “verifica-se a

busca de algo que pode reequilibrar as pessoas e através delas, as famílias e a própria sociedade. Só que as aspirações são de pequeno porte e de cunho mais individualista.” Desta forma o horizonte das pessoas torna-se menor, “no qual cada um busca a sua felicidade e a sua realização, sem preocupar-se muito com a felicidade e a realização dos outros.” Para Moser (2007, p.105), Deus não quer apenas pessoas felizes e realizadas, mas que se criem laços cada vez mais amplos e numa grande família dos filhos e filhas de Deus.

Com este argumento, podemos afirmar que o que Moser está propondo, são processos de subjetivação com dispositivos mais altruístas do que este imperativo de felicidade plena individualista dentro ou fora do casamento. Este pode ser um caminho para instauração de novas linhas de fuga diante do instituído, do dever de ser feliz. Ele vê na comunidade eclesial um lugar ideal para trabalhar este bem comum, menos individualista.

Neste território da felicidade plena, percebeu-se muitas opiniões que mesmo diferentes se complementam e indicam claramente processos e movimentos. O movimento do “já acreditei e agora não credito mais” visibiliza linhas em todas as direções na tentativa de não aceitar mais o que foi ensinado pelo fato de que não se vê cumprido na prática. São linhas flexíveis, de reflexão. Territórios que se mostram instáveis.

Quando se perguntou sobre a vida de não-casado(a), a opinião: “Tem seus lados bons e ruins” (Q13) representou o pensamento de 79% das pessoas. Essas pessoas ao responderem, usaram uma ou mais das seguintes figuras que representam “o lado bom” de uma vida de não-casado (a), destacando seus aspectos positivos: Descompromisso, liberdade, liberdade de horário, liberdade de escolhas, sem cobranças e exigências, sem desarmonia, independência, não precisar pensar no plural, não precisar dar satisfação, tão boa ou melhor, mais interessante do que a vida de muitas pessoas casadas, pode ser cheia de realizações e muito sucesso, agradável até começar a incomodar, as vezes com boas vantagens, poder administrar e gastar seu próprio dinheiro, com o mesmo valor dos casados, autonomia na vida, poder de decisão, normal (Q12, Q13).

Esses fatores apontados coincidem com o que foi respondido na pergunta: Em que o casamento atrapalha a vida de uma pessoa (Q19;20)? “Na vida pessoal ela se torna mais responsável”. Mas atrapalha, “quando não há entendimento nem diálogo” (H 5, Q19).

Além dos fatores listados anteriormente, o distanciamento das amizades de solteiro (principalmente para os homens), identidade e individualidade apareceram como agravantes no casamento. A questão das perdas das amizades tem surgido ao longo deste trabalho. “Às vezes os amigos são deixados de lado e o casal se acha auto-suficiente. Eu cultivaria minhas amizades, pois amigos fazem parte da minha vida e merecem participar dos momentos bons também” (M4, Q20).

Esta preocupação surge do profundo senso de observação de pessoas solteiras ao comportamento de muitos casais de seu convívio. Muitas prezam por suas amizades e lamentam quando foram deixados por amigos quando se casaram. Percebe-se aqui um território desconfortável para muitos solteiros e solteiras. É uma questão difícil para elas. As linhas de fuga são percebidas no não-casamento. Mas mesmo assim não gera conforto. São conflitos a permear este território tão caro para estas pessoas.

As figuras utilizadas para “o lado ruim” de uma vida de solteiro (a), destacando os aspectos negativos são: Vida solitária, sem ter com quem dividir ou conversar, tristeza, frustração, sentimento de inferioridade, ser considerado problemático, entediante, depressão, angústia, falta de comunhão, monótona, enjoativa, incomoda, pode ser pior, vista como fracasso, vazia, a pessoa é vista como mal amada, servir de capacho por acharem que se tem sempre tempo, falta de carinho, falta de amor de cônjuge, falta de alguém para prestar contas, dificuldade de tomar algumas decisões, falta de alguém com quem dividir as cargas (Q12, Q13).

Em contraponto a esta lista citada, nas respostas que caracterizam os benefícios de um casamento apareceram argumentos que respondem aos anseios já citados: motivação para a vida, companheirismo, compartilhamento, amizades com casais, família (pertencimento), autoconfiança, *Status*, preenchimento de carência afetiva, se tornar mais responsável (sinal de maturidade), facilidade em tomar decisões e alcançar objetivos, diálogo, vivenciar uma vida sexual plena – sem

culpa, ajuda financeira, ter alguém para amar, felicidade (quando se casa com a pessoa certa), crescimento espiritual e cultural e ainda: “A Bíblia diz que se um cair o outro ajuda a levantar” (H11, Q19).

É importante destacar que os aspectos apontados como positivos, nas vantagens de ser solteiro ou solteira, são atributos valorizados e até desejados por elas mesmas como independência, liberdade, harmonia, sem sujeição a outras pessoas e autonomia entre outros já citados.

Atributos como estes, segundo Maia (2007, p.15), foram prometidos pela política de constituição do Estado republicano no início do século XX que procurou implantar “um projeto de progresso e emancipação fundamentado nos princípios da modernidade que reforçavam o valor das liberdades individuais e do direito universal”. Entretanto, o que foi prometido não foi cumprido na íntegra para ambos os gêneros e para as pessoas solteiras. Neste sentido, a lista de atributos levantados como vantagens do não-casamento, neste ano de 2011, praticamente cem anos depois, ainda pressupõe o temor ou a constatação de que estes mesmos atributos não são ainda garantidos na vida dentro do casamento.

A maioria das pessoas pesquisadas, mesmo que às vezes tenha momentos de nostalgia, tem encontrado, na percepção do “lado bom de uma vida de solteiro (a)”, caminhos que na maioria das vezes não paralisa, mas encontra vida. Elas se apegam aos aspectos positivos para repousarem em algum território de alívio, de conforto, de descanso ou mesmo de acomodação voluntária. Por outro lado, elas mesmas apontam nos aspectos negativos a provisoriidade destes territórios que querem a qualquer momento ruir. Na verdade, muitas pessoas não estão num descanso pleno e sim intercalando os dois aspectos em comportamento rizomático nas raízes que sobem e descem constantemente sem aquietar-se definitivamente em um solo/ território.

Percebeu-se também que, enquanto os aspectos apontados pelas pessoas entrevistadas, como positivos, numa vida de solteiro(a) são dispositivos delas mesmas, enquanto que muitos dos aspectos negativos são os dispositivos fabricados nos contextos social e eclesial. Estes dispositivos fazem ver as linhas duras cristalizadas que gradativamente vão se desmontando á medida em que vão

sendo visibilizadas e questionadas. Com isso, novos territórios surgem promovendo contentamento entre as partes envolvidas na composição das subjetividades.

Um argumento de Maia (2007, p. 232) pode ser utilizado como exemplo de um modo de subjetivação: “a colocação da mulher celibatária em discurso e sua transformação da imagem da *solteirona* fizeram parte de um dispositivo de poder que pretendia num mesmo movimento criar um modelo ideal e naturalizado de mulher”, a casada, combatendo as formas de resistência surgidas.

Pode-se afirmar que dispositivos veiculados em oposição à pessoa solteira, especialmente às mulheres, nos últimos cem anos, ainda têm reflexo, e apontam a subjetividade de muitas pessoas solteiras hoje, impedindo que elas encontrem a paz e tranqüilidade fora do imperativo ao casamento.

Como linhas de fuga, há pessoas que apontaram nas respostas, pistas para se vencer a solidão: Ter prazer em manter sua casa em ordem para você mesmo usufruir e aprender a esperar em Deus e ter esperança Nele.

Quando foi perguntado sobre a motivação delas mesmas ou de outras pessoas para não casar, uma fala apontou: “Cada uma sabe o que lhe motiva ou não” (M13, Q16). Será que cada pessoa sabe realmente de suas motivações? Para Amador e Kiersky (2003, p.81), atitudes negativas obsoletas sobre a condição de solteiro (a) devem ser questionadas para identificar os motivos de se estar solteiro(a) pois elas é que impedem de descobrir as verdadeiras motivações. A experiência dos autores diz que a maioria esmagadora das pessoas deseja de fato ter alguém para a vida toda.

Tal afirmação pode ser confirmada na pesquisa desta dissertação. O próximo gráfico reflete os resultados da seguinte pergunta: “*Responda se for solteiro (a), você gostaria de encontrar um companheiro(a) para casar?*” As pessoas que responderam “sim” foram 30% e as que responderam “depende” foram 58%, totalizando 88% as pessoas que aventaram a hipótese de se casarem, mesmo com algumas condicionantes. Nesta pesquisa, todos os homens gostariam de se casar.

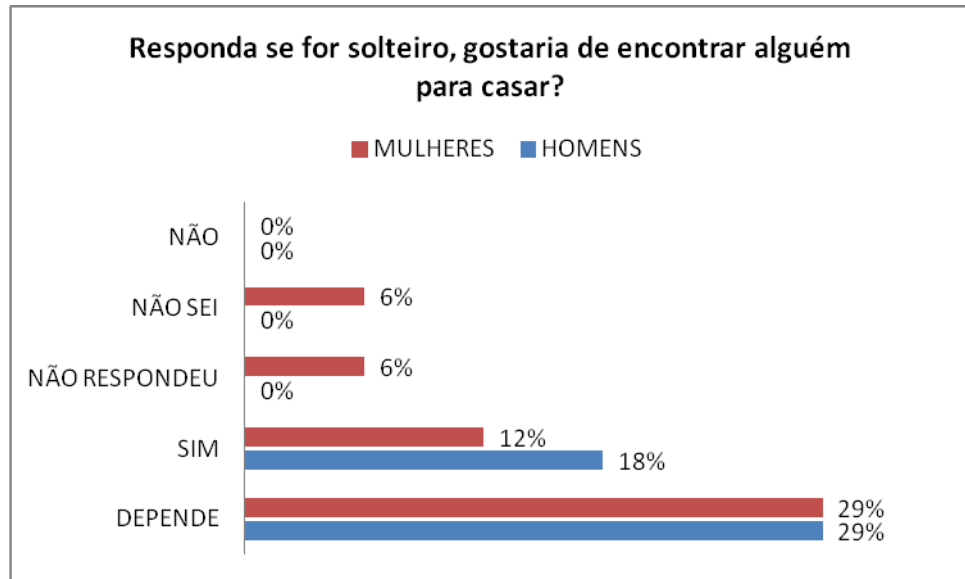


GRÁFICO 10 - Desejo de encontrar alguém para casar.

Esta taxa de 88% é significativa. O que ela revela? Porque então não se casaram?

Para Amador e Kiersky (2003, p.81), as pessoas têm outros desejos, que entram em conflito com o desejo de casar. Por isso é necessário identificar as razões para estar solteiro(a) e os sentimentos produzidos pelo seu roteiro de casamento. Quem quer um casamento, deve entender porque quer. Eles afirmam que há uma escolha em pauta e assim que as pessoas entendem que são elas mesmas que estão optando e por quais motivos, as portas se abrem e suas opções se multiplicam.

As condicionantes apontadas pelos respondentes explicitam as linhas flexíveis deste território do desejo idealizado, mas não realizado de se casar, refletindo estas escolhas em pauta citadas anteriormente.

Na possibilidade de um casamento teria que ter algumas condições: teria que ter a certeza de que Deus estaria providenciando a pessoa certa em todas as áreas da vida. Não posso errar. Quero continuar sendo referência na igreja. A pessoa ideal não pode gostar de discussões, ser organizada, muito temente a Deus, amar muito obra de Deus, respeitar os princípios de minha vida, da personalidade (H1, Q5).

Além de outras aspirações já mencionadas nos tópicos anteriores, que entram em conflito com o desejo de casar, há ainda as condicionantes que indicam a necessidade de singularização dentro da possibilidade do casamento, descartando

tudo o que pode interferir em projetos pessoais aparentemente bem definidos pelos próprios respondentes como ilustram estas respostas: da mesma fé, cristão de verdade, com dedicação recíproca; honesta, de princípios familiares, amigo, companheiro, que transmita muito amor, “que me valorize” (M2, Q6), resolvida com ela mesma e com seu futuro profissional, com conceitos morais parecidos, “que me respeite” (M4, Q6), saiba ouvir, trabalhador, esforçado, sincero, fiel e transparente.

Mesmo com muitas condicionantes, os sonhos de casamento ainda latentes são percebidos nas respostas as quais podem ser ilustradas pela seguinte afirmação: “Deus já deixou claro que o homem não deve viver só” (H2, Q5). Respostas como esta mostram certas compreensões de passagens Bíblicas como: “Não é bom que o homem fique só” (GÊNESIS 3:18) e “Digo, porém, aos solteiros e às viúvas: É bom que permaneçam como eu. Mas, se não conseguem controlar-se, devem casar-se, pois é melhor casar-se do que ficar ardendo de desejo. (1CORÍNTIOS 7:9,10). As passagens bíblicas citadas, sem que se entre no mérito dos contextos e das razões porque estão registradas, evidenciam o que é bom e o que não é bom, e não que o homem não deva viver só. Desta forma, também algumas formas de interpretação de passagens bíblicas enrijecem as linhas da subjetividade.

Deve-se levar em consideração que a importância dada ao casamento não se restringe apenas aos cristãos. É uma prática normal da humanidade, também enrijecedora das linhas de subjetividade. Isso pode explicar porque parece tão “anormal” alguém não casar-se.

4.5A busca por um território singular e os desafios do processo: Os roteiros, os projetos

Segundo Amador e Kiersky (2003, p. 26), todos nós escrevemos um “roteiro pessoal de casamento” e “um roteiro cultural de casamento” desde nossa infância. E esses roteiros acabam por nos direcionar ou não para um casamento. Eles insistem que as pessoas solteiras deveriam compreender seus próprios roteiros e atualizá-los

de forma a poderem fazer escolhas mais autônomas e com isso tirarem de sobre si a pressão gerada para o casamento ou não-casamento. Elas deveriam compreender porque querem ou não casar-se para poder alinhar seus sentimentos e suas expectativas. Considerando as afirmações anteriores, pode-se deduzir que, desta forma, as pessoas terão mais opções de escolhas afirmativas/ criativas e menos reativas ao instituído, tornando reais as possibilidades de ruptura com certos dispositivos forjadores de subjetividade.

A revisão desses roteiros tem ajudado muitas pessoas em nosso meio a buscarem a compreensão de quem ou o que é que tem comandado suas escolhas e atitudes com relação ao casamento ou não-casamento. Perceber os dispositivos implicados em seus processos tem ajudado a encontrar linhas de fuga. Elas têm conseguido sair do conformismo anestesiante e buscar novas possibilidades de territórios existenciais com todas as possibilidades que a vida, que é dom de Deus, oferece. Ficam mais receptivas e menos restritivas para o casamento ou mais confortáveis em permanecerem solteiras. Segundo Amador e Kiersky (2003, p.29): “A auto-aceitação é a base de uma vida feliz e o ponto de partida para você mudar na direção que gostaria.”

Algumas perguntas do questionário tinham como objetivo evidenciar os roteiros pessoais de casamento. A percepção desses roteiros possibilita compreender o movimento que se dá entre a opção de internalização de roteiros ou a construção de um território singular: casado ou não casado.

Alguns dos respondentes não imaginavam um casamento para si. Não planejaram isso para sua vida e desta forma não caminharam nesta direção: “Eu não via o casamento como algo concreto para mim” (M1, Q28). Segundo Amador e Kiersky (2003, pg. 23), os argumentos utilizados pelas pessoas solteiras do porque não se casaram, por exemplo, descrevem um aspecto secundário do que está acontecendo, mas não explicam. “Não trazem uma visão de conjunto” (*id.*). É preciso que compreendam sua história e como se comportam ou se comportaram com relação à sua história.

Quais são os dispositivos forjadores dessas histórias? Como desemaranhar algumas linhas de força que perpassam esses processos?

Das pessoas que responderam o questionário, 45% dos homens e 23% das mulheres não pensavam, quando criança, que um dia iriam se casar. As pessoas que imaginavam um casamento para si, estipularam idades entre 18 e 30 anos para o seu casamento. Normalmente os desconfortos pelo fato das pessoas não estarem casadas acontecem depois que ultrapassam a idade que elas mesmas estipularam para isso. Tanto os homens quanto as mulheres que imaginavam um casamento para si, colocaram como condição, que deveriam estar “independentes financeiramente e maduros (as) o suficiente”. Algumas mulheres ainda gostariam da formação acadêmica antes do casamento.

Outros argumentos apareceram nas respostas:

21 anos era a idade média com a qual a maioria das mulheres casava na Igreja local (M4, Q28);

20 anos. Acho que fantasiava (M8, Q28);

21 a 25. [...] essa era a idade considerada “certa” pra se casar na comunidade (M9, Q28);

Minha mãe casou com 24. Isso me influenciou (M10, Q28);

28 anos. A maioria até esta idade casava (M12, Q28);

18 Anos. Para ter a minha vida independente como meu irmão quando casou (H1, Q28).

Estes argumentos apontam mais uma vez as linhas de segmentaridade dura que determinam para as pessoas a idade do casamento e porque casar. Nossos sujeitos da pesquisa já ultrapassaram esta idade e também já passaram ou estão passando pelo desconforto de não verem seus projetos na área do casamento se realizarem. A revisão destes projetos muitas vezes forjados pelos discursos da sociedade é muito importante na ajuda desta compreensão do porque se está solteiro, uma vez que existe um projeto ou uma intenção de casamento.

Em nossos grupos, essa revisão de projetos ajuda pessoas a encontrarem linhas de fuga que modificam territórios estressores. Em uma de nossas reuniões incentivamos as pessoas a escreverem seus roteiros ao que muitas se surpreenderam com as descobertas. Às vezes as pessoas sofrem pelos motivos errados. Por causa de coisas que são dadas de fora e de dentro delas mesmas. Surgem descobertas de medos que estão fora de lugar, colocados por elas mesmas

ou por outras pessoas ou instituições (família, igreja, sociedade). Alguém comentou que se sentiu estranha ao fazer o roteiro, mas com ele descobriu que sempre viveu em função das expectativas dos outros e agora decidiu que quer viver a sua vida. Esta pessoa encontrou nas linhas flexíveis uma possibilidade de fuga do que para ela estava instituído, mas não gerava conforto.

Nos exemplos a seguir, constam alguns roteiros feitos a partir das respostas, dos respondentes dos questionários, sobre elas mesmas e de seu contexto familiar que apontou alguns modelos de processos de subjetivação.

Neste processo de descoberta, a resposta: “Medo de não dar certo. De repetir experiências ruins do passado” (H1,Q14), fica evidenciada ao se olhar a situação familiar onde a mãe era nervosa, impaciente no dia-a-dia, super-protetora com os filhos deixando-os sufocados e sem liberdade (Q27). Neste caso e em outros, é compreensível que sua vida hoje seja um paraíso por ter paz e não ter um relacionamento conflituoso, “me sinto livre e tranquilo” (Q35) e o fato da facilidade em procurar entender a situação de outras pessoas, o porquê de não serem casadas (Q15).

Este outro processo evidencia uma insegurança na questão financeira como reflexo das linhas duras instituídas no passado sobre a honra do marido em sustentar sua família. É “vergonhoso passar dificuldade financeira. Antigamente os maridos sustentavam o lar. “Acho que o marido deve sustentar a casa, mas hoje já concordo que a esposa trabalhe fora” (H11, Q14). Nas respostas sobre a questão do casamento, houve a afirmação: “Perdi uma oportunidade maravilhosa” (Q14). Há um conformismo paralisante no entendimento de que sua oportunidade já passou. No entanto considera a vida de solteiro monótona e sem graça. Isso revela linhas flexíveis que ainda não encontraram um território adequado.

E assim, muitos outros processos poderiam ser delineados a respeito das principais motivações das pessoas para o não-casamento, para compreender seus roteiros pessoais de casamento.

Sobre as motivações das pessoas entrevistadas ao não-casamento, que apontam a busca de um território singular, destacam-se as seguintes: Tranquilidade,

privacidade, individualidade; independência; medo de intimidade; medo de casar com a pessoa errada, dificuldade de “arrumar” um homem de Deus (o homem certo), não ter que dar satisfação; infidelidade percebida em muitos casamentos (Q15).

Sobre o que elas consideram que são as motivações de outras pessoas ao não casamento, a pesquisa apontou: Medos diversos, decepções amorosas, liberdade, Frustração, Problemas familiares (cuidar dos pais), traumas, falta de apoio pra superar os traumas e decepções, dificuldades de acreditar em um relacionamento duradouro e saudável, egocentrismo e paralisação (Q16).

Percebe-se que quando se trata da opinião em relação às outras pessoas, há um maior rigor do que para com elas mesmas contidas nas prerrogativas: Traumas, frustração, egocentrismo e paralisação. São fatores que muitas não reconhecem em si, mas atribuem facilmente a outros semelhantes. Reconhecer de forma positiva suas limitações sem o temor do estigma pode provocar brechas profundas e curadoras no processo de individuação, abrindo espaço para territórios muito mais edificantes no casamento ou não-casamento.

Além dos dispositivos apontados nos roteiros pessoais acerca do casamento, há também as questões que envolvem os projetos de vida. O fato de ouvir que pessoas deixam de fazer algumas coisas como: ter sua própria casa, montar o seu lar como pessoas solteiras, fazer viagens, planos, pelo fato de serem solteiras nos levaram a perguntar se as pessoas pesquisadas também se questionam se deveriam ser casadas para a realização de algum projeto.

Em resposta a esta pergunta: *“Você acredita ou já acreditou que existem projetos de vida que só são possíveis dentro do casamento?”* (Q31), 83% do total é da opinião de que ter filhos é um projeto que deve ser realizado dentro do casamento, como se vê claramente nesta fala: *“Uma criança só crescerá saudável dentro de uma família completa com pai e mãe”* (M2,Q32).

Dentre as razões apresentadas apareceram os seguintes argumentos (Q31;32):

Porque é uma instituição divina/ por princípios bíblicos (H4, H6, H7, H9, M4,)

Porque depende de decisão mútua, objetivos em comum (H5);

A criança precisa ter a figura do pai e da mãe na sua infância e juventude para servir de referência (H9, M2, M8, M9, M10, M12, M13);

Entre as razões mais citadas estão a obediência a princípios bíblicos e a necessidade do ideal de família com pai, mãe e filhos. É um dispositivo instituído, assimilado pelas pessoas solteiras no geral.

Além da questão familiar, outros projetos também são adiados, como por exemplo: “Eu achava que pelo fato de ser solteira eu não precisaria ter uma casa para morar sozinha e nunca antes me esforcei para isso (M2, Q32)”; “Já imaginei em ter uma casa só depois de me casar e até que o marido me desse a casa (M8, Q32)”;

Eu gostaria muito de fazer uma ou várias grandes viagens a outros países – mas com um cônjuge. Já viajei sozinha e com amigas e fui muito bom – mas em todas elas lembravam de como seria maravilhoso viajar com um parceiro. Um cruzeiro marítimo eu sempre sonhei – mas não queria fazer com amigas – queria mesmo que fosse com um parceiro. (Sou muito romântica – acho que é isso) (M9, Q32).

Em reuniões com pessoas adultas não casadas temos escutado sobre situações de paralisação em algumas áreas da vida pelo fato de estarem solteiras. Um exemplo foi o de alguém que vivia em estado de tensão no relacionamento com seus pais e nunca se deu conta que poderia morar sozinha. Tinha a impressão de que, por ser solteira não seria conveniente morar sozinha. Felizmente percebeu que isso era possível e não se sentiria diminuída pelo fato de não dividir o lar com um cônjuge. Através do desconforto no relacionamento ela pode visibilizar linhas flexíveis que desmontavam a cada dia este território permeado por linhas de segmentaridade dura segundo Deleuze.

Para Deleuze e Guattari (1996, p. 67), a linha de segmentaridade dura ou molar é previsível e se compõe também por “pessoas como elementos de um conjunto, os sentimentos como relacionamentos entre pessoas”. Existem muitas “falas e conversações, questões ou respostas, intermináveis explicações, esclarecimentos” (*ibid.*, p.70). Seguindo o pensamento de Deleuze e Guattari (*id.*), Morais Junior (2011, p. 56) enfatiza, com propriedade, que nessa linha há uma “busca insaciável pela identidade, em que cada instância da vida se deixa esquadrihar numa escritura pessoal marcante e definida, configurando máscaras.”

As linhas de segmentaridade dura que perpassam este território são as convenções familiares padronizadas dentro de comunidades eclesiais principalmente. A pessoa “normal” ou “saudável” é aquela que obedece a tudo o que é instituído. Nasce, cresce, estuda, busca sustento próprio, compra uma casa e procura o mais rápido possível um casamento para constituir uma família. Antes disso não sai da casa dos pais, não realiza projetos pessoais diferenciados. Se alguém não consegue cumprir o estabelecido nesta ordem, começa a ser estigmatizado no seu meio. Às vezes as conseqüências são cruéis para as pessoas adultas solteiras e seus pais que, de certa forma, também se sentem pressionados e questionados acerca de seus filhos, em razão do modo dominante de subjetivação que dita o percurso considerado “normal” do ser humano.

4.6 O modo dominante de subjetivação: a pressão para o casamento

“Tem que casar!”
 “Porque não casou ainda?” - a pergunta que não cala!

Maia (2007, p.15) detectou duas estratégias discursivas utilizadas como mecanismos de coerção de mulheres ao casamento: “Uma foi a produção da idéia de que o casamento, além de uma vocação inata, trazia privilégios às mulheres; a outra foi a invenção da *solteirona* invejosa e frustrada, a figura da diferença, uma personalidade doentia”, que ganhou corpo e se apresentou como uma “anomalia e marca dos fracassos femininos” através do discurso científico-moral (*id.*). Essa é uma herança que faz parte dos processos de subjetivação de pessoas solteiras em geral. As linhas duras, rígidas das leis e normas federais são reforçadas pelos discursos literários e científicos, e de certa forma, acatadas pelas instituições religiosas. Isto faz parte do roteiro cultural de casamento no contexto brasileiro.

Para Amador e Kiersky (2003, p.36), o roteiro cultural de casamento pode gerar uma grande pressão em pessoas solteiras. De acordo com o gráfico a seguir, 80% do total de homens e mulheres responderam que se sentem ou já se sentiram pressionados/as ao casamento.

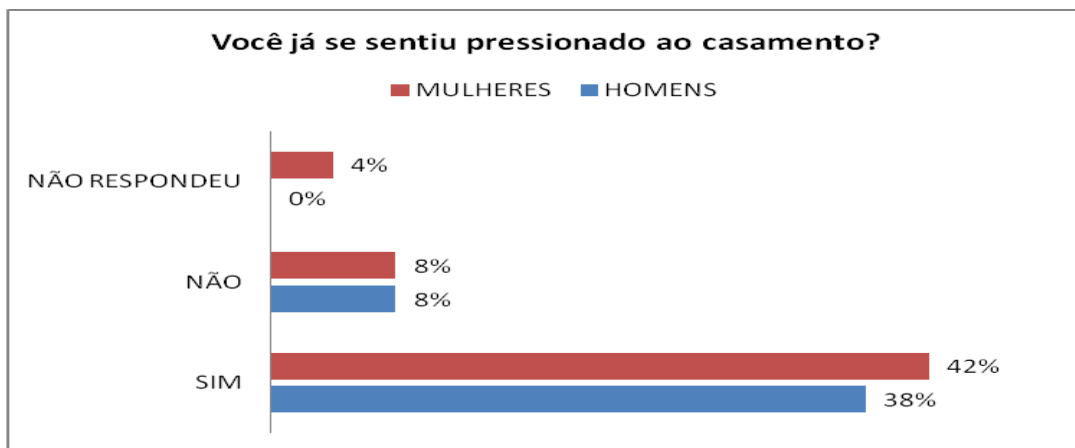


GRÁFICO 11 - Pressão para o casamento.

O gráfico revela algo do modo dominante de subjetivação. Se existe o sentimento de pressão, linhas duras do instituído no contexto sócio-eclesial devem ser detectadas e reorientadas. Há uma demanda de decifração no caso de se considerar que os processos subjetivos não são satisfatórios.

Conforme o gráfico a seguir, em 58% das respostas aparece pressão por parte dos familiares que surgem como os maiores causadores dessas pressões. Em segundo lugar, com 39 % das respostas, aparecem os amigos de dentro da igreja. Em terceiro lugar aparecem os amigos de fora da igreja com 27%. E em último lugar, com 13% das respostas surgem os pastores e líderes da igreja como responsáveis por essas pressões. Dos 24 sujeitos pesquisados, somente 4 (dois homens e duas mulheres) responderam que não se sentem pressionados (as), ou seja, 16% do total.

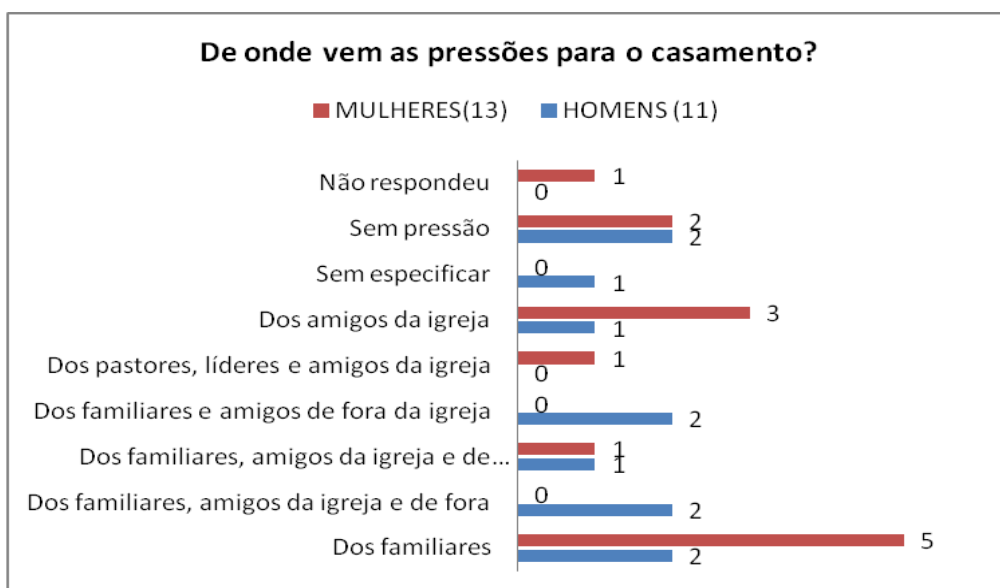


GRÁFICO 12 - De onde vêm as pressões.

Pela baixa porcentagem de pressão por parte de pastores e líderes das igrejas, percebe-se uma cautela por parte destes no sentido de exercer algum tipo de pressão. Percebe-se também, que a pressão não se limita à família e igreja. Ela ocorre também fora destes ambientes. O imperativo ao casamento está fortemente arraigado nos contextos familiares e sociais. Entende-se como algo cultural. “Tem que casar!” ou “Porque não casou ainda?” – São perguntas que não calam!

Maia (2007, p.15) detectou estratégias discursivas utilizadas como mecanismos de coerção de mulheres ao casamento através do discurso científico-moral. Essa é uma herança que faz parte dos processos de subjetivação de pessoas solteiras em geral. As linhas duras, rígidas das leis e normas federais são reforçadas pelos discursos literários e científicos, e de certa forma, acatadas pelas instituições religiosas. Isto faz parte do roteiro cultural de casamento no contexto brasileiro.

Mesmo que as pessoas achem que não são pressionadas, às vezes por não detectarem as pressões implícitas, elas admitem que se incomodam com uma pergunta típica, que expressa uma pressão velada: “Ainda não casou?”. Este “ainda” chega aos ouvidos, ou como apontou uma das respostas, ao coração, como uma dívida da pessoa solteira para com o “bem estar geral” em suas formas dominantes. E recebem conselhos no sentido de procurar alguém que seja do meio evangélico como detectou-se em algumas respostas. Muitas vezes não se percebe o quanto se é pressionado por alguns tipos de comentários. E houve sim, pressão por dispositivos que, em muitos casos fica na superfície não sendo percebido nem pelo sujeito da pesquisa. Observou-se em muitas respostas a citação de comentários e expressões de sentimentos adjacentes aos comentários, enriquecendo a compreensão dos processos. Como disse alguém: “você é tolerado, mas não aceito” (M9, Q8).

Quanto aos conselhos e comentários recebidos pelos homens, as figuras recorrentes nas falas e seus temas adjacentes encontrados nas respostas no quadro 7 são:

Cobrança geral do motivo de estar solteiro (H1, Q7); Ser considerado muito exigente (H1);

Suspeitas de algum problema de sexualidade por não encontrar alguém gerando dor no ouvinte (H1); Falta de confiança no meio eclesial (H1);

“Tem que casar” (H1); “Já está na hora de arrumar alguém” (H6) ou “a outra metade” (H9); Porque não casou ainda?; Sensação de estar atrasado (H6);

Necessidade de ser maduro (H2); Criar juízo na vida, casar, formar família e ser responsável (H5); Não casar é falta de atitude (H11);

Restrições étnicas por parte de familiares e também com relação a determinadas famílias da própria etnia (H7);

É triste envelhecer sozinho (H10) ou há necessidade de alguém na velhice (H11);

Alguns tipos de brincadeiras inconvenientes de familiares geram sentimentos de incompetência. “Sinto-me pressionado e obrigado a dar um jeito na situação de solteiro” (H6, Q7). Detectou-se linhas de fuga nos movimentos de desestabilização frente aos comentários “dispositivos” configuradores de pressão ao casamento. Uma fala apontou: “nada que me incomode, só o que já poderia esperar [...] são perguntas previsíveis” (H4, Q7). A linha de fuga foi não se deixar perturbar com os comentários ou então, entrar em um processo de negação. Temos percebido em nosso ministério com pessoas não-casadas, que existe esta postura de não se deixar abalar pelos comentários e tentar viver uma vida normal e nesta negação, como uma linha de fuga, elas encontram uma certa estabilidade emocional. Mas às vezes, quando elas tem oportunidade de conversar sobre seus sentimentos, percebe-se que há uma desestabilização. São as linhas flexíveis latentes em suas subjetividades.

Parece que a negação tem sido uma estratégia para lidar com essas pressões, porque menos expõe a pessoa solteira, considerando que não é fácil encontrar alguém que a ouça sem julgamentos ou que não queira logo ajudar a encontrar um casamento, sem tentar ao menos compreender as reais motivações da pessoa ao não-casamento.

Já nos conselhos e comentários recebidos pelas mulheres (Q8), as figuras recorrentes nas falas e seus temas adjacentes são:

E aí, ainda não casou? Quando é que você vai casar? E a sua velhice? (M1, M2, M13); Casar para não ficar sozinha (M2, M4, M7, M9); Ter filhos para cuidar de você (M7); Casando você terá alguém que vai cuidar de você ou não queremos ter uma tia para cuidar depois de velha (M5);

Você precisa arrumar alguém para ser feliz (M8); Fui induzida a iniciar um namoro para que todos nós pudéssemos conviver entre casais (M11);

Saia mais. Olhe este fulano ou aquele como é legal. Não seja tão exigente com eles, tão certinha. Não existe homem perfeito, vá atrás deles, não seja tão difícil (M3);

Muitos (amigos da igreja) me diziam que estavam orando pra que eu arrumasse um marido logo (M9); Mulheres casadas podem servir melhor a Deus (M10).

Como no caso dos homens, algumas respostas das mulheres se complementam com expressões de sentimentos ou justificativas. Uma delas percebeu a adaptação da família e amigos com a condição dela de solteira, e estranha o fato de nunca apresentarem alguém a ela quando isto era esperado. Nota-se que na maioria dos casos, o fato de alguém se preocupar, comentar, e até querer sugerir ou apresentar alguém causa indignação como demonstrado em algumas respostas, por causa do sentimento de incompetência e incompreensão. Mas neste caso específico, isso era esperado. Amador e Kiersky propõem, ao longo de seu trabalho em casos semelhantes, que se busque respeitar os sentimentos das pessoas solteiras com uma preocupação empática sem que gere pressão. E para eles o diálogo sincero ajuda muito no convívio entre pessoas solteiras e casadas que, muitas vezes também se sentem incompreendidas pelas pessoas solteiras. São linhas de fuga que trazem restauração e apontam para um processo de afirmação da vida.

As pessoas confessam que se magoam quando alguém pergunta: “E daí, já casou?”, mesmo que elas mesmas “levem na brincadeira” (M1, Q8). Pode-se perceber que algumas vezes o fato de alguém solteiro (a) receber comentários descontraidamente, não significa que se sinta confortável. A descontração muitas vezes é utilizada como linha de fuga provisória em momentos de desestabilização. É uma estratégia para abrandar a dor e a sensação de cobrança e diminuir o desconforto deste território que pode ser muito sensível e deveria ser mais respeitado.

Linhas flexíveis aparecem com frequência nas reações de indignação. Pelas respostas percebe-se que o fato de marcarem encontros para as pessoas solteiras contra a vontade delas, causa mal estar, sentimento de não aceitação e de inferioridade (M3, Q8). Na verdade, muitos comentários revelam nas pessoas que os recebem, aspectos negativos ocultos ou pressupostos, sobre si mesma. Quando se tenta ajudar uma pessoa a encontrar alguém para casar sem ter sido solicitado para

isso, está se pressupondo que a pessoa não tem competência ou disposição para fazer isso por si mesma. Muitas vezes elas sofrem sem saber que é por causa desses pressupostos ocultos ou ignorados. Existe também, percepção pelas pessoas solteiras, de que são consideradas “fracassadas” no contexto sócio-cultural quando: “Os casados te olham diferente, não te convidam para suas reuniões e festas” (M9, Q8). As punições, nesses casos, são dispositivos utilizados para defender os preceitos e regras instituídas nas linhas rígidas dominantes que marcam profundamente os sujeitos.

Carvalho e Medeiros (2005, p.53) entendem que a sociedade costuma ser muito mais punitiva com quem está só e utiliza para isso adjetivos pejorativos, como, “encalhados” ou “vai ficar para titia”, por estarem sem parceiro. “O contato com a punição de estar só pode ser indireto, com a observação da punição contingente ao comportamento de outras pessoas por estarem solteiras, o que, por modelação, aumenta o caráter aversivo de ficar sozinho.” Nesse sentido os filmes, as novelas e os seriados de TV, “também ridicularizam com freqüência as pessoas sem parceiros, colocando como o ideal as que vivem um relacionamento (*id.*)” Linhas de fuga devem ser buscadas em todas as instâncias onde é necessário recuperar a vida e a singularização dos sujeitos. Alguns autores já citados, fornecem pistas para se encontrar outras possibilidades de convivências:

Apesar das dificuldades encontradas nas tentativas de mudança da regra “antes mal acompanhado do que só”, presentes na mente de muitas pessoas que tem aversão à solteirice, “o terapeuta deve ensinar a seus clientes o segredo de nunca recear algo novo. Muito menos recear o envolvimento em novo relacionamento ou nova forma de discriminar o estar sozinho, pois a vida não é só processo de repetições, mas é também um processo de criação e experimentação de novas contingências.” (CARVALHO; MEDEIROS, 2005, p.63).

Mas os amigos da igreja dizem que “tem que casar” (H1,Q7). Este é um imperativo que tem obrigado a um posicionamento que na maioria das vezes é de rendição silenciosa. São linhas de segmentaridade dura.

4.7 Rumo a processos de singularização. A experiência daqueles que embarcaram na linha de fuga para a construção de novos territórios

Alguns movimentos desta cartografia tem visibilizado o “modo-solteiro-de-ser”, os processos de subjetivação das pessoas adultas solteiras de comunidades evangélicas protestantes. Percebem-se movimentos rumo a desterritorialização absoluta dos modos dominantes de subjetivação. Esses movimentos são permeados pelas linhas de segmentaridade flexíveis ou moleculares que, segundo Deleuze e Parnet (1998, p. 102) “traçam modificações pequenas no real, perpassando os indivíduos, os grupos, as sociedades. São apreendidas pelo desejo, pelo estético, pela atração ou repulsa.” Elas fazem pequenos desvios gerando às vezes processos irreversíveis.

A seguinte fala ilustra este movimento:

Eu já não tolero mais [...], mas nem sempre expresso isso, parece que tenho que ouvir calada e me resignar que sou uma solteira e pronto. Por que tenho de me casar para ser completa? Quando é que as pessoas vão parar de se preocupar com o ficar solteiro? [...] Que chatice!!!! (M7, Q35).

Esta intolerância tem permeado a vida de pessoas solteiras em forma de linhas de segmentaridade flexível, mas que muitas vezes se calam por parecer que seus argumentos não conseguem reverter o modo dominante de pensamento. Mesmo assim, linhas de ruptura do instituído têm sido traçadas conforme mostrou esta cartografia. Quais dispositivos tem sido descobertos ou inventados pelos sujeitos em seus processos de singularização?

Têm sido percebidas as brechas do instituído cristalizado, principalmente sobre o imperativo do casamento. As pessoas já se perguntam por que precisam se resignar ou ouvirem caladas. Muitos sujeitos desta pesquisa responderam além do solicitado, expressando sentimentos e opiniões, fazendo perceber a elaboração de suas próprias vidas.

Percebe-se que alguns tipos de conselhos têm causado “irritação interior” por parecer que a sociedade considera que “ficar solteiro é ser um coitadinho”. Alguns

sentimentos que outrora eram de resignação, hoje são de intolerância. Há opiniões de que a sociedade deveria parar de perguntar “por que você não se casa”.

Na cartografia se busca visibilizar processos, e uma resposta encontrada ilustra bem um processo em curso: “A minha decisão de não casar não é algo definitivo, porém, não está nos meus planos e alvos de vida. Isso foi acontecendo gradativamente a partir dos períodos [...] em que meu estilo de vida foi se definindo” (M7, Q8). Percebem-se linhas em movimento na invenção do novo, do diferente, um processo de singularização em curso. Essas linhas são a indignação, o questionamento e as mudanças de atitude nessa invenção do novo.

Em um processo típico de pessoas que se sentem “deslocadas” dos grupos da igreja pelo fato de serem solteiras, encontraram-se linhas flexíveis desestabilizantes deste território nesta resposta: “com o tempo percebi que o casamento não é a única forma de ser feliz. Até porque a felicidade é composta por vários ingredientes” (M4, Q8). Entre linhas flexíveis, esta respondente foi encontrando estabilização em novos territórios, se singularizando na mudança de atitude. É uma forma de trabalhar um processo, buscando estratégias afirmativas, como resistência à imposição dos discursos predominantes a respeito do casamento, criando novas práticas discursivas que vão sendo assimiladas aos poucos. Há a necessidade de se criar sempre novos dispositivos para mudança de orientação.

Segundo Deleuze (1990, p.155),

o si-mesmo não é nem um saber nem um poder. É um processo de individuação que diz respeito a grupos ou pessoas, que escapa tanto às forças estabelecidas como aos saberes constituídos: uma espécie de mais-valia.”[...] “Os dispositivos têm, então, como componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de fratura que se entrecruzam e se misturam, enquanto umas suscitam, através de variações ou mesmo mutações de disposição. Decorrem daí duas conseqüências importantes para uma filosofia dos dispositivos. A primeira é o repúdio dos universais. [...] A segunda conseqüência de uma filosofia dos dispositivos é uma mudança de orientação que se separa do eterno para apreender o novo. O novo não se designa a suposta moda, mas, pelo contrário, a criatividade variável segundo os dispositivos.

Para Deleuze (1990, p.160), nós pertencemos a certos dispositivos e neles agimos. “A novidade de um dispositivo em relação aos anteriores é o que chamamos

sua atualidade, nossa atualidade. O novo é o atual. O atual não é o que somos, mas aquilo em que vamos nos tornando.”

Um tipo de processo considerando mudanças de dispositivo ou em dispositivos, pode ser percebido nesta fala:

No início eu me questionava, **me sentia rejeitada e me perguntava por que estava ficando para trás, porque não conseguia me casar**. Trouxe-me tristeza e sentimento de inferioridade. Foi um longo e triste caminho até eu perceber que posso ser feliz solteira. Com a maturidade e independência financeira eu me questiono se preciso de mais alguma coisa [...]. Vi muitas mulheres desesperadas para casar se dando mal no sentido de se relacionar com alguém inadequado. O contato com pessoas na mesma situação que eu na igreja e trabalho me ajudou no processo. O grupo JÁ (*jovens adultos*) me ajudou a perceber outras maneiras de ser feliz sem estar necessariamente casada. Mas antes de encontrar esse grupo eu percebi que não havia lugar para mim em algumas igrejas. Não me encaixava em nenhum grupo. **No Reino de Deus não há espaço para mim?**(M8, Q8 – grifo nosso).

Ao refletir sobre sua condição de solteira e os sentimentos decorrentes no dispositivo “igreja”, ela, abalada por linhas de segmentaridade flexíveis, indo e vindo, encontrou no questionamento e auto-afirmação as linhas de fuga necessárias para a sua singularização, mesmo em meio a tristeza, neste mesmo dispositivo. Outros dispositivos se acrescentaram neste processo, como a participação em grupos específicos para pessoas não casadas e contatos com “iguais”, além da maturidade e independência financeira. Isto sem necessariamente abrir mão do dispositivo “igreja” que para ela tem um valor inegociável por representar o “Reino de Deus”.

Hoje, como declara ela, tem uma vida agitada, mas agradável e tem muita dúvida sobre o desejo de casar que sentia a cinco anos atrás por causa da pressão de pessoas, uma vez que se sente bem como solteira (M8, Q6).

“*Como é sua vida hoje?*” Esta foi a última pergunta. As respostas juntamente com a análise de outras questões, revelaram outros processos de singularização. Quais foram suas linhas de fuga? Em quais territórios foram encontradas?

A seguinte fala visibiliza um processo em curso, em crescente atualização na forma de agir em seus dispositivos, quando respondeu a pergunta citada:

É uma conquista e um crescer a cada dia, onde o viver está se tornando um prazer. Mas, para chegar ao ponto onde estou, precisei trabalhar muito bem as questões acima por vários anos, com ajuda profissional e dos meus amigos mais chegados (M3, Q35).

Aparece aqui um prazer em viver que não existia. Um território organizado que foi conquistado com grande esforço e com ajuda. Segundo as respostas de outras perguntas, as linhas de segmentaridade dura em vários dispositivos geraram sentimentos de inferioridade com relação à solteirice e paralisação em relação a uma atuação mais ativa na igreja local (Q3). A pessoa se sentiu pressionada ao casamento com muitos tipos de conselhos e julgamentos fazendo-a se sentir não aceita e inferior pelo fato de não ter alguém (Q8). Sempre foi parcialmente dependente, pois seus familiares afirmavam que jamais iria conseguir ser alguém e muito menos ser independente (Q9). Percebe que a pessoa solteira é vista como fracassada, mal amada (Q13). Acredita também, que o sentimento de fracasso, de perdedor, de incapacidade de viver sozinho e ter a síndrome do mal amado e mal ajustado impedem as pessoas de não morarem com os pais (Q30). Por causa de modelos de casamento (dês) idealizados ao seu redor, tem medo de um relacionamento íntimo e de colocar a pessoa errada ao seu lado (Q14).

Diante dos dispositivos criados, instituídos em linhas de segmentaridade dura, surgiram possibilidades de ruptura que foram aproveitadas nesse processo de singularização, de fuga do instituído. Através de linhas de segmentaridade flexíveis que desestabilizaram esses territórios, linhas de fuga surgiram na invenção do novo. O não suportar as pressões e sentimentos de inferioridade levaram a buscar ajuda profissional e em amizades significativas, investimento em pessoas, “não ter medo de se machucar, não ter pena de si mesmo” (Q4). As mudanças de atitude foram as principais linhas de fuga. Também encontrou na formação acadêmica e na independência financeira morando sozinha, territórios de realização.

Hoje acredita que se fosse casada não seria mais feliz do que é agora, “pois a felicidade vem de como você se aceita como pessoa inteira primeiro, e o companheiro iria só complementar” (Q18). Ao mesmo tempo, tem certa abertura para um casamento: “Meu companheiro seria uma pessoa cristã e resolvida com ela mesma, como também com o seu futuro já todo encaminhado profissionalmente (Q6). Novos dispositivos e possibilidades vão se definindo para essa pessoa em seu processo de singularização.

Para Deleuze, todo o dispositivo se define, “pelo que detém em novidade e criatividade, o qual marca, ao mesmo tempo, sua capacidade de se transformar ou se fissurar em proveito de um dispositivo do futuro” (DELEUZE, 1990, p.159).

No processo citado anteriormente, percebe-se um desejo de permanecer em seu território estável que está sendo estabelecido por ela mesma com abertura para um possível casamento com uma pessoa cristã e resolvida, mas segundo ela, com a possibilidade de permanecer solteira por encontrar assim segurança e felicidade.

Quais são as implicações teológicas dos arranjos constantes nestes processos? Quais as possibilidades de aceitação sem reservas em nossas igrejas? Quais rupturas devem ser instauradas nos modelos existentes?

Outros processos revelaram que, dispositivos utilizados como a proximidade com Deus, a leitura de livros, o relacionamento com pessoas diversas e mudanças de atitude frente às pressões ao casamento, foram as linhas de fuga encontradas para estabilizar um território desconfortável. É necessário distinguir, em todo o dispositivo, “o que somos (o que não seremos mais), e aquilo que somos em devir: a parte da história e a parte do atual. A história é o arquivo, é a configuração do que somos e deixamos de ser [...]” (DELEUZE, 1990, p.160).

Nesses processos, os respondentes afirmam que sua vida hoje é:

Muito melhor do que há 5 anos atrás, pois me livrei das pressões sociais de casamento, sou realizada profissionalmente, as piadinhas sobre ser solteira não me atingem mais – pois vale o velho ditado popular: antes só que mau acompanhada. Me considero uma mulher feliz e vitoriosa!! O que te ajudou? Relacionamento com Deus e pessoas diversas, leitura de livros (M4, Q35).

Eu creio que nasci com um **propósito de Deus** em minha vida [...] Fechei os olhos para algumas áreas [...] Sempre me senti **desvalorizada** como mulher, [...]Hoje tenho **pressa de restauração. Perdi tempo valioso sem construir nada.** [...] Não tem como recuperar, mas o futuro me espera e quero me preparar para isso. Quero e posso mudar **pensamentos de derrota por pensamentos de vitória**, ser valorizada como mulher, como pessoa, como **cristã. Crer nas promessas de Deus em minha vida** (M2, Q35 – grifo nosso).

Alguns, os 29% dos respondentes já casados, optaram pelo dispositivo casamento e buscaram isso, mesmo mais tarde, para a estabilização do território existencial, muito embora mencionassem vários aspectos positivos que experimentaram em suas vidas de solteiros/as. E declaram sobre suas vidas hoje:

Minha esposa e meu filho. É melhor agora do quando era solteiro. Casado eu conquistei maior independência financeira, bens materiais e mais companheirismo;

Bem melhor depois de casado;

Um constante aprendizado compartilhado com a pessoa que amo;

Repleta de atividades, marido, filho, trabalho, ministério e feliz por poder viver o que a vida proporciona. Nós é que fazemos dar certo, com ou sem casamento, a vida depende sempre das nossas escolhas que fazemos, pois tem conseqüências, boas ou ruins, o importante é o que fazemos delas. A vida nos dá o que dela aceitamos(M12,Q35);

Cheia de desafios com as diferenças (Q35).

Há processos que também buscam, na tentativa de um casamento, um dispositivo de valia para suas vidas, acreditando ser uma instituição divina e não falida, como verificado nos tópicos anteriores. A seguinte declaração sobre sua vida hoje mostra também um processo em curso, cheio de expectativas:

De uma maneira geral é muito boa. E o que me deixa feliz é o fato de eu estar trabalhando e de saber que em breve vou me casar com uma pessoa MARAVILHOSA que Deus me deu. [...] Assim fica mais fácil. Hoje eu tenho um objetivo: Trabalhar, casar e constituir uma família. E eu me sinto feliz por isto. [...] É claro que tem grande responsabilidade agora, mas Deus é fiel e vai continuar a nos abençoar juntos (H9, Q35).

Alguns responderam que sua vida hoje é normal e tranqüila como solteiros (as), mas gostariam e esperam por um casamento para um acréscimo de sentido às suas vidas. Estão em fase de decifração expressa pelos próprios entrevistados ao responderem como é sua vida hoje.

Solitária – mas assumo a responsabilidade por parte dessa situação. Tem seu lado bom estar solteira, mas eu não gostaria de envelhecer sozinha – se Deus me conceder, quero sim casar (M9, Q35). Eu estava “conformada” em ficar solteira. Mas começo a pensar como será a minha velhice – sem filhos – quem vai me fazer companhia, quem vai cuidar de mim? Eu também queria muito ter alguém pra cuidar. Queria muito fazer alguém feliz, amar e ser amada (M9, Q6).

Dou graças por ser solteiro, mas às vezes dá uma angústia de estar sozinho (H11, Q35).

Uma incógnita... Uma montanha russa. (M13, Q35)

Outros têm se reterritorializado em dispositivos como, dedicação ao trabalho, à igreja e ao *Ministério Jovens Adultos*. E têm preferido se manter solteiros/as pelas mais diversas razões, pois afinal, sua vida hoje: “É muito boa e tenho medo de um casamento que não dê certo” (H10, Q35).

Agora está posto em ação o desafio para as igrejas que querem conquistar seus solteiros e solteiras, de compreender e considerar as linhas instáveis ou cristalizadas de suas subjetividades. Linhas de segmentaridade dura do instituído precisam ser revistas. Dispositivos afirmadores da vida de cada um/ uma em suas particularidades devem ser propostos. Isto significa, na teologia, ir para a Bíblia e procurar dispositivos criados por Deus que valorizem o modo de vida de pessoas solteiras e propõem cuidados especiais com as pessoas sozinhas. Ir para a Bíblia representa questionar os ensinamentos das igrejas que conflitam com a maneira de viver o amor ao próximo proposto pelas boas novas de Jesus Cristo. No capítulo seguinte se aborda algumas formas de perceber os ensinamentos bíblico-cristãos em relação as pessoas adultas solteiras e formas de pastoreio em igrejas cristãs.

CAPÍTULO III

IMPLICAÇÕES TEOLÓGICO-PASTORAIS E A PRÁTICA DO CUIDADO DAS PESSOAS ADULTAS NÃO CASADAS NO CONTEXTO DE IGREJAS PROTESTANTES

O vigor da religiosidade moderna é protesto contra a aniquilação dos valores humanos e inconformidade com a falência dos humanismos (BRAKEMEIER, 2002, p.17).

A atividade cartográfica dos processos de subjetivação das pessoas adultas solteiras possibilitou, como se pretendeu na elaboração do projeto de pesquisa, a compreensão da pessoa sobre a sua própria condição de solteira, os fatores que ela reconhece que apontam para sua opção, como ela entende os processos familiares, sociais e eclesiais, os sentimentos que lhe vêm à mente pelo fato de não ser casada, o que ela acredita que os outros pensam a esse respeito e em que isso afeta seus sentimentos e maneiras de agir, e apontaram fatos que se tornam pistas para o fazer teológico em todos os tipos de igrejas promotoras de vida segundo as “boas novas” de Jesus Cristo.

Neste capítulo pretendeu-se abordar, numa síntese dos achados da pesquisa, as implicações teológicas envolvidas nos processos de integração das pessoas solteiras em seus contextos eclesiais levando em consideração as linhas mapeadas nesta cartografia.

1. SER SOLTEIRO/A EM IGREJAS PARA CASAIS – ENTRE O INSTITUÍDO E O INSTITUINTE

Para Esperandio (2001, p.86), “as subjetividades vão constituindo seus territórios – existenciais, institucionais, sociais... em movimentos permanentes de organização, desorganização, reorganização. [...] E é neste caos que o mundo vai sendo criado e recriado.”

A cartografia realizada das subjetividades de pessoas adultas solteiras apontou que muitas delas se sentem excluídas e inferiores em seu contexto familiar e eclesial pelo fato não serem casadas. Foram detectadas perdas e algumas questões próprias de pessoas solteiras.

Para Paulon e Romagnoli (2010, p. 8), a demanda de regulamentos e os mecanismos de atuar a reprodução do mesmo e resistir ao novo, são linhas duras manifestadas pelo instituído. “Mas as instituições são também constituídas pelo plano dos fluxos, por linhas de fuga heterogêneas que afetam, desestabilizam, agenciam com vários elementos e transgridem, desviam o que está estabelecido.”

Linhas duras que direcionam a vida das pessoas atribuem um valor imensurável ao fato de se estar casado/a, superior à vida de uma pessoa solteira. O casamento é a meta a ser alcançada para se ganhar credibilidade no grupo, *status* na sociedade, confiança, vida plena e feliz, compartilhamento, companheirismo, motivação para vencer na vida, autoconfiança, senso de responsabilidade, competência, crescimento como pessoa, maturidade, realização, sucesso, altruísmo, normalidade, poder novamente conviver com amigos/as que já casaram e projeto futuro na velhice.

Esses atributos dados ao imperativo do casamento geram pressão de várias formas em pessoas solteiras, fazendo com que se sintam em descompasso com a normalidade e endividada com o grupo. As pressões podem ser percebidas em forma de perguntas do tipo: “não casou ainda?” ou “quando vai casar?”, supondo que o casamento é algo obrigatório, descartando a possibilidade espontânea ao não-casamento.

Os enunciados nesta linha de segmentaridade dura pressupõem sistematicamente, no entender das pessoas solteiras, que as pessoas que não casam são “anormais” ou “problemáticas” considerando que a situação normal é o casamento. Elas também percebem que no entender das pessoas casadas, que as pessoas solteiras são imaturas, menos capacitadas a se envolverem em certos cargos na igreja, não dignas de confiança, infelizes, egoístas, fracassadas, inferiores, incompetentes, e assim por diante. Neste sentido, a igreja “parece mover-se muito mais sobre a linha da segmentaridade dura, do instituído cristalizado, com dificuldade/medo de algumas brechas que surgem no instituído como linhas de fuga que pedem novas configurações” (LOPES, 2011, p.143).

Esses atributos anteriormente citados têm gerado sentimentos de inferioridade, de não-aceitação e têm desmotivado as pessoas solteiras adultas em várias áreas de suas vidas. Seus territórios existenciais vivem em desconforto, e abalos acontecem a todo instante através de linhas de segmentaridade flexíveis que se entrecruzam a todo o momento em busca de significação, de reterritorialização, de legitimação, de individuação, na convicção de que para Deus elas são aceitas. Por esse motivo essas pessoas estão ainda nas igrejas. Para Schneider-harpprecht (1998, p.309), o ser humano é o ser falante que vive a partir da relação com os outros, buscando satisfazer suas necessidades de auto-sustentação física, psíquica e social. “Ele parte da experiência fundamental de uma carência de ser que faz com que esteja aberto para o mundo e um além do mundo, a transcendência” (*id.*). As pessoas adultas solteiras querem ser aceitas em suas igrejas.

Em meio às linhas duras do instituído, as pessoas solteiras, além de não obterem a dignidade, o reconhecimento, a competência, e os demais atributos de pessoas casadas, elas sofrem com as perdas consecutivas de cada amigo/a que se casa (elas consideram muito suas amigas de solteiro/a), se sentem desprotegidas, abandonadas, excluídas e discriminadas em suas igrejas, incompetentes e exploradas por seus familiares (por acharem que elas têm sempre tempo para tudo e para todos por serem solteiras).

Nesse sentido, percebeu-se pela atividade cartográfica que as amigas de fora da igreja ou os grupos específicos, são espaços que favorecem, modalizam o fazer não-ser, "o constrangimento da solteirice". São as rupturas dos territórios, as

linhas flexíveis que conduzem ou não às linhas de fuga, às desterritorializações. Quando está dentro do lugar da aceitação, a pessoa solteira sente-se livre do constrangimento, pois recebe a confirmação de seus valores: ser aceita em sua condição. Na busca do valor da aceitação, a pessoa solteira alcançaria um valor também desejado: a maturidade. O valor da maturidade era desejado, mas como aprendeu que a pessoa madura era a “casada”, houve um esforço do sujeito através do fazer não-ser “excluído, diferente” mesmo sem o casamento.

Também ficou evidenciado na cartografia que essas perdas de amizade desmotivam a participação mais efetiva na igreja, bem como o imperativo do casamento para poder ser competente para tarefas específicas.

Para Esperandio (2001, p.123), “o modo de subjetivação produzido no território institucional religioso evidencia a dificuldade em lidar com o outro como diferença constituinte de uma subjetividade sempre emergente. O outro é compreendido na sua individualidade, como “público alvo” para fazer dele/a o meu igual.”

Na igreja as pessoas percebem que devem casar-se para serem recebidas como iguais como exemplifica esta fala:

Pessoas que não casaram ou separadas/ divorciadas são tidas como pessoas que não podem assumir funções e cargos, menos capacitadas e que não deram certo na vida. Na igreja vende-se a imagem de que ser casado é melhor e se tem um degrau a mais no que se refere a status e credibilidade no grupo (M11, Q13).

Outras linhas de segmentaridade flexíveis percebidas são o não conformismo com esta diferenciação entre pessoas solteiras e casadas. São os questionamentos, a busca de razões, de argumentos que as convençam de fato desta superioridade de uma vida de pessoa casada. Outras linhas aparecem nas lutas entre um querer e um não querer um casamento e seus temores por causa dos péssimos exemplos de casamento que elas têm percebido ao seu redor e a (des) idealização freqüente do casamento na atualidade.

Assim, diante da pessoa solteira se coloca a necessidade e o desafio de que cada um se afirme na posição singular que ocupa; “que a faça viver, que a articule com outros processos de singularização, e que resista a todos os empreendimentos

de nivelção da subjetividade” (GUATTARI, 2000, p.50). Afinal, como bem observa Esperandio (2001, p.60) “é possível perceber o lugar das instituições, como sendo, ao mesmo tempo máquinas de produção de subjetividade, como também expressão da própria subjetividade dos sujeitos. Ou seja, a instituição religiosa é produtora de processos de subjetivação e sofre, também, simultaneamente os próprios projetos que engendra.”

Entre os processos percebidos, a pesquisa revelou ainda que o comodismo foi apontado como uma das razões porque as pessoas não buscam sua independência financeira e autonomia fora da casa dos pais. Outras razões apontadas foram a preocupação com os pais, a dependência financeira, o medo de morar sozinho (a), a mordomia do conforto financeiro, o sentimento de fracasso, de incapacidade de viver sozinho, ter a “síndrome do mal amado e mal ajustado”, a pressão psicológica da família e dos pais, a consciência pesada em abandonar os pais ou por acharem que devem permanecer na casa dos pais até casar.

Outras pessoas têm encontrado na formação acadêmica e a independência financeira o seu território de descanso. Outras linhas como a esperança e a fé em Deus tem estimulado as pessoas solteiras em seu processo de individuação. As mudanças de atitude, a busca por novas amizades, grupos de compartilhamento em igrejas com outras pessoas não-casadas e atividades especiais com pessoas solteiras têm feito parte da vida de pessoas solteiras em suas linhas de fuga do instituído na invenção do novo.

Para muitas pessoas o desejo de um casamento ainda é latente, mas decidiram não serem infelizes e nem se sentirem diminuídas enquanto esta oportunidade, “com muitas condicionantes” não aparece. Afinal, muitas têm descoberto que a vida de pessoas solteiras não é tão ruim quanto parece.

Para Amador e Kiersky (2003, p. 36) as pessoas solteiras precisam aprender a viver no presente, encontrar um lugar seu neste mundo de casais, deixar de viver em compasso de espera e agir para que suas necessidades sejam levadas em conta por amigos e familiares casados/as que as vezes fazem com que se sintam sobrando ou invisível. Além de todas as razões para dar o passo do casamento, o roteiro cultural promove um imperativo obsoleto e sem sentido de casamento.

Percebeu-se também, um compromisso com a defesa da família e dos princípios ético-cristãos. Ficou demonstrado também o quanto estes dispositivos são caros para os respondentes. Isso pode explicar porque estas pessoas solteiras optam por sujeição mais do que outras pessoas que optaram por sair de suas igrejas para tentar afirmação em outros lugares fazendo disso suas linhas de fuga.

2. IMPLICAÇÕES BÍBLICO-TEOLÓGICAS: DESAFIOS À COMUNIDADE DE FÉ PARA O CUIDADO DE PESSOAS ADULTAS NÃO CASADAS

Vivam em paz uns com os outros. Exortamos vocês, irmãos, a que advertam os ociosos, confortem os desanimados, auxiliem os fracos, sejam pacientes para com todos (1 TESSALONICENSES 5:13,14).

Ao desemaranhar as linhas de força que compõem a cartografia das pessoas adultas solteiras, surgem linhas que pedem decifração no fazer teológico que oriente para subjetividades que promovam aceitação ao “diferente”. Isto se a comunidade de fé pretende ser reconhecida como uma comunidade que vive e se ocupa da aplicação coerente e contextualizada dos ensinamentos bíblicos nos relacionamentos entre seus diferentes membros.

A passagem bíblica de I Tessalonicenses 1:2,3 mostra como a comunidade religiosa da cidade de Tessalônica tornou-se, para o apóstolo Paulo, referência para todas as demais igrejas no decurso da história, em função do modo como praticava a fé, a esperança e o amor mesmo no contexto de perseguição da época. Diz o texto:

Lembramos continuamente, diante de nosso Deus e Pai, o que vocês têm demonstrado: o trabalho que resulta da **fé**, o esforço motivado pelo **amor** e a perseverança proveniente da **esperança** em nosso Senhor Jesus Cristo (1 TESSALONICENSES 1.2,3, grifo nosso).

Segundo o apóstolo Paulo, a fé produz ação. Para o contexto de nossas igrejas, entendemos que as circunstâncias da vida abalaram de tal forma a fé, que a pessoa adulta não casada se vê desmotivada para o trabalho em sua igreja. É tempo de questionamento de sua fé. Muitas saem da igreja neste momento e as

sobreviventes ficam no anonimato, sendo que uma minoria permanece em sua função por muito tempo.

A fé é, inicialmente, a atitude de aceitação de Deus e o compromisso com Ele, que é a marca da conversão (1 TESSALONICENSES 1.8). Mas é igualmente uma atitude contínua de confiança e compromisso baseada na convicção de que Jesus morreu e ressuscitou (*ibidem*, 4.14), tanto que crente é um termo apropriado e característico para se referir aos cristãos (MARSHALL, 2007, p. 213).

Para se referir sobre a fé, é conveniente considerar que esta cartografia confirma que para muitas pessoas, a longa espera por um casamento desmotiva o envolvimento no trabalho na comunidade religiosa. Elas querem resolver primeiro seu estado civil. Elas se percebem na igreja como não resolvidas e conseqüentemente não qualificadas. À medida que os anos passam, seu envolvimento social também se reduz. Elas já não querem mais comemorar aniversário porque esta data faz lembrar que está ficando ainda mais velha. Vão ficando lembranças de experiências tristes de relacionamentos que não levaram ao casamento. Diante deste cenário, como poderia a fé destes irmãos e irmãs produzir frutos que resultem em obras? O que se percebe é que a fé contribui para que não desistam de suas igrejas. Nesses casos, as possibilidades de reterritorialização só são possíveis pelo questionamento e insistência em busca do lugar da aceitação/integração ao romperem-se as linhas de segmentaridade rígidas do instituído.

O cuidado que o apóstolo Paulo demonstra no versículo citado deveria servir de estímulo para igreja no que tange ao cuidado específico com jovens adultos da mesma forma que ocorre em outros segmentos da igreja. A restauração ocorre num trabalho de proximidade sem reservas, no trato pessoal de irmãos e irmãs que demonstram o cuidado de Deus em meio às circunstâncias. O incentivo para o serviço no Reino de Deus ajuda a manter a vitalidade de pessoas solteiras adultas. Se a fé se consuma em atitudes, também a igreja deveria rever seus conceitos e hábitos em linhas mais flexíveis de reflexão e questionamento das premissas básicas em seus costumes com as pessoas solteiras adultas.

“Que o Senhor faça crescer e transbordar o amor que vocês têm uns para com os outros e para com todos, a exemplo do nosso amor por vocês” (*ibidem*, 3.12). Este versículo nos faz pensar no que tem movido nosso esforço como cristãos. Tem o amor transbordado em nossas atitudes e práticas no exercício de nosso lugar no corpo de Cristo em relação às pessoas adultas solteiras?

Como verificado nesta pesquisa, o amor próprio das pessoas adultas solteiras é abalado e aparecem sentimentos de inferioridade que vem desestabilizar seus territórios. O amor fica desacreditado. Sem a motivação do amor é impossível esforçar-se para o trabalho. A pessoa solteira precisa ser reconquistada pela igreja e acreditar novamente no amor e que Deus não se esqueceu dela. As demonstrações de amor em forma de aceitação e credibilidade para tarefas específicas brotam sentimentos de valorização e tratam a auto-estima. Ela precisa ser amada na sua condição de solteira, pois como podemos garantir o quanto da vontade Deus está prescrita em sua condição? É através do poder de Deus que, aquele/a que crê no evangelho é capacitado/a para permanecer firme apesar das dificuldades e da oposição que enfrenta. Aqui há espaço para linhas de fuga, para o desencadeamento de um processo de singularização promovido pela fé e por uma vivência mais integradora junto aos membros da comunidade religiosa.

Dos três itens citados em 1 Tessalonicenses 1.3 – fé, esperança e amor, ligados ao trabalho, à motivação e à perseverança – este último é normalmente o que prevalece na vida de quem permanece na igreja, com ou sem um trabalho específico.

Novas possibilidades de existência descortinam-se para a pessoa solteira quando a perseverança reina em seu processo. A esperança em Jesus e a certeza da fidelidade de Deus é um forte sustentáculo em sua vida. Ela restaura a fé abalada pelas circunstâncias e leva de volta para o amor. Quando este processo avança, podem-se perceber os frutos abundantes que surgem do meio da sequeidão. A fé fica fortalecida e o amor tem novas facetas. Esta linha de fuga tem sustentado e dado descanso para muitas pessoas solteiras adultas em suas igrejas. Nesse processo, não somente cresce a pessoa solteira e também a igreja em seu compromisso social.

Para Lopes (2011, p. 143), a igreja não cresce segundo a ordem e a uniformidade territorial. “Ela cresce por agenciamentos, por contágio das subjetividades que vêm no Evangelho uma linha de fuga diante do turbilhão de menos vida que se apresenta em nossas sociedades e nas sociedades de todos os tempos.” Ele pontua, que a igreja se faz nova a cada agenciamento, no sentido de que novos contatos e ligações são estabelecidos (*id.*).

Lopes (2011, p. 159) bem afirma que a Igreja possui a potência para sair de si mesma e escapar às linhas segmentares duras e inflexíveis de suas institucionalizações. Sendo feita por homens e mulheres do “hoje”, que professam a fé “agora” ao escaparem “às linhas duras e engessadas, podem sentir-se aptos a ser de fato fermento na massa e a abrir-se para o encontro com as pessoas a partir de seus modos de existência, afetando e deixando-se afetar por elas.”

É impensável uma religião verdadeira que transforme a realidade, sem que se tenha ao menos uma noção dos principais componentes desta mesma realidade. “Uma verdadeira pastoral familiar deverá estar atenta à variedade de configurações familiares e, conseqüentemente, fugir da tentação de padronizar os modelos familiares” (Moser, 2007, p.221).

As comunidades de fé são chamadas a lembrar que “o grito de Jesus na cruz identifica a situação dos cristãos, da humanidade e da criação, articula e defende o desejo da vida, liberdade, justiça, paz e amor como essência ainda ausente do ser. (...) A afirmação da ressurreição de Jesus Cristo e da vinda do Reino de Deus formula essa essência que é motivo da esperança cristã para o mundo inteiro” Schneider-Harpprecht (1998, p.330). Esta esperança movimenta as linhas rígidas instituídas rumo a uma nova configuração, mais coerente com as necessidades do povo cristão.

Afirmar a vida é também deixá-la diferenciar-se, singularizar-se. “É amar as coisas sem fundir-se ou identificar-se com elas; é afirmar o princípio de nossa própria diferenciação para que venhamos a amar a diferença como exterior a nós”. Explica ele: “Trata-se, ainda, de atualizar a história, conferir fissuras à linearidade temporal, abrir o presente para as singularidades” (Fonseca, 2006, p.9).

3. POSSIBILIDADES DE MODOS DE VIDA AFIRMATIVOS PARA PESSOAS SOLTEIRAS NA COMUNIDADE ECLESIAL

Esperandio (2001, p.74) afirma que, como a subjetividade é assumida por indivíduos em suas existências particulares, “eles podem se apropriar dela (como um pacote a ser consumido)”, da mesma forma como a recebem, ou com criatividade podem apropriar-se dela, transformando-a, “vivenciando, assim um processo de singularização. Ou seja, o processo de subjetivação é uma processualidade sempre em aberto, em movimento, constituída em reciprocidades que se conectam” (*id.*).

A igreja como expressão da vontade de Deus, pode criar dispositivos que representem facilitadores de linhas de fuga para pessoas solteiras adultas em espaços de afirmação da vida. Pode favorecer a ruptura do instituído no meio eclesial protestante que contemple a inclusão de pessoas solteiras adultas atuantes com vistas a uma integração plena.

As pessoas solteiras querem ser aceitas como são e conviver normalmente com casais sem serem cobradas sobre sua condição. Elas precisam e querem conviver com modelos saudáveis de relacionamentos familiares. Isto propicia segurança emocional.

Chapman (2004, p.17) afirma que a pessoa solteira adulta quer sentir-se amada pelas pessoas importantes em sua vida e quer também acreditar que alguém precisa de seu amor. “Quando você se sente amado e necessário, consegue vencer as pressões da vida. Sem amor, a vida pode tornar-se excessivamente sombria.”

Nos dispositivos estudados foram encontradas pistas que podem contribuir com processos de singularização de pessoas solteiras nas comunidades protestantes. Pode-se citar: a restauração das amizades, a prática de uma linguagem inclusiva, quebra de preconceitos, restauração da confiança, incentivo para trabalhos na comunidade, pastoreio e aconselhamento com empatia, criação de grupos específicos ou aceitação com naturalidade em grupos de casais (se assim elas se sentem melhores), gestos de reconhecimento do valor das pessoas solteiras como amadas por Deus e ouvi-las sem reservas, considerando suas necessidades legítimas.

Concordamos com Allender e Crabb (2000, p.158) quando afirmam que existe poder na comunidade: “É o poder da conexão (com um grupo de pessoas e não apenas com um conselheiro), o poder de entrar na vida de uma pessoa com a energia de Cristo, de ver o coração da pessoa com a mente de Cristo, de tocar a sua alma com o amor de Cristo”.

Obviamente existem desafios para as pessoas solteiras no decurso de seu processo de reterritorialização. Tais desafios relacionam-se ao esforço pessoal de facilitar seu reconhecimento e aceitação/integração na família e igreja, como: exercitar a iniciativa perdendo o temor de uma auto-exposição, trabalhar as auto-acusações, compreender seu roteiro pessoal de casamento e suas reais motivações para o casamento ou não-casamento, buscar escolhas afirmativas para sua vida, exercitar o perdão a si mesmo e aos outros e também compreender as necessidades e motivações das pessoas casadas.

Para Rogers (1981, p.283), psicólogo, criador da linha teórica conhecida como Abordagem Centrada na Pessoa, compreender a fundo as idéias e os sentimentos de outra pessoa, com o significado que esta experiência tem para ela, e, “inversamente, ser profundamente compreendido por essa outra pessoa – é uma das experiências mais humanas e mais compensadoras e, ao mesmo tempo, uma das experiências mais raras.” Ele também acredita na hipótese que, “a maior barreira à comunicação interpessoal é a nossa tendência muito natural para julgar, para avaliar, para aprovar ou para desaprovar as afirmações de outra pessoa ou de outro grupo” (*Ibidem*, p. 290).

A comunidade de fé com sua potência e resistência para a produção de vida, ainda tem sido o lugar preferido das pessoas estudadas. E é lá que gostariam de encontrar seu reconhecimento, valor e espaço legítimo de atuação.

Alguns dispositivos interessantes de afirmação da vida têm surgido através de nossos trabalhos com pessoas solteiras. Um líder de nossos grupos percebeu, por ocasião de alguns aconselhamentos, que faltam ritos de passagens que marquem etapas importantes da vida de pessoas solteiras. Segundo ele, “ritos de passagem” marcam a vida das pessoas e as ajudam a situarem onde estão. O “chá de panela” indica claramente que a moça vai se casar e sair da casa dos pais. A cerimônia de

casamento marca a data e a torna importante, o chá de bebê avisa da chegada do filho, da maternidade e também, consideram-se as formaturas, entre outros ritos. Quanto mais importante é a passagem de uma situação a outra na vida, mais elaborado é o rito de passagem.

Neste íterim, constata-se que existe uma lacuna em pessoas solteiras que não conseguem marcar positivamente alguns estágios de sua vida e isso faz com que se sintam menos importantes. Numa ocasião, surgiu uma situação onde uma integrante de nossos grupos comprou um apartamento e se preparou para sua independência financeira, saindo assim, da casa dos pais. Ela nos perguntou, um pouco constrangida, se seria oportuno organizar um chá de panela para poder montar sua cozinha. A idéia foi fantástica, além de caracterizar uma maneira criativa de também fazer seu rito de passagem ao ganhar independência financeira e autonomia em sua casa própria.

Numa outra situação, uma integrante que também conseguiu essa independência nos compartilhou emocionada que no primeiro jantar que organizou para a sua família em sua nova casa foi surpreendida com uma significativa oração de bênção dos pais para a nova vida da filha que estava se iniciando. Foi de uma forma espontânea e criativa que surgiu mais uma idéia de rito de passagem, atribuindo importância e sentido à vida de uma adulta solteira. Enfim, várias coisas podem ser feitas para que as pessoas solteiras se sintam valorizadas e amadas.

A igreja é desafiada a reconhecer que, junto com certos aspectos mais rígidos do instituído, ela também carrega a potência instituinte de novas formas de subjetivação. Ela pode se constituir como uma linha de fuga por causa da preocupação de Deus com as pessoas. Muito já se discutiu e já se repensou o modo de ser igreja ao longo de toda sua existência. Soluções encontradas no passado supriram necessidades de sua época e seu contexto através de experiências que deram certo ou não. Hoje não é diferente. Também há a necessidade de se inventar/produzir processos outros com vistas ao atendimento das demandas de nosso tempo e nosso contexto. Nossa responsabilidade é ainda maior, visto que conhecemos as experiências do passado e seus resultados.

A igreja com suas ferramentas e experiência é um meio bastante eficaz de tratar a pessoa em sua integridade. Existem soluções práticas que estão sendo adotadas por diversas denominações religiosas que podem ser examinadas. Talvez o foco nos cultos e trabalhos da igreja deva ser revisto.

Vidas restauradas, corações transformados e o fruto do Espírito produzido em abundância também não honram e louvam a Deus? As pessoas conseguem viver vida nova e abundante? Estamos trabalhando devidamente com a libertação dos cativos? Talvez tenhamos que nos envolver mais com as pessoas para poder discernir e ajudá-las. Segundo Lopes (2011, p. 36), se as instituições humanas são produtos nossos, se construímos nossas existências e nossas verdades, se forjamos nossas subjetividades no cruzamento das forças sociais, “então é nesta relação de forças que o Evangelho precisa atuar.”

É importante também, considerar a proposta do aconselhamento pastoral sistêmico como uma ferramenta útil, entre outras, para ser usada junto a esse grupo. “A visão sistêmica obriga o aconselhamento pastoral a trabalhar conflitos e crises das pessoas no contexto dos seus sistemas sociais”, [...] e são determinadas nas suas reações pelas regras das interações sociais nesses sistemas e por sua história social (SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p.313).

Neste sentido, Friesen explica a importância de ficar atento ao contexto social em que a família está inserida e à forma como seus membros interagem pois, como aconteceu com o personagem bíblico Isaque, filho de Abraão e Sara, muitas vezes a pessoa solteira vem de um ambiente familiar onde há falta de consideração para com as regras que definem o espaço do outro ou “por dificuldades no processo de individuação e estabelecimento da identidade” (FRIESEN, 2006, p.56 e 75).

Conhecendo a família de origem das pessoas adultas não-casadas, a igreja poderá muitas vezes suprir a ausência de afeto e proporcionar um ambiente substituto onde a pessoa não-casada se sente inserida num novo ambiente familiar.

Agindo desta forma, cumpre-se a orientação de Jesus Cristo, quando ele pergunta: “Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?” E, estendendo a mão

para os discípulos, disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos!”(MATEUS 12.48,49).

As pessoas solteiras adultas querem sentir-se amadas pelas pessoas importantes em suas vidas e querem também acreditar que alguém precisa de seu amor, pois, “quando você se sente amado e necessário, consegue vencer as pressões da vida. Sem amor, a vida pode tornar-se excessivamente sombria” (CHAPMAN, 2004, p.17).

Como muito bem lembra Lopes (2011, p.147), Jesus assumiu em si nossa mais profunda dor, nosso mais profundo sentimento de abandono e solidão e criou uma brecha na história humana, uma linha de fuga histórica, que possibilita-nos escapar aos modelos excludentes e diminuidores da vida. “Não há, em Deus, ninguém que seja excluído, que seja menos, porque Ele mesmo se colocou no lugar dos menores e se fez menor. A partir dessa linha de fuga, tudo tem sentido positivo, até mesmo a morte (*id.*). Este autor observa que não é fácil desterritorializar-se. “Mas a certeza de que o Evangelho é uma linha de fuga diante das situações de morte das sociedades, e que o Reino prometido é possível, garante a força e a coragem para novamente dobrar o estabelecido e se refazer institucionalmente” (*Ibidem*, p.159).

Vale ainda lembrar que os resultados da pesquisa confirmam a observação de Frankl de que cada pessoa tem sua própria vocação ou missão específica na vida. Precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir realização. “Nisto a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim, a tarefa de cada um é tão singular quanto a sua oportunidade específica de levá-la a cabo” (FRANKL,1985, p.98).

Alguns autores na área de terapia e aconselhamento cristão, têm se preocupado com as pessoas adultas não-casadas. Clinebell (2007, p. 267) por exemplo, afirma que é fundamental que o programa de poimênica¹⁰ e aconselhamento de uma igreja seja estruturado de forma tal que também ministre a pessoas separadas, divorciadas, enviuvadas ou jamais casadas. “O desafio está em criar estratégias de transformar as igrejas em [...] uma extensão da família para o

¹⁰ Clinebell (2007, p.25) considera **Poimênica** como o ministério amplo e inclusivo de cura e crescimento mútuos dentro de uma congregação e de sua comunidade, durante todo o ciclo da vida.

apoio de todo aquele que o deseje, incluindo aqueles que vivem sós [...]. Toda pessoa precisa de um sistema de apoio de relacionamentos que cubram suas necessidades” (*id.*). É justamente a falta destes relacionamentos que dificulta a irrupção de linhas que potencializem processos de singularização.

Neste sentido, Clinebell propõe que as igrejas formem atitudes positivas e desenvolvam programas que ajudem a existência de pessoas solteiras em opção genuína, em estilo de vida plenamente legítimo, sem comprometer programas familiares. Para ele, na medida em que as pessoas vão se tornando mais livres para optar pela vida de solteiro, elas também ficarão mais livres para optar pelo casamento, quando este for indicado e preferível por parte da pessoa. “Haverá menos pessoas casando-se pelas inadequadas razões de tentar escapar da vida de solteiro ou conformar-se à norma social de ser casado” (CLINEBELL, 2007, p. 267).

Como forma de potencializar as linhas de fuga, o autor apóia a criação de grupos diversos de comunhão e crescimento e eventos como retiros, aulas ou encontros sobre a vida criativa de pessoas solteiras. Ele considera importante evitar programas para solteiros como oportunidades para encontrarem o seu par, embora esta seja uma função legítima para as próprias pessoas solteiras. “Pessoas não-casadas deveriam ser convidadas e sentir-se bem vindas em toda gama de grupos de comunhão e de aprendizado na vida de uma igreja orientada para a integralidade” (*Ibiden*, p.268). “O trabalho de apoio e crescimento que acontece em grupos e eventos de existência criativa de solteiros pode contribuir para que estes [...] consertem algum dano infligido à sua auto-estima por nossa sociedade e suas instituições, inclusive igrejas” (*Ibiden*, p.269).

Discorrendo sobre a poimênica¹¹ no Novo Testamento, Schneider-Harpprecht (1998, p.296) afirma que Jesus apresentava-se na sua pregação e prática como reconciliador entre Deus e os seres humanos que representa o amor e o perdão divinos (*id.*). Para o autor, a poimênica convida o ser humano a se amar e valorizar contra as forças que destroem a vida e o motiva para viver o amor e fazer a sua parte na transformação de situações de sofrimento imposto por outros. “Ela ajuda no desenvolvimento de laços sociais (*networking*) na comunidade que integram e

¹¹ Na visão de Schneider-Harpprecht (1998, p.313), “a poimênica é uma dimensão da vida da comunidade cristã que encontra no aconselhamento pastoral o seu campo principal de trabalho.”

protegem as pessoas, as tornam mais fortes e menos vulneráveis em crises” (*Ibiden*, p.313).

Enfim, várias práticas podem ser adotadas nos contextos das igrejas para promover vida e integração com naturalidade de pessoas solteiras adultas. Os sujeitos desta pesquisa estão convivendo em comunidades de fé, e é lá que elas encontram segurança e buscam afirmação, por mais que em certos momentos aconteçam os sentimentos de rejeição e preconceito por parte da comunidade. Esses sujeitos têm permanecido na igreja por causa da importância que eles dão à comunidade eclesial, por isso permanecem lá, com tudo o que sentem. A igreja deveria ser um lugar de afirmação da vida. Os sujeitos da pesquisa esperam pacientemente ou trabalham com esperança de que um dia essa afirmação se faça verdade.

CONCLUSÃO

A análise cartográfica evidenciou em alguns dispositivos, as linhas de segmentaridade rígidas, as linhas de segmentaridade flexíveis e as linhas de fuga constituintes da subjetividade de pessoas adultas solteiras em seus contextos sócio-religioso e familiar. Desta forma pôde-se perceber, por parte de uma certa parcela de pessoas adultas solteiras, resistência e não aceitação do instituído. Esta resistência busca provocar rupturas, levando a novas reterritorializações no modo de vida experienciado por este grupo.

As linhas que fazem os processos de subjetivação das pessoas adultas solteiras puderam ser analisadas com base nos dispositivos que se movimentam e se deslocam em territórios, organizações sociais e religiosas, práticas familiares e em enunciados do cotidiano dessas pessoas. Segundo Deleuze (1990, p.155), a linha de fuga é uma produção de subjetividade permitida ou possibilitada por dispositivos. Foram analisadas algumas linhas postas em ação e as superfícies predominantes com suas potências e resistências, para a produção da vida.

Entre as linhas dos processos de subjetivação da qual fazem parte as questões de gênero e independência financeira, percebeu-se um certo ensino familiar sobre a importância de apenas saber ler e escrever e casar, como mostrou uma das participantes da pesquisa. Este ensino tem a ver com os discursos desde o início do século XX sobre a instituição da família burguesa como modelo aclamado pela política de constituição do estado republicano no Brasil, sendo fortalecido pelos avanços da medicina e acatados pela igreja. Neste contexto, conforme Maia (2007, p. 15), surge a imagem doentia da *solteirona* nos discursos literários e da mídia, causando a instabilidade do território das mulheres que optaram pela formação acadêmica e carreira profissional não permitida para as mulheres casadas até 1962. Surge aí, a questão da honra para o homem em sustentar a família, que foi uma das paralisações encontradas pelos pesquisados masculinos (pressão construída da desonra).

Das pessoas pesquisadas, 69% cursaram o curso superior ou pós-graduação. Podendo-se afirmar que o fato de permanecer solteiro(a) favoreceu esse quadro.

Constatou-se também que 57% embarcaram no território da independência financeira encontrando ali sua linha de fuga. Verificou-se que 42% dos respondentes são parcialmente independentes.

Percebe-se que existem pessoas solteiras que permanecem na casa dos pais por prazo indeterminado, com certa dependência financeira e até emocional. As razões apontadas são as mais diversas. Uma delas é a crença de que a tarefa de cuidar dos pais é de preferência de filhos (as) solteiros (as). Outra razão é a educação familiar que ensina que só se sai de casa casado (a). A dependência financeira e mordomia que também foram apontadas, podem inclusive serem vistas como sinal de acomodação e de paralisação. Este tipo de paralisação pode ser decorrente de sentimentos de inferioridade, incompetência e ainda “os medos” em várias instâncias em pessoas solteiras. Por outro lado, forças de fora que provocam os deslocamentos da subjetividade têm sido percebidas em casos onde a formação acadêmica e a independência financeira têm sido linhas de fuga consideradas saudáveis para a emancipação e individuação de muitas pessoas solteiras adultas.

Foi constatado também que o cuidado dos pais tem “sobrado” para muitas pessoas solteiras em nossas comunidades, em muitos processos de conformismo que se percebem paralisações. O sentimento de culpa como se estivesse abandonando os pais, caso se colocasse em questão a responsabilidade por tal cuidado, também foi apontado como razão dessa passividade da pessoa solteira em assumir, muitas vezes sozinha, o cuidado dos pais. É também uma forma de reterritorialização que, se prazerosa, pode indicar uma vocação e um sentido na vida. Sabe-se de muitas pessoas que tem se amoldado a esta condição por prazer. Mas não é assim com todas. Das pessoas pesquisadas, 23% das mulheres ainda acreditam que a maior responsabilidade em cuidar dos pais é de filhos/as solteiros/as, por não terem família e porque os casados sempre deixam para elas. Linhas de fuga têm sido percebidas nas muitas respostas que não consideram que seja exclusivamente de pessoas solteiras o cuidado com os pais.

As linhas flexíveis percebidas neste tema são: questionamento do instituído, Ironia e exagero como dispositivos de questionamento à algo instituído pelas pessoas casadas de que as solteiras têm nada para fazer e tem mais tempo para

cuidar dos pais. As linhas de fuga nesse processo estão no dispositivo do rompimento como a decisão de sair de casa.

Quanto às linhas envolvidas na administração do tempo, amizades e envolvimento na igreja, perceberam-se movimentos importantes que implicam nos modos de agir dentro das famílias e das igrejas. Pessoas adultas solteiras, com algumas exceções, têm-se percebido à margem de suas comunidades eclesiais por se considerarem inaptas para uma atuação mais ativa nessas comunidades. Um fator muito importante apontado como desestimulante ao envolvimento mais ativo são as perdas das amizades que são percebidas como praticamente incompatíveis entre pessoas casadas e solteiras no contexto eclesial. Ligados a este fator aparecem os sentimentos de inferioridade que para muitos são motivos de paralisação em projetos pessoais de vida.

De acordo com o grupo pesquisado, a tratativa percebida de pessoas casadas em relação às solteiras, sob a ótica do imperativo do casamento, tem gerado esses sentimentos que refletem um território despotencializado. Para muitas pessoas solteiras, o território do casamento é instável, permeado de contradições, questionável e necessita de “reformas” em sua idealização para que se garanta como investimento viável, vantajoso e afirmador de vida. Isto se dá pelos modelos depreciados que se apresentam em muitas famílias de convívio próximo dessas pessoas solteiras.

Das pessoas pesquisadas, 50% têm alguma dificuldade em administrar o tempo. As pessoas deixam de fazer algo que gostariam para se colocarem a disposição de outras pessoas por serem solteiras e se sentirem na obrigação de fazer. Argumentos são colocados em tom de inconformidade (linha flexível) e percebe-se priorização, em excesso, do trabalho deixando o social de lado. Já a outra metade que não tem dificuldade em administrar seu tempo, dá pistas de que o fato de se organizar em atividades mostra que encontraram linhas de fuga a constituir novos territórios instituindo o novo.

O percentual expressivo de 50% das pessoas pesquisadas afirmou que ser solteiro/a interfere em um envolvimento mais ativo na igreja local. Isso se deve ao fato de perceberem que há preferência para casais no exercício de liderança e

desconfiança com pessoas solteiras. Também a sensação de incompetência por estar sozinho é desestimuladora. A dupla sensação de incompetência foi apontada quando existe a percepção de um certo padrão financeiro instituído (linhas duras) para poder casar, primeiro por não ter o padrão e segundo por não casar. Percebeu-se também uma dificuldade não incomum em identificar-se com “outros iguais” quando não se está confortável com seu estado civil. Isto se deve ao fato de algumas pessoas não se sentirem confortáveis em grupos específicos para pessoas não-casadas.

Uma rendição passiva ao modo dominante de subjetivação, evidenciado, sobretudo, na linha de segmentaridade dura, é percebida em pessoas que são adaptadas aos trabalhos da igreja onde é permitida sua atuação, impossibilitando o embarque numa linha de fuga que configuraria um território singularizado.

Alguns lugares eclesiais são observados como não adequados às pessoas solteiras, configurando a prática de um discurso que é produzido silenciosamente, mas é percebido e assumido por muitos/as solteiros/as de uma forma acrítica, próprio de um modo de subjetivação dominante, como é o exemplo de quem nunca se ofereceu para ajudar a servir a ceia por nunca ter visto alguém solteiro fazendo. O fato de não se acomodar em lugares adaptados nas igrejas indicam linhas flexíveis em busca de singularização.

Também percebeu-se que o fato de se ter que conquistar “o mérito” de recuperar as amizades perdidas, através do casamento, pode levar a uma reterritorialização por uma linha rígida de ter que se casar.

Outro fator apontado para o comprometimento do envolvimento em uma igreja é o fato das pessoas reorganizarem o território relacional fora do ambiente eclesial, normalmente no ambiente profissional, após afastamento das amizades da igreja por causa do estado civil, por se sentirem deslocadas e por serem consideradas “velhas” em seus grupos de jovens.

A pesquisa apontou que 70% das pessoas acreditam que existem sentimentos de inferioridade em pessoas solteiras.

Entre as causas mais freqüentes de sentimentos de inferioridade apontadas pelos homens e mulheres estão: Aparência Física, problemas na área financeira, brincadeiras (ficou para titia), estar “ainda” procurando alguém, foram rejeitadas; relacionamentos passados, perdem a auto-estima por não encontrar uma pessoa para casar, incapacidade de desenvolver um relacionamento, ser considerado homossexual ou problemático, se sentir pressionado ao casamento para ser uma pessoa “normal”, ter que casar para poder se integrar no convívio social (pressão), ter que ir a algum casamento ou festa sem um/a parceiro/a, a forma de encarar a vida, sentimentos de “exclusão” em grupos que só valorizam o casamento, crença de que se é infeliz, ser considerada fracassada, não “conseguir” quem a ame e dê valor, ser considerada incapaz ou deficiente; frustração, preconceito; cobrança da sociedade, a espera pelo casamento quando se quer muito, por considerar o casamento uma instituição muito forte e não falida, não se aceitar, Deus colocou no coração das pessoas o anseio por um cônjuge, a conquista de seu espaço na sociedade e não poder ganhar naturalmente como a mulher casada e serem consideradas na igreja como pessoas que não deram certo na vida.

A maioria das causas apontadas para os sentimentos de inferioridade são itens que provém de linhas de segmentaridade duras assimiladas do contexto social, familiar e eclesial. É aquilo que acreditam que estes contextos instituem ou exigem. As linhas duras do instituído, visíveis neste imperativo social ao casamento, são os dispositivos forjadores desta subjetividade.

Também foi considerada nesta pesquisa, a existência de um território (des) idealizado: A promessa de plenitude da felicidade e as desvantagens do casamento. Constatou-se que 29 % das pessoas pesquisadas já acreditaram na plenitude de felicidade que só o casamento pode dar. E os 17% que ainda acreditam são homens.

O modelo defendido no convívio da igreja e a tratativa dada aos solteiros, como “*pessoas que sobraram*” foram apontados como uma dos motivos para a crença na plenitude da felicidade com o casamento.

De certa forma, Moser (2007, p.116) propõe processos de subjetivação com dispositivos mais altruístas do que o imperativo de felicidade plena individualista dentro ou fora do casamento. Este pode ser um caminho para instauração de novas

linhas de fuga diante do instituído, do dever de ser feliz. Ele vê na comunidade eclesial um lugar ideal para trabalhar este bem comum, menos individualista.

Das pessoas pesquisadas, 79% responderam que a vida de não-casado tem seu lado bom e ruim. Foram observados que aspectos apontados como positivos, nas vantagens de ser solteiro ou solteira, são atributos valorizados e até desejados por elas mesmas como independência, descompromisso, liberdade, harmonia, sem sujeição a outras pessoas e autonomia entre outros já citados. Estes mesmos fatores acrescidos de perda de amizades, de identidade e de individualidade aparecem para elas como agravantes do casamento.

Por outro lado, muitos dos aspectos negativos são os dispositivos fabricados nos contexto sócio-eclesial: Vida solitária, tristeza, frustração, sentimento de inferioridade, ser considerado problemático, vista como fracasso, a pessoa é vista como mal amada, servir de capacho por acharem que se tem sempre tempo, falta de carinho, falta de amor de cônjuge. E como benefícios de um casamento aparecem: motivação para a vida, companheirismo, compartilhamento, amizades com casais, família (pertencimento), autoconfiança, *Status*, sinal de maturidade, felicidade.

Os aspectos positivos da vida de solteiro/a tem sido usados por muitas delas como linha de fuga para o território do não-casamento de forma a não paralisar sua vida pelo fato de não ter se casado, mesmo que em outras respostas surgem a provisoriedade desta linha como o fato de 88% das pessoas desejarem um casamento.

Quando as pessoas descobrem razões porque querem ou não querem casar como propõem Amador e Kiersky (2003, p.81), as portas se abrem e suas opções se multiplicam. Portanto é importante que as pessoas sejam ajudadas a compreenderem seus roteiros pessoais de casamento como temos visto em nossos grupos.

Estes dispositivos conceituais valorizados por elas próprias indicam a existência de linhas de segmentaridade flexíveis rumo a (des)idealização do imperativo do casamento. Mas, de certa forma elas idealizam este território matrimonial com muito mais rigor conforme seus critérios de escolha de um/a parceiro/a. Este rigor tende a se tornar uma nova linha de segmentaridade rígida

pelos *temores* em arriscar-se, mesmo que queiram um casamento e até sofram por causa disso. Então parece que elas mesmas criam em algum momento os dispositivos que (des)idealizam o casamento. Esta tendência poderia ser considerada uma ruptura do instituído desde que permitisse uma realização satisfatória na condição de solteiro(a) como acontece com algumas pessoas, embora não aconteça com a maioria das pessoas pesquisadas.

Na busca por um território singular verifica-se que existem desafios no processo. Os sujeitos da pesquisa já ultrapassaram a idade que muitos deles estipularam para se casar, determinada por linhas de segmentaridade dura, e também já passaram ou estão passando pelo desconforto de não verem seus projetos na área do casamento se realizarem. Cabe, para a busca de um território singular, a revisão destes projetos muitas vezes forjados pelos discursos da sociedade e re-afirmados pelas comunidades de fé. Nesta compreensão das razões de se estar solteiro/a, uma vez que existe um projeto ou uma intenção de casamento, sem o temor do estigma, espaços se abrem para territórios mais edificantes no casamento ou não-casamento.

Sobre esta ótica, aparecem as pressões sociais ao casamento e a crença da plenitude da felicidade com o casamento que para muitas pessoas solteiras se apresenta como um mito inadequado. Entretanto o desejo de casar é flagrante para a maioria delas (88% das pessoas pesquisadas). Justamente este desejo de casar torna instável aquilo que as pessoas têm construído para si como ideal de vida. Enquanto não há o convencimento pleno de uma realização pessoal possível no casamento, as pessoas permanecem solteiras por mais tempo e buscam ali a ruptura, a estabilização, um território exclusivo. Território onde se sentem seguras, considerando os conflitos que também ali estão.

A pressão para o casamento ficou evidenciada na identificação do modo dominante de subjetivação nos contextos familiares e sócio-eclesiais. Na pesquisa, 80% das pessoas responderam que se sentem ou já se sentiram pressionadas ao casamento. Segundo as respostas analisadas, até uma pergunta típica pode configurar pressão e sensação de dívida da pessoa solteira: “Ainda não casou?”.

O “não se deixar perturbar com comentários” tem sido utilizado como linha de fuga nos movimentos de desestabilização frente aos comentários “dispositivos” configuradores de pressão ao casamento como apontou algumas falas. E às vezes numa negação, elas encontram uma certa estabilidade emocional. Essa estratégia expõe menos a pessoa solteira, considerando que não é fácil encontrar alguém que a ouça sem julgamentos ou que não queira logo ajudar a encontrar um casamento, sem tentar ao menos compreender as reais motivações da pessoa ao não-casamento. Também evidenciou-se que a descontração tem sido utilizada como linha de fuga provisória em momentos de desestabilização, como nos casos em que se leva os comentários “na brincadeira”. Por outro lado, um posicionamento que, na maioria das vezes é de rendição silenciosa como o dizer “tem que casar” pode ser considerado como linha de segmentaridade dura.

Nos processos percebidos, apareceram experiências de singularização em linhas de fuga para a construção de novos territórios. A partir de linhas flexíveis como a intolerância com o modo dominante de pensamento que impõe o casamento por meio de pressões psicológicas em seus discursos, linhas de ruptura do instituído têm sido traçadas conforme mostrou esta cartografia. As pessoas já se perguntam por que precisam se resignar ou ouvirem caladas.

A mudança de atitude, em perceber e questionar o instituído, de não se curvar aos imperativos, é uma forma de trabalhar um processo, buscando estratégias afirmativas, criando novas práticas discursivas que vão sendo assimiladas aos poucos. Há a necessidade de se criar sempre novos dispositivos para mudança de orientação.

Um tipo de processo considerando mudanças de dispositivo ou em dispositivos, pode ser percebido na fala de uma pessoa pesquisada que ao refletir sobre sua condição de solteira e os sentimentos decorrentes no dispositivo “igreja”, ela, abalada por linhas de segmentaridade flexíveis, indo e vindo, encontrou no questionamento e auto-afirmação as linhas de fuga necessárias para a sua singularização, mesmo em meio a tristeza neste mesmo dispositivo. Outros dispositivos se acrescentaram neste processo, como a participação em grupos específicos para pessoas não casadas e contatos com “iguais”, além da maturidade e independência financeira. Isto sem necessariamente abrir mão do dispositivo

“igreja” que para ela tem um valor inegociável por representar o reino de Deus. Hoje, como declara ela, tem uma vida agitada, mas agradável e tem muita dúvida sobre o desejo de casar que sentia há cinco anos atrás por causa da pressão de pessoas, uma vez que se sente bem como solteira.

Processos em curso ficaram evidentes em falas como esta onde a pessoa pesquisada afirma que sua vida hoje é “um crescer a cada dia onde o viver está se tornando um prazer”, após trabalhar por anos a suas questões pessoais visibilizando um processo em crescente atualização na forma de agir em seus dispositivos. Este mesmo processo aponta um desejo de permanecer em seu território estável que está sendo estabelecido por ela mesma com abertura para um possível casamento com uma pessoa cristã e resolvida, mas segundo ela, com a possibilidade de permanecer solteira por encontrar assim segurança e felicidade.

Outros processos revelaram que, dispositivos utilizados como a proximidade com Deus, a leitura de livros, o relacionamento com pessoas diversas e mudanças de atitude frente às pressões ao casamento e às piadas sobre a solteirice, foram as linhas de fuga encontradas para estabilizar um território desconfortável.

Observou-se que existem casos em que o casamento não é o caminho mais desejado ou adequado para um processo de individuação, pois permanecer solteira foi um modo de vida construído criativa e afirmativamente por algumas pessoas e isto deveria ser aceito sem reservas. Muitas pessoas constroem suas vidas neste tipo de território e se dizem felizes. Em outros casos, as pessoas não se incomodam, mas também são facilmente desestabilizadas pelas emoções ao se fazerem uso dos dispositivos forjadores do imperativo ao casamento e ao terem a liberdade de falar de si sem reservas, caminhando sem esperanças de encontrar o seu lugar de aceitação em dispositivos valorizados por elas como igreja e família.

Por outro lado, o casamento é também um modo de vida muito desejado pela maioria, mesmo em casos onde há a auto-aceitação natural da vida de solteiro/a conforme percebido nos processos trabalhados. Entre as razões citadas para isso estão: a crença de que é a vontade de Deus que o homem não fique só, a formação mais saudável de uma família, o compartilhamento, uma felicidade (mesmo

reconhecida pela maioria como não exclusiva ao casamento), o companheirismo, o *status* de casado/a, entre outras vantagens percebidas por elas.

Os 29% dos respondentes casados buscaram o dispositivo casamento, mesmo mais tarde, para a estabilização do território existencial, muito embora mencionassem vários aspectos positivos que experimentaram em suas vidas de solteiros/as. Alguns processos de pessoas solteiras também buscam, na tentativa de um casamento, um dispositivo de valia para suas vidas, mesmo sendo sua vida hoje normal e tranqüila, acreditando ser o casamento uma instituição divina e não falida.

Outros por acharem que “sua vida hoje é muito boa” e por terem medo de um casamento que não dê certo, têm se reterritorializado em dispositivos como, dedicação ao trabalho, à igreja e aos grupos específicos de jovens adultos/as.

Percebeu-se também um compromisso com a defesa da família e dos princípios ético-cristãos. Ficou demonstrado também o quanto estes dispositivos são caros para este grupo. Isso pode explicar porque as pessoas solteiras optam pela sujeição, mesmo com sofrimento mais do que outras pessoas que optaram por sair de suas igrejas para tentar afirmação em outros lugares fazendo disso suas linhas de fuga.

Esta cartografia dos processos de subjetivação das pessoas adultas solteiras apontou pistas para as igrejas que querem conquistar seus solteiros e solteiras para uma vida comunitária mais ativa. Linhas de segmentaridade dura do instituído precisam ser revistas. Dispositivos afirmadores da vida de cada um/ uma em suas particularidades devem ser propostos. Isto significa ir para a Bíblia para nela embasar novas propostas afirmativas que valorizem o modo de vida de pessoas solteiras e propõem cuidados especiais com as pessoas sozinhas.

Ficaram evidentes nos processos pesquisados, alguns modos de ser-solteiro/a de pessoas do contexto eclesial protestante, analisados sob a ótica dos regimes de enunciados, em relação a prática diferenciada nas igrejas entre as pessoas solteiras e as casadas que implicam em estados paralisantes e envolvimento limitado de pessoas solteiras em suas comunidades. Há também

percepções de demérito a pessoas não casadas, causando nestas o constrangimento e sentimentos de inadequação.

Enfim, podemos crescer muito como igreja capaz de suprir as necessidades do ser humano. Conceitos devem ser revistos vigiando-se o legalismo e fazendo crescer o amor ao próximo. O alimento espiritual saudável deve ser servido em abundância para que haja cura na igreja e, da igreja.

REFERÊNCIAS

ALLENDER, Dan; CRABB, Larry. **Esperança no Sofrimento**. São Paulo: Sepal, 2000.

AMADOR, Xavier; KIERSKY Judith. **Ser solteiro (a) num mundo de casados**. São Paulo: Gente, 2003.

ANDRADE, D.S.V., Salvador, 2007. **Dando voz à diversidade: um estudo sobre pessoas solteiras de classes médias em Salvador**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Universidade Federal da Bahia.

AUGUST, Hartmut; AUGUST, Mariluce E. M. Curitiba, 2009. **Jovens Adultos – potencial invisível na igreja**. Monografia. Programa de pós-graduação em Teologia. Faculdade Fidelis. Não publicado.

BARKER, Kenneth. Org. Ger. **BÍBLIA DE ESTUDO NVI** (Nova Versão Internacional). 2424p. São Paulo: Editora Vida, 2003.

BARROS Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. **Cartografar é acompanhar processos, in: Pistas do Método da Cartografia – Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Org. Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/40409942/Pistas-Do-Mtodo-Da-Cartografia>. Acesso 23/9/2011.

BARROS, Regina Benevides de; KASTRUP, Virgínia. **Movimentos – funções do dispositivo na prática da cartografia: in Pistas do Método da Cartografia – Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Org. Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/40409942/Pistas-Do-Mtodo-Da-Cartografia>. Acesso 23/9/2011.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000.

BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**. São Leopoldo: Sinodal. São Paulo: Paulus, 2002.

CAMPELO, Maria Luiza de Araujo. Rio de Janeiro, 2006. **Solteironas eram nossas avós: Um estudo sobre a mulher que permanece solteira na classe média carioca.** Dissertação de Mestrado. Programa EICOS, Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CARVALHO, Maria Carolina; MEDEIROS, Carlos Augusto. 2005. **Determinantes do segmento da regra: “Antes mal acompanhado do que só”, in: *Universitas ciências da saúde*, vol.3, n.11, pp 47 a 64.** Disponível em: <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/cienciasaude/article/viewArticle/545>. Acesso em 8/11/2011.

CHAPMAN, Gary. **As cinco linguagens do amor para solteiros.** São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento Pastoral, modelo centrado em libertação e crescimento.** Trad. Walter Schlupp e Luis Marcos Sander. 4.ed. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2007 (1984).

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão: edição século 21.** São Paulo: Vida Nova, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Nietzche.** Trad. Alberto Campos. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1965.

_____. **Conversações 1972 - 1990.** São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **¿Que és un dispositivo?** In: BALBIER, E. et al. Michel Foucault, filósofo. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161. Disponível em: www.filoesco.unb.br/foucault Acesso em 30/10/2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. **Introdução: Rizoma, in Mil Platôs.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 11-37.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia,** vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; PARNET, C. **Diálogos.** São Paulo: Escuta.1998.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. **A Produção da (In)visibilidade da Pessoa Portadora de Deficiência Mental – Cartografia de uma Comunidade Batista**. 162 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). EST, São Leopoldo, 2001.

_____. **Cartografias do Sagrado na Contemporaneidade: O nascimento da biorreligiosidade**. INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade. Uberlândia, v. 6, n. 9, p. 121-137, jan./jun, 2011.

_____. **Subjetividade Contemporânea e a Pesquisa em Teologia: Uma Religião chamada Brasil: estudos sobre religião e contexto brasileiro**. / organizadores Oneide Bobsin . (et al.). São Leopoldo: Oikos, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**.16. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FLICK, Uwe. **Uma Introdução À Pesquisa Qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, T. M. G. et al. **Pesquisa e acontecimento: o toque no impensado**. Psicologia em estudo, Maringá, v. 11, n. 3, set/dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000300022&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21/9/2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANKL, Viktor. **Em Busca do Sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

FRIESEN, Albert *et. al.* **De Bênçãos e Traições**. Curitiba: Esperança, 2006.

GONÇALVES, Eliane. Campinas, 2007. **Vidas no singular: noções sobre “mulheres só” no Brasil contemporâneo**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: http://www.agencia.fapesp.br/arquivos/vidas_no_singular.pdf. Acesso em 20/10/2011.

GUATARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica – Cartografias do Desejo**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HERMES, Patricia; ROSNER, Stanley. **O ciclo da auto-sabotagem**. Trad. Eduardo Rieche. 7. ed., Rio de Janeiro: Best Seller, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001. (1. ed. 1985)

LOPES, Alexsander Cordeiro. **Processos de subjetivação de jovens católicos: cartografia de uma comunidade paroquial**. 2011. 171 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). PUCPR, Curitiba, 2011.

MAIA, Claudia de Jesus. Brasília, 2007. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948)**. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em História. Universidade de Brasília (UNB). Disp. em http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/2331/1/2007_ClaudiedeJesusMaia.PDF Acesso em 21/10/2011.

MARSHALL, I. Howard. **I e II Tessalonicenses**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MORAES JÚNIOR, José de Assis. **Para uma análise cartográfica da subjetividade na escola a partir de nietzsche, deleuze e guattari**. In **Saberes**, Natal – RN, v. 1, n.6, fev. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/saberes/index>. Acesso em 23/9/2011.

MOSER, Antonio. **Casado ou solteiro - você pode ser feliz**. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

NARDI, Henrique C. **Ética, Trabalho e Subjetividade**. Porto Alegre: UFRGS editora, 2006.

NUNES, Leticia de Almeida. Fortaleza, 2008. **Expectativas de jovens solteiros universitários frente ao casamento: um estudo descritivo**. Dissertação de Mestrado. UNIFOR – Universidade de Fortaleza. Revista Mal-estar e Subjetividade. Fortaleza. vol. IX. n. 1, p. 331, mar/2009 <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v9n1/13.pdf>. Acesso 28/10/2011

PAULON, Simone Mainieri; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **Pesquisa-intervenção e Cartografia: melindres e meandros metodológicos**. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. vol.10, n.1, 2010: p. 85-102. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S1808-42812010000100007;lng=pt;nrm=iso>. Acesso em 30/11/ 2010.

PELBART, Peter Pal. **Exclusão e Biopotência no coração do império**. In: **Seminário Estudos territoriais de desigualdades sociais**. São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.cedest.info/Peter.pdf>. Acesso em 22/9/2011.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. **Sistema Integrado de Bibliotecas. Manual de normas para trabalhos técnico-científicos: de acordo com as normas da ABNT. 2010**. Disponível em: <www.pucpr.br/biblioteca>.

ROGERS, Carl Ransom. **Tornar-se pessoa**. Trad. Manoel José do Carmo Ferreira. 5.ed.São Paulo: Martins Fontes, 1981.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental. Transformações Contemporâneas do Desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **A cartografia e a relação pesquisa e vida**. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n2/v21n2a03.pdf>. Acesso em 30/10/ 2010.

SANTOS, Maria Goreth, Rio de Janeiro, 2008. **Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas me convêm: Representação sobre sexualidade entre solteiros evangélicos**. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/IFCH. Departamento de Ciências Sociais/DPCIS <http://www.ppcis.uerj.br/site/index.php?secao=teses&ano=2008>. Acesso em 28/10/2011.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Aconselhamento Pastoral**. In: **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. Christoph Schneider-harpprecht.(Org.) São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998. p. 291– 332.

TAVARES, Márcia Santana. Salvador, 2008. **Os novos tempos e vivências da “solteirice” em compasso de gênero: ser solteira e solteiro em Aracaju e Salvador.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. **Normas para Apresentação de Documentos Científicos.** Curitiba: Ed. UFPR, 2007. 2ª Edição.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário Semi-estruturado	122
APÊNDICE B – Quadros Demonstrativos.....	123

APÊNDICE A – Questionário semi-estruturado

A. DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

Data: ____ Sexo: ____ Idade: ____ Profissão: ____ Estado Civil: ____ Cidade e estado de residência: ____
 Escolaridade: () 1º Grau Incompleto () 1º Grau Completo () 2º Grau Incompleto () 2º Grau Completo () Superior Incompleto () Superior Completo () Pós-Graduação. Se já foi casado(a), há quantos anos está sozinho(a): __ Número de filhos: ____ Se casado(a), com quantos anos casou-se a primeira vez? ____ Qual sua igreja/ religião? ____ a quanto tempo? ____

B. QUESTÕES SOBRE O PERÍODO DE NÃO CASADO(A)¹²

1. O período de não casado(a) interferiu no seu envolvimento mais ativo em sua igreja local? __ Comentário: ____
2. Suas amizades mais significativas são: () da sua igreja () de outras igrejas () de fora da igreja () Sem amizades significativas. Comentário pessoal: _____
3. Responda se for solteiro: Você gostaria de encontrar um companheiro(a) para casar? () Sim () Não () Não sei () Depende. Comentário pessoal: _____
4. No período de não casado(a), você se sente ou sentiu pressionado ao casamento?.. () Não () Sim, pelos pastores e líderes da igreja () Sim, pelos amigos da igreja () Sim, pelos familiares () Sim, pelos amigos de fora da igreja. Que tipos de conselhos você recebe ou recebeu? _____
5. Em sua igreja local existe um grupo para solteiros, viúvos e divorciados? _____
6. Sobre a sua situação financeira no período de não casado(a) é correto afirmar: () totalmente independente () parcialmente independente () totalmente dependente Comentário: _____
7. Se você interrompeu os estudos, explique por que: _____
8. Quanto a administração do seu tempo no período de não casado(a), é correto afirmar: () Sem dificuldades () Alguma dificuldade () Muita dificuldade Por quê? _____
9. Como você descreveria uma vida de não casado (a)? _____
10. Se não for casado(a) responda: Qual sua motivação para não casar? _____
11. Que opinião você tem sobre as motivações de outras pessoas não casadas em geral? _____
12. Você acredita ou já acreditou na plenitude da felicidade que só o casamento pode dar? _____ Por quê? _____
13. Em que um casamento beneficia a vida de uma pessoa? _____
14. Em que atrapalha? _____
15. Como você descreveria a relação afetiva de seus pais? _____
16. O que você não gostava com relação ao seu pai? _____
17. O que você não gostava com relação à sua mãe? _____
18. Qual a melhor coisa no casamento dos seus pais? _____
19. Como pensa que sua mãe se sentia pelo fato de ser casada com seu pai? _____
20. Como pensa que seu pai se sentia pelo fato de ser casado com sua mãe? _____
21. Pense em casais que você admira. O que causa sua admiração? _____
22. Quando você era criança, achava que iria casar-se com _____ anos. Por quê? _____
23. Você já acreditou ou acredita que a maior responsabilidade em cuidar dos pais é de filhos(as) solteiros(as)? _____ Por quê? _____
24. O que você acredita ou já acreditou que impede alguém solteiro(a) de não morar com os pais? _____
25. Você acredita ou já acreditou que existem projetos de vida que só são possíveis dentro do casamento? _ Quais? _____ Por quê? _____
26. Você acredita que existe algum sentimento de inferioridade em pessoas pelo fato de serem solteiras? _____ Por quê? _____
27. Sua vida hoje é: _____

QUADRO 1 – Questionário Semi-estruturado

FONTE: A autora (2011)

¹² Algumas questões foram inspiradas de Amador e Kiersky, 2003.

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS

1. O período de não casado(a) interferiu no seu envolvimento mais ativo em sua igreja local? Respostas dos homens		
H1	<i>Um pouco / Em parte</i>	<i>Nunca interferiu desde que as atividades não fossem de casais.</i>
H2	<i>Sim</i>	<i>Sim. Muitas vezes perdemos a motivação de freqüentar a igreja sozinhos.</i>
H3	<i>Sim</i>	<i>Creio que sim. Na parte de exercer liderança a preferência era para casais em minha época.</i>
H4	<i>Não respondeu</i>	<i>Posso apenas afirmar que o período de solteiro foi decisivo no meu envolvimento com a missão dos Surfistas de Cristo, da qual faço parte, e depois o envolvimento com o ministério de Jovens Adultos.</i>
H5	<i>Não respondeu</i>	
H6	<i>Não</i>	<i>Não. Sempre participei de tudo o que queria. H6</i>
H7	<i>Sim</i>	<i>Sim. Até mais ou menos 25 anos de idade eram atividades em grupo, como por exemplo o Grupo de Jovens. Depois dessa idade, até pelo fato da maioria dos amigos casarem, me sentia deslocado, o que me levou ao isolamento. Me sentia sozinho no meio de casais pois os assuntos eram diferentes de minha realidade. Ficava com muita vontade de ter alguém também. Sofria sozinho por temor de tirar alguém do conforto de seu lar e não poder proporcionar o mesmo. Em nosso meio era normal ter um certo padrão de vida para poder casar. Eu percebia isso.</i>
H8	<i>Não</i>	<i>Não. Meu envolvimento na igreja (a princípio na IECLB) tinha a ver com o fato de eu não ter um bom envolvimento com a questão espiritual, (que fazia falta) e pelo fato de nunca ter sido membro de nenhuma comunidade cristã. A questão da busca de uma companheira cristã se deu após um aconselhamento que tive (minha mãe na fé) que indicou a MEUC como mais adequada a minha idade e por esta ter um trabalho diferenciado de evangelização. Até então, eu tinha me envolvido somente com mulheres não cristãs e os relacionamentos nunca prosperaram.</i>
H9	<i>Não</i>	<i>Não. Na verdade eu era envolvido nos trabalhos da igreja até eu entrar na universidade. Depois acabei me envolvendo menos nos trabalhos da igreja.</i>
H10	<i>Não</i>	<i>Acho que não faz diferença.</i>
H11	<i>Não</i>	<i>x</i>

QUADRO 2 – Envolvimento na igreja local – Respostas dos homens

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

1. O período de não casado(a) interferiu no seu envolvimento mais ativo em sua igreja local? Respostas das mulheres		
M1	Sim	<i>A participação em grupo de estudo bíblico onde todos eram casados e tinham filhos. Sim, interferiu negativamente, pois isto acabou me afastando de algum envolvimento mais ativo.</i>
M2	Sim	<i>Sim. Me sinto deslocada. Há pregações para casais, jovens, crianças, idosos e não para um jovem adulto.(M2)</i>
M3	Sim	<i>Sim, pois solteiros só servem para a escola dominical das crianças e nada mais. Num determinado período pensei em fazer parte de algum comitê ou até ser diaconisa, mas pelo fato de ser solteira desisti, pois achei que não seria aceita.</i>
M4	Não	x
M5	Sim	<i>Após os 29 anos, ainda não tinha casado e não conseguia me encaixar em nenhum grupo na igreja que congregava (1ª Igreja Presbiteriana Independente de Curitiba). Todos os meus amigos já tinham casado. Que tipos de sentimentos e pensamentos lhe vinham à mente? Como você resolveu isso? Baixa auto estima, desânimo. Procurei me relacionar com os amigos que ainda não haviam casado.</i>
M6	Não	<i>Não, muito pelo contrário. No período de solteira eu estava bastante envolvida na igreja. Ativa em alguns ministérios.</i>
M7	Não	<i>nunca</i>
M8	Sim	<i>Sim. Servir a ceia, nunca me ofereci por ser solteira e não lembro de ter visto pessoas solteiras fazendo. Eu percebi que as pregações sobre família não considera que as famílias mudaram. Nunca ouvi pregação direcionada de forma diferente para mães ou pais solteiros. Me sinto excluída com isso. Me sinto mal. Me dá vontade sair do culto. Já participei de campanha com cinco cultos seguidos sob o tema família e a minha não se encaixou em nenhum deles.</i>
M9	Sim	<i>No começo (até +- 35 anos) não. Depois comecei a perceber que nem todas as áreas era permitido atuar. Fui professora de EBD e cantei no coro da igreja – esses 2 não havia restrição.</i>
M10	Um pouco / Em parte	<i>Dos 26 até 41 anos trabalhei remunerada na igreja e tinha mais espaço, mas muito tempo só me era permitido de trabalhar com crianças e jovens.</i>
M11	Sim	<i>Todas as minhas amigas da igreja (amigas desde a infância) casaram cedo, até os 19 anos, e nos afastamos por causa do meu estado civil. Me senti deslocada e optei por: 01) deixar de freqüentar o grupo de jovens (na época, pessoas com mais de 22 anos eram tidas como velha); 02) me dedicar ao meu trabalho secular e a um maior convívio com pessoas do meu ambiente de trabalho por conta deles não levarem em conta meu estado civil, diferente das amizades da igreja e 03) convívio em ambientes fora do espaço da igreja local.</i>
M12	Não	<i>Não. Pelo contrário eu era até mais ativa.</i>
M13	Não respondeu	x

QUADRO 3 – Envolvimento na igreja local
FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

2. Amizades mais significativas	
H1	<i>Da sua igreja. Por causa do convívio e da rotina na comunidade.</i>
H2	<i>De fora da igreja. Pois grande parte dos amigos fazemos no trabalho ou foram construídas quando ainda não era convertido.</i>
H3	Da sua igreja/ De outras igrejas/ De fora da igreja
H4	<i>Sua igreja e de outras igrejas. Tenho amigos da minha igreja, outros que se mudaram de cidade e conseqüentemente de igreja. Mas ao me envolver com a missão dos surfistas de Cristo acabei criando amizades com pessoas de outras igrejas.</i>
H5	Da sua igreja
H6	<i>Da sua igreja e de outras igrejas. Depois de participar do Ministério Jovens Adultos comecei a ter mais contato com pessoas de outras igrejas. Quando fui noivo eu sempre ficava mais em minha igreja e quando acabou o noivado tive vontade de conviver com outras pessoas. Antes eu achava que estava suprido de amizades na família e na igreja. Senti-me desamparado quando acabou o noivado. O fato de estar noivo me deixava seguro e me senti inseguro quando não tinha mais a perspectiva do casamento.</i>
H7	Da sua igreja. Atualmente, dentro da própria família.
H8	
H9	Sem amizades significativas. <i>Na verdade pelo fato de eu ter mudado de cidade várias vezes nos últimos 10 anos da minha vida, aconteceu de eu perdi minhas amizades significativas e hoje estou pouco mais de meio ano em um novo local.</i>
H10	De fora da igreja. <i>Não fui valorizado dentro da igreja.</i>
H11	Da sua igreja/ De fora da igreja. <i>Pessoas de boa índole existem em todo lugar. (H11)</i>
M1	Da sua igreja, de outras igrejas, de fora da igreja. <i>Tenho amizades de longos anos que já vem da escola, faculdade, trabalho. São amizades "selecionadas" que já duram anos, com as quais tenho um ótimo contato. (M1)</i>
M2	Da sua igreja. <i>Hoje em minha igreja tem um grupo de jovens adultos e tem uma grande importância para mim, me sinto mais valorizada.</i>
M3	Da sua igreja, de outras igrejas, de fora da igreja. <i>Sempre tive amigos. Para ter amizades significativas é preciso ser amigo primeiro, investir nas pessoas, não ter medo de se machucar, não ter pena de si mesmo.</i>
M4	De fora da igreja. <i>Nos momentos em que mais precisei de ajuda foram meus amigos de fora da Igreja que me apoiaram e ajudaram. Você tem idéia do porque disso? São pessoas que de fato gostam de mim, da minha pessoa e não do que tenho ou da profissão que exerce.</i>
M5	Da sua igreja e de fora da igreja. <i>O fato de não ter casado antes dos 30 interferiu nas amizades? Não</i>
M6	Da igreja. <i>Pelo fato de conhecer elas desde a infância e outro motivo é que considero essas amizades mais confiáveis.</i>
M7	De outras igrejas. <i>Parece que eu procuro situações de amizades que sejam distantes do meu convívio diário pelo medo do compromisso de interdependência. Me irrita muito perceber que uma pessoa demanda algo de mim em alguma situação. Não gosto de pessoas dependentes e frágeis.</i>
M8	Da sua igreja. <i>Pessoas que me acolheram, me aconselharam e me ajudaram a vencer as dificuldades.</i>
M9	
M10	Da sua igreja/ De outras igrejas. <i>Estou nesta igreja 12 anos e tenho amizades de antes ou fora da igreja.</i>
M11	
M12	Da sua igreja, de outras igrejas, fora da igreja. <i>Tenho amizades em diversas situações com e sem igreja</i>
M13	De outras igrejas, de fora da igreja. <i>Tenho amizades nos dois ambientes.</i>

Nota: H = Homens/ M = Mulheres

QUADRO 4 – Amizades mais significativas
 FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS – CONTINUAÇÃO

	3. Responda se for solteiro. Gostaria de encontrar um companheiro(a) para casar?
H1	Depende. <i>Na possibilidade de um casamento teria que ter algumas condições: teria que ter a certeza de que Deus estaria providenciando a pessoa certa em todas as áreas da vida. Não posso errar. Quero continuar sendo referência na igreja. A pessoa ideal não pode gostar de discussões, ser organizada, muito temente a Deus, amar muito obra de Deus, respeitar os princípios de minha vida do tipo personalidade. Saber respeitar quando eu estiver emburrado e esperar um pouco antes de conversar sobre o assunto. Não conversar com a cabeça quente.</i>
H2	Sim. <i>Por minha vontade e também porque Deus já deixou claro que o homem não deve viver só.</i>
H3	Depende, <i>deve ser da mesma fé, deve seguir princípios bíblicos – ser solteira sem ter tido envolvimento matrimonial.</i>
H4	Sim
H5	Já casou-se
H6	Depende. <i>Desde que seja dedicação recíproca. Me dediquei muito a noiva sem ter retorno. Não que eu quisesse retorno, mas penso que fui usado demais em atos de serviço.</i>
H7	Já casou-se
H8	Já casou-se
H9	Sim. <i>Na verdade já encontrei esta pessoa. Vou me casar final deste ano. E estou superfeliz por ter encontrado esta pessoa que eu sei ser um presente de Deus na minha vida!</i>
H10	Depende. <i>Casar por casar está errado.</i>
H11	Depende. <i>Tem que ser no teu perfil, honesta, crente, não pode ser fofoqueira, rixosa, porque diz provérbios que é morar ficar sozinho do que morar com uma mulher rixosa, de mau humor.</i>

QUADRO 5 – Desejo de encontrar alguém para casar – Respostas dos homens
 FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	3. Responda se for solteiro (a). Gostaria de encontrar um companheiro (a) para casar?
M1	Depende. Sendo uma pessoa cristã, de princípios familiares, amigo, companheiro, que transmita muito amor.
M2	Sim. Porque é um desejo meu ter um companheiro que me valorize e que queira construir uma vida junto comigo.
M3	Depende. Casar somente se for para acrescentar, isto é, melhorar minha qualidade de vida. Meu companheiro seria uma pessoa cristã e resolvida com ela mesma, como também com o seu futuro já todo encaminhado profissionalmente
M4	Depende. Somente se for um homem cristão de verdade, com conceitos morais iguais/ parecidos com os meus. Além disso, que me respeite, saiba ouvir, seja trabalhador, esforçado, sincero, fiel e transparente.
M5	Não. Nunca alguém fez algum tipo de comentário sobre o fato de você não ter casado ainda antes dos 37? Como você se sentia? Não. Eu não me sentia chateada pelo fato de não ter me casado, mas da maioria dos meus amigos já. Então fazer novos amigos solteiros complica um pouco qndo se é cristão e não tem grupo onde se encaixar.
M6	Já casou-se
M7	Depende. Não. Só se me sentir muito atraída por alguém e, ainda assim mesmo terei de pensar muito.. Medo de perder independência adquirida com longos anos de vida a sós. Não creio que me acostumaria a ter de dar satisfação em todas as áreas da minha vida. Compromisso com alguém pra vida toda. Liberdade limitada de ir e vir. Também não vejo vantagens em casamento devido a experiências ruins ao meu redor. Medo de ser cobrada.
M8	Não sei. Hoje tenho muita dúvida a esse respeito, me sinto bem como solteira. A uns cinco anos atrás eu gostaria de me casar porque achava que seria algo natural isso. E pro causa da pressão de pessoas que perguntavam sempre quando eu ia casar ou arrumar um namorado. Me sentia mal por não ter conseguido alguém e achava que estava ficando para trás.
M9	Sim. Nos últimos anos tem sido mais forte o desejo de casar. Até um tempo atrás eu meio que estava “conformada” em ficar solteira. Mas parece que a medida que os anos vão passando, começo a pensar como será a minha velhice – sem filhos – quem vai me fazer companhia, quem vai cuidar de mim? E sim, eu também queria muito ter alguém pra cuidar. Quer me parecer que quando ainda se tem um projeto de vida, um emprego, ou algo muito motivador que impulse o dia a dia, talvez essa falta não seja tão percebida, tão real. Eu sei que Deus não vai me desamparar, mas gostaria muito de ter alguém. E não é egoísmo da minha parte – queria muito fazer alguém feliz, amar e ser amada. Quero ser a companheira, aquela que recebe o marido em casa, que se dedica – que o faz feliz – onde ele tenha um lar, onde possa ser ele mesmo, etc..etc..
M10	Já casou-se
M11	Depende. Gostaria de me casar caso encontrasse alguém com projetos de vida Compatíveis e que não queira ter filhos.
M12	Já casou-se
M13	(Não respondeu). Vc poderia dizer o que motivou você ao casamento?O que motivou foi a esperança em encontrar alguém com que pudesse compartilhar a minha vida, ter uma vida feliz e a possibilidade de formar uma família. Como estava se sentindo antes de encontrar alguém? Eu me sentia um pouco frustrada e até “incompetente” em não conseguir encontrar alguém que gostasse de mim. O que você esperava do casamento? Esperava que ambos se completassem que cada um faria do outro uma pessoa melhor e feliz.

QUADRO 6 – Desejo de encontrar alguém para casar – Respostas das mulheres
 FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS – CONTINUAÇÃO

		4. Se sente ou já se sentiu pressionado ao casamento? Que tipos de <u>conselhos</u> você recebe ou recebeu? Respostas dos homens
H1	Sim , pelos pastores e líderes da igreja, amigos da igreja, familiares, amigos de fora da igreja	<i>Já fui cobrado por todo tipo de pessoa inclusive família do porquê de estar solteiro. Perguntam se há algum problema em encontrar alguém e se fui muito exigente. E entram na malícia na área da sexualidade de você ter desvio de conduta sexual. Não gosta do sexo feminino e principalmente no meio cristão. Isto é o que mais dói, pois eles é que deveriam nos entender por causa da vivência da palavra de Deus. Falta de confiança na gente. A última coisa que as pessoas pensam é se existe algum motivo especial, ou trauma. As pessoas não conhecem a nossa história. H1</i>
H2	Sim , pelos amigos da igreja	<i>Sim, pelos amigos da igreja. Que tenho que casar.</i>
H3	Sim , pelos amigos da igreja, pelos familiares, pelos amigos de fora da igreja	<i>Sim, pelos amigos da igreja, pelos familiares, pelos amigos de fora da igreja. Que eu seja maduro. Vai morrer virgem.</i>
H4	Não	<i>Não. Nada que me incomode, só o que já poderia esperar. Depois que casar vão me perguntar por que ainda não tenho filho, e depois se não vou ter mais filhos. Depois vão perguntar quando vem os netos. São todas perguntas previsíveis! H4</i>
H5	Sim , pelos familiares	<i>Sim, pelos familiares. Conselho de mãe: crie juízo na vida, case, forme família e seja responsável. H5</i>
H6	Sim , pelos familiares e amigos de fora da igreja	<i>Por familiares e amigos de fora da igreja. Já está na hora de arrumar alguém (primo), colegas de trabalho e família: porque não casou ainda? Tenho um primo que eu não gosto de ficar junto por causa da maneira com que brinca e aborda o assunto. Me sinto pressionado e obrigado a dar um jeito na situação de solteiro. Acredito que devo encontrar alguém na reciprocidade. Devo sentir algo pela pessoa. H6</i>
H7	Sim , pelos familiares	<i>Sim, pelos familiares. Se dependesse da vontade de meu pai, a mulher teria que ser de descendência alemã, do meio em que vivemos. Sem contar que as vezes se comentava que determinadas famílias não prestavam. Também sentia no ar uma certa pressão psicológica como se as pessoas ao meu redor achavam que eu tinha algum problema.</i>
H8	Sim , pelos familiares, pelos amigos de fora da igreja	<i>Sim, pelos familiares e pelos amigos de fora da igreja. Apenas que eu precisava de uma boa moça para me casar. Como você se sentia quando recebia algum conselho? Tranquilo e resignado. O único sentimento que tinha era de estar um pouco atrasado em relação aos outros. Muitos já estavam encaminhados na vida, com esposa e filhos. E assim eu esperava uma situação melhor (estar mais maduro, estar em melhores condições financeiras) quando encontrasse alguém e me casar. H8</i>
H9	Sim , pelos amigos da igreja, família, amigos de fora da igreja	<i>Sim, pelos amigos da igreja, família, amigos de fora da igreja. Que tipos de conselhos você recebe ou recebeu? Que está na hora de eu encontrar a minha outra metade. H9</i>
H10	NÃO	<i>Não. Que tipos de conselhos você recebe ou recebeu? Que é triste envelhecer sozinho.</i>
H11	SIM	<i>Eu te invejo por ser sozinho e não deve satisfação para ninguém. Você precisa ter alguém para quando ficar velho. Não casar é falta de atitude.</i>

QUADRO 7 – Sentimento de pressão ao casamento – Respostas dos homens

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	4. Se sente ou já se sentiu pressionado ao casamento? Que tipos de conselhos você recebe ou recebeu? Respostas das Mulheres
M1	Sim, pelos familiares. As pressões pouco intensas, foi mais no sentido de curiosidade e comentários. Também não me lembro de ter recebido conselhos significativos. Percebi que minha família e amigos mais próximos se acostumaram com minha condição de solteira, ao ponto de nem ao menos me apresentar alguém. Certamente eu esperava por isto. Que tipo de comentários? E daí, já casou? Quem pode se sentir bem com questionamentos deste tipo? Claro que muitas vezes se leva isto na brincadeira, mas existe um coração dentro de mim que também se magoa. M1
M2	Sim, pelos familiares. E aí, ainda não casou? Quando é que você vai casar? E a sua velhice? Como você vai ficar sozinha? Parece que os irmãos têm ciúme pelo fato de eu morar ainda com os pais.
M3	Sim, pelos pastores e líderes da igreja, amigos da igreja, familiares, amigos de fora da igreja. Saia mais; olhe este fulano ou aquele como é legal; não seja tão exigente com eles, tão certinha, não existe homem perfeito; vá atrás deles; não seja tão difícil; marcaram até encontros pra mim. Com isso eu me sentia mal, não aceita pelas pessoas ao meu redor, me sentia inferior pelo fato de não ter alguém.
M4	Sim, pelos amigos da igreja. Que eu deveria casar para não ficar sozinha. Na época me senti deslocada do grupo, mas com o tempo percebi que o casamento não é a única forma de ser feliz. Até porque a felicidade é composta por vários “ingredientes”.
M5	Não Respondeu
M6	Sim, pelos familiares. “Casando você terá alguém que vai cuidar de você.” Ou “Não queremos ter uma tia para cuidar depois de velha”.
M7	Sim, pelos amigos da igreja. Você deveria se casar pra não ficar sozinha no fim da vida, ter filhos para cuidar de você etc. Minha reação a este tipo de conselho tem sido: irritação interior. As x tenho vontade de dizer: por que tenho de me casar pra ser completa? Quando é que as pessoas vão parar de se preocupar com o solteiro ficar solteiro? Parece que, no conceito da sociedade, ficar solteiro é ser um coitadinho. Quando volto de viagem sempre há alguém pra perguntar se não encontrei ninguém interessante. Que chatice!!!! Eu já não tolero mais esse tipo de preocupação e pergunta nesta altura da vida, mas nem sempre expressei isso, parece que tenho de ouvir calada e me resignar que sou uma solteira e pronto. Eu penso que a nossa sociedade poderia aceitar que muitas pessoas hoje escolhem não se casar e conviver com isso como normal e parar de perguntar pq vc n se casa? A minha decisão de não se casar não é algo definitivo porém não está nos meus planos e alvos de vida, isso foi acontecendo gradativamente a partir dos períodos de vida em que meu estilo de vida foi se definindo. Por motivos de tipo de trabalho/ministério.
M8	Sim, pelos familiares. “Você precisa arrumar alguém para ser feliz”. Ridículo, pois eu posso ser feliz sem ter alguém. No início eu me questionava, me sentia rejeitada e me perguntava por que estava ficando para trás, porque não conseguia me casar. Trouxe-me tristeza e sentimento de inferioridade. Foi um longo e triste caminho até eu perceber que posso ser feliz solteira. Com a maturidade e independência financeira eu me questiono se preciso de mais alguma coisa considerando que hoje sou feliz solteira. Vi muitas mulheres desesperadas para casar se dando mal no sentido de se relacionar com alguém inadequado. O contato com pessoas na mesma situação que eu na igreja e trabalho me ajudou no processo. O grupo JÁ me ajudou a perceber outras maneiras de ser feliz sem estar necessariamente casada. Aprendi muito sobre Deus no grupo familiar da igreja. Mas antes de encontrar esse grupo eu percebi que não havia lugar para mim em algumas igrejas. Não me encaixava em nenhum grupo. Me falaram que não havia grupo para mães solteiras e me questionei como no Reino de Deus não havia espaço para mim?
M9	Sim, pelos amigos da igreja. Que eu deveria casar para não ficar sozinha. Na verdade não muitos, só me diziam que estavam orando pra que eu arrumasse um marido logo. Mas no nosso contexto sócio cultural, quem não casou “é fracassado”. Não se fala isso abertamente, mas eu percebi isso nitidamente. Os casados te olham diferente, não te convidam pras suas reuniões e festas. Você é tolerado, mas não aceito. Não é incluído nas programações, entre outras.
M10	Sim, pelos pastores e líderes da igreja, pelos amigos da igreja. A pressão foi mais das esposas dos pastores. Elas achavam que de casadas podiam melhor servir a Deus.
M11	Sim, pelos familiares. Entre os amigos eles me induziram a iniciar um namoro para que todos nós pudéssemos conviver entre casais.
M12	Não
M13	(Não) Era mais uma “pressão” individual. Os conselhos eram sempre no sentido de procurar alguém que fosse do meio evangélico. Não havia nenhum comentário específico, não me falavam os aspectos negativos de ser ou ficar solteira. Comentário de pessoas da igreja era: “Ainda não casou?”

QUADRO 8 – Sentimento de pressão ao casamento – Respostas das Mulheres

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	6. Sua situação financeira no período de não casado(a)
H1	Totalmente independente
H2	Totalmente independente. Mas para casar achava que tinha que ter uma condição financeira melhor.
H3	Totalmente independente
H4	Parcialmente independente.
H5	Parcialmente independente. Quando precisava de ajuda, minha mãe ajudava e vice versa.
H6	Totalmente independente. Sempre trabalhei, mas enquanto os pais eram vivos eu morava com eles até os 39 anos e quando eu mudei de cidade eu levei eles para morar comigo. Porque eles precisavam de cuidados e minhas irmãs casadas poderiam ajudar a cuidar deles. Sempre me senti responsável por eles pelo fato de ser solteiro. <u>Acredito que às vezes sobra alguém solteiro para cuidar dos pais.</u> Na igreja se acredita que temos que cuidar de nossos pais.
H7	Parcialmente independente. Morava na casa dos pais, aonde tinha minhas refeições, roupa lavada e passada e até um determinado período usava o carro deles.
H8	Parcialmente independente
H9	Totalmente independente. Graças ao bom Deus que me deu um emprego em que posso me sustentar e até ajudar um pouco os meus pais.
H10	Totalmente independente
H11	Parcialmente independente
M1	Totalmente independente. Esporadicamente precisei de algum suporte, principalmente quando da compra do apartamento onde moro.
M2	Parcialmente independente. Sempre morei com irmãos solteiros dividindo as despesas e sozinha só consegui me manter com o básico.
M3	Sempre fui parcialmente dependente , pois era o que todos jogavam na minha cara: que eu jamais iria conseguir ser alguém muito menos ser independente. Mas, agora há 4 meses estou totalmente independente morando na minha casa.
M4	Totalmente independente. Como você se sente com relação a isso? Satisfeita.
M5	Totalmente independente
M6	Totalmente independente. A partir dos 20 anos eu era totalmente independente. Mas tive ajuda como por exemplo: Não precisa pagar aluguel, etc.de familiares próximos.
M7	Parcialmente independente. Por ganhar pouco com meu trabalho.
M8	Totalmente independente. Tenho um bom emprego e posso me sustentar.
M9	Totalmente independente. Meus pais sempre me incentivaram a me tornar independente – mesmo quando era mais jovem. E graças ao apoio deles que hoje consigo me manter de maneira totalmente independente deles.
M10	Totalmente independente.
M11	Totalmente independente
M12	Parcialmente independente
M13	Parcialmente independente. Por morar na casa dos pais, não tenho certas despesas (como moradia, água, luz,) apesar de que o dinheiro utilizado para pagar todas as despesas da casa vem de uma conta proveniente do lucro da empresa, então, indiretamente, sou independente financeiramente.

QUADRO 9 – Situação Financeira no período de solteiro (a)

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	7. Se você interrompeu os estudos, explique por que
H1	<i>Não</i>
H2	
H3	<i>Achava-me incapaz. Continuei posteriormente. Talvez faça uma faculdade. H3</i>
H4	<i>X</i>
H5	<i>Interrompi os estudos na adolescência e na fase adulta, pois precisava trabalhar para ajudar a sustentar a casa. Após o casamento iniciei a faculdade. H5</i>
H6	<i>Tentei vestibular uma vez, mas não passei e depois desisti pois tinha que trabalhar e ajudar no sustento em casa. H6</i>
H7	<i>Não gostava de estudar. Quando estudei foi para satisfazer o desejo do pai. H7</i>
H8	<i>X</i>
H9	<i>Não interrompi.</i>
H10	<i>X</i>
H11	<i>Não gostava de estudar, de acordar cedo. Me achava um prisioneiro na sala de aula. H11</i>
M1	<i>Após o 2º Grau não continuei os estudos por falta de definição de curso. Quanto retomei os estudos assumi os próprios custos. M1</i>
M2	<i>Não consegui me manter e pagar os estudos. Terminei o ensino médio e parei. Me achava incapaz de ter um emprego melhor. Para meu pai não era necessário estudar. O que importava era saber ler e escrever e casar. Hoje me arrependo muito de não ter estudado logo. Demorei para fazer o ensino médio. Minha mãe morria de medo que estudássemos a noite por causa de assaltos. Ela não conseguia dormir. Eu e minhas irmãs acabamos desistindo de estudar. M2</i>
M3	<i>Nunca interrompi os estudos.</i>
M4	<i>Interrompi a pós por motivo de doença, mas após 3 meses retornei as aulas e conclui o curso.</i>
M5	<i>X</i>
M6	<i>X</i>
M7	<i>Por motivos de vocação itinerante.</i>
M8	<i>Sim, porque não levava a vida a sério e acabei engravidando aos 21 anos. Precisei trabalhar o dia todo e preferi ficar com meu filho a noite. M8</i>
M9	<i>Na verdade não interrompi – aos 37 decidi fazer a faculdade e já fiz tbem a pós-graduação e mais um outros curso – tudo pago com meu próprio dinheiro. M9</i>
M10	<i>X</i>
M11	<i>X</i>
M12	<i>X</i>
M13	<i>Pelo contrário, após o casamento voltei a estudar. M13</i>

QUADRO 10 – Interrupção dos Estudos

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

8. Administração do seu tempo no período de não casado(a)	
H1	<i>sem dificuldades</i>
H2	<i>Alguma dificuldade. Quando estava só, muitas vezes deixava de fazer as coisas por falta de incentivo. (Hoje está namorando).</i>
H3	<i>Sem dificuldades</i>
H4	<i>sem dificuldades</i>
H5	<i>sem dificuldades</i>
H6	<i>Alguma dificuldade. Tenho dificuldade em usar agenda e faço aleatoriamente e fico decepcionado quando não consigo realizar algo que gostaria. Preciso me disciplinar constantemente para que algumas coisas básicas, como lavar a louça aconteçam.</i>
H7	<i>Sem dificuldades. Tinha minhas responsabilidades. Trabalho, estudo, deveres de casa, etc</i>
H8	<i>Alguma dificuldade. Na verdade a administração do meu tempo ainda é um problema para mim. Sou ainda muito introspectivo, e perco muito tempo planejando, analisando questões e possibilidades, tentando opções para contornar problemas, me perdendo nos detalhes e assim o tempo passa rápido.</i>
H9	<i>Alguma dificuldade. Tenho que administrar melhor o meu tempo fora do emprego. Para aproveitar melhor o tempo livre, estudando, lendo, sair com amigos, fazendo algum esporte...</i>
H10	<i>Sem dificuldades</i>
H11	<i>Alguma dificuldade. Quando tem muito serviço</i>
M1	<i>Alguma dificuldade. Muitas vezes me coloco à disposição de outras pessoas, sendo da família ou fora dela, quando na verdade gostaria de estar fazendo algo próprio.</i>
M2	<i>Muita dificuldade. Fiquei perdida no tempo, não entendia o que queria. Queria tudo e não queria nada. Só com 48 anos e a ajuda de um conselheiro cristão descobri que sofri abuso físico de 2 a 4 anos e aos 10 anos. Fiquei mais confusa. Hoje sou acompanhada por um casal de conselheiros e psicólogo que me incentivam.[...]</i>
M3	<i>Alguma dificuldade. Tem lugares que não se vai sozinha e muitas vezes as pessoas não estão disponíveis pra ir comigo. E, a família sempre pede algo, pois acham que uma solteira sempre tem tempo e eu me acho na obrigação de ajudar sempre os outros e assim deixo o pessoal sempre pra depois.</i>
M4	<i>Alguma dificuldade. Por quê? Excesso de trabalho e sou muito agitada e por isso faço várias coisas ao mesmo tempo. Você se sente confortável assim? Você tem idéia do porque disto? Não sou uma pessoa acomodada, e pq deixar para amanhã o que posso fazer hoje.</i>
M5	<i>Sem dificuldades</i>
M6	<i>Sem dificuldades. Eu era bastante organizada com meu tempo e estabelecia prioridades</i>
M7	<i>Sem dificuldades. Por não ter a quem dar satisfação para ir e vir.</i>
M8	<i>Alguma dificuldade. Acho que sou viciada em trabalho, alguns dizem que é fuga e pode até ser.</i>
M9	<i>Sem dificuldades</i>
M10	<i>Alguma dificuldade. Minha família não é do Brasil e final de semana e férias e feriados era as vezes complicado. Quando comecei a faculdade melhorou muito.</i>
M11	<i>Alguma dificuldade. Porque acabo priorizando o meu trabalho secular. Muitas vezes dedico mais tempo ao trabalho que devia, deixando minha vida social de lado.</i>
M12	<i>Sem dificuldades. Sou uma pessoa pro – ativa sempre busquei amizade, estudo, ocupação saudável</i>
M13	<i>Sem dificuldades. Apenas o trabalho é que ditava as regras do tempo. Que sentimentos brotavam em torno desta constatação? Um sentimento de liberdade, pois só o trabalho que ditava a hora e dia para eu fazer outras coisas no meu dia a dia.</i>

QUADRO 11 – Administração do tempo quando solteiro

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	9. Como você descreveria uma vida de não casado (a)? Respostas dos homens
H1	<i>Descompromisso, liberdade de horário, sem cobranças e exigências, não tem que passar por situações de desarmonia. Por outro lado você é 100% provedor de tudo, administração da casa, sem auxiliadora. Não sinto desânimo pelo fato de não ter alguém. Tenho prazer em manter minha casa em ordem. Minha casa é para mim e não para outros.</i>
H2	<i>Uma vida normal, mas em alguns momentos solitário.</i>
H3	<i>Pouco compromisso. Falta de companhia. (H3)</i>
H4	<i>Enquanto os amigos de adolescência e juventude estão solteiros é gostosa. Hoje que estou mais maduro e meus amigos daquela época já casaram, acho solitária.(H4)</i>
H5	<i>Antes de convertido, não tinha compromisso com nada. Hoje, se eu não estivesse na igreja, não teria conhecido Deus, não teria as amizades que tenho nem um casamento sólido. (H5)</i>
H6	<i>Uma vida bastante livre mas por outro lado me acho um peixe fora d'água sem ter com quem dividir, conversar. Às vezes me sinto triste e frustrado. Mas aprendi a esperar em Deus e ter esperança nele.(H6)</i>
H7	<i>A vida de solteiro é de mais liberdade, independência. Não é preciso pensar no plural (esposa e filho). Sentimento de inferioridade por achar que pensavam que eu tinha um problema.(H7)</i>
H8	<i>Pelo menos a minha foi Solitária, entediante, sem ter com quem conversar e dividir os acontecimentos. Na vida de um não casado (minha forma de pensar) tudo fica muito focado nas próprias necessidades, e assim o indivíduo acaba se expondo menos a um relacionamento, e quando vai, vai com insegurança. É uma questão complicada, estar procurando alguém para viver uma relação a dois, focado nas nossas necessidades individuais. Talvez aqui possa ter uma ligação com a questão da falta de um relacionamento saudável por parte dos pais e que serviria como base para os nossos relacionamentos futuros. Será que viver em um ambiente onde os pais se amam, se respeitam, e ensinam através do bom exemplo que dão, garante ou dá subsídios para que você possa ter bons relacionamentos no futuro, e ter mais segurança no início destes? sempre pensou assim?Eu, quando mais jovem, não era muito de sair, nem de ficar em grupos de amigos, neste tempo tudo era regado a bebidas alcoólicas, e estando sozinho, melhor não beber. Quando saía era por esforço de algum amigo que insistia. O engraçado disto tudo é que eu sou razoavelmente sociável. Acredito que ainda tenho problemas de convivência em grupos.</i>
H9	<i>Diria que como tudo na vida, tem o seu lado bom e o lado ruim. O lado bom é que você tem independência, não precisa dar satisfação aos outros dos seus atos. O lado ruim é a solidão. Ficar sozinho em uma casa, as vezes dá uma depressão, ou angústia. O ser humano foi feito para ter comunhão e eu sinto falta disto.(H9)</i>
H10	<i>Liberdade.H10</i>
H11	<i>Tão monótona que fica enjoativa, mas tem o lado bom. A solidão incomoda. H11</i>

QUADRO 12 – Compreensão de uma vida de solteiro(a) – Respostas dos Homens

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE C – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	9. Como você descreveria uma vida de não casado (a)?
M1	<i>Uma vida que pode ser tão boa ou melhor, considerando os altos e baixos da vida. Mas também pode ser pior. M1</i>
M2	<i>Uma vida triste, solitária e vazia. M2</i>
M3	<i>É sem compromisso fixo com alguém; independência. Mas, é visto como fracasso, mal amado, e, todos acham que vc tem sempre tempo livre e pode ser o capacho. M3</i>
M4	<i>Às vezes é solitária pq sinto falta de ter alguém p/mim que não seja pai/mãe. Mas na maior parte do tempo, é mais interessante do que a vida de mts pessoas casadas que conheço. Você poderia relatar alguma situação que a fez pensar assim? O que desestimula você a um casamento? O índice crescente de divórcios. M4</i>
M5	<i>É um período agradável até o momento em que a condição de solteiro começa a incomodar. Você sente necessidade de um amor diferente de amor paternal, de amigos, parentes. Sente falta de um espaço seu(lar), de vivenciar um sentimento maior por uma pessoa especial. M5</i>
M6	<i>Pode ser uma vida cheia de realizações e muito sucesso. M6</i>
M7	<i>Independência total, as vezes muito solitária mas com boas vantagens. (M7)</i>
M8	<i>De vez em quando pinta aquela falta de alguém para se ter carinho mas por outro lado me sinto livre. M8</i>
M9	<i>Tem seus lados bons e ruins. Tenho a liberdade de fazer o que quero, quando e se quero. Arrumo a casa, lava louça e roupa quando EU tenho tempo. Posso viajar, administrar e gastar meu próprio dinheiro; não preciso prestar contas a ninguém sobre isso. Apesar de que eu sinto falta de “prestar contas” do meu dia. As vezes é difícil tomar todas as decisões – queria que alguém outro tomasse algumas decisões – poder descansar na confiança de que essa pessoa está pensando também no meu bem - .Por outro lado, existe sim uma solidão. Tem momentos em que os (as) amigos (as) não conseguem suprir aquela necessidade de ser amado. É diferente ser amado por amigos do que por um companheiro. (eu acho) M9</i>
M10	<i>Normal, vida com bastante liberdade para administrar o tempo, viajar...Uma vida com o mesmo valor como os casados. (M10)</i>
M11	<i>Na minha opinião, temos duas situações como não casados: dentro e fora da igreja. Dentro da igreja, vejo que pessoas que não casaram ou separadas/ divorciadas ainda são tidas como pessoas que não podem assumir funções e cargos. Na minha opinião, são tidas como pessoas menos capacitadas e pessoas que não deram certo na vida por conta de não seguirem um padrão determinado pela sociedade. Fora da igreja, o estado civil não interfere nos relacionamentos. Isso ajuda os não casados a se verem como “entre iguais” nos grupos que freqüentam. Na igreja vende-se a imagem de que ser casado é melhor e se tem um grau a mais no que se refere a status e credibilidade no grupo. (M11)</i>
M12	<i>Muito boa, tinha liberdade, de escolhas, tempo, trabalho. M12</i>
M13	<i>Uma pessoa que não precisa obedecer os comandos de outra pessoa. Não é fugir de regras, mas poder decidir o que fazer e quando fazer, ter autonomia em sua vida. M13</i>

QUADRO 13 – Compreensão de uma vida de solteiro(a) – Respostas das Mulheres

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE C – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

10. Se não for casado (a) Responda: Qual sua motivação para não casar?	
H1	<i>Medo de não dar certo. De repetir experiências ruins do passado. (H1)</i>
H2	<i>Não tenho motivo para não casar. Sempre achei que deveria casar. Não aconteceu não foi por opção, mas por circunstância. (H2)</i>
H3	<i>Em alguns casos não aceitei e em outros não fui aceito. Evitei complicações. A pessoa não era cristã. Características familiares: falar mal dos familiares de ambos. Sempre fiquei atento a isso. H3</i>
H4	<i>Até há alguns anos não me sentia maduro para tal compromisso e ainda não alcancei estabilidade financeira, o que me deixa inseguro para me aproximar de alguma mulher. Também me envolvi em um relacionamento que não deu certo, mas a ferida não fechou ainda. (H4)</i>
H6	<i>Temor de casar com alguém com filhos que podem trazer problemas (desobediência). (H6)</i>
H8	<i>(Casado que respondeu porque não casou antes) Por questões de insegurança, falta de maturidade, falta de condições sociais e econômicas. (H8)</i>
H9	<i>Eu vou me casar. Não tenho motivação para ficar sozinho.</i>
H10	<i>Ser escravo ou dominado pela outra pessoa. (H10)</i>
H11	<i>Perdi uma oportunidade maravilhosa que não achei outra igual. É vergonhoso passar dificuldade financeira. Antigamente os maridos sustentavam o lar. Aprendi em casa. Acho que o marido deve sustentar a casa, mas hoje já concordo que a esposa trabalhe fora. (H11)</i>
M1	<i>A tranqüilidade, a privacidade, a individualidade (sem ser egoísta).</i>
M2	<i>Não me sinto preparada por causa de conflitos interiores. Sempre desistia quando os relacionamentos ficavam mais íntimos. Não conseguia lidar com a intimidade. Meu pai sempre nos comparava com animais no cio quando éramos crianças e tinha medo que fôssemos nos perder na prostituição. Eu não tinha segurança em estabelecer limites nos relacionamentos e não continuava. Somente a pouco tempo com terapia é que descobri essas coisas.(M2)</i>
M3	<i>Gosto da minha independência. Tenho medo de um relacionamento íntimo com outra pessoa. Tenho medo de colocar a pessoa errada ao meu lado.(M3)</i>
M4	<i>Não encontrei o homem certo, casar só por casar é uma imensa prova de falta de amor consigo mesmo!(M4)</i>
M7	<i>Independência, liberdade. (M7)</i>
M8	<i>A dificuldade de arrumar um homem de Deus, o fato de ser independente, não ter que dar satisfação e acho que não sei se conseguiria dividir minha vida com alguém. (M8)</i>
M9	<i>Hoje eu gostaria de casar – o que talvez me desmotive um pouco é a questão de infidelidade, tão presente em uma grande parte dos casamentos. Falta de assumir e cumprir um compromisso de fidelidade e amor. Mas eu ainda acredito no amor – no casamento. (M9)</i>
M11	<i>Até uns 02 anos atrás, a minha motivação era a vivência passada que tive em minha família. Diversos homens da minha família traíram e traem suas esposas e eu não queria isso pra mim. Meu ambiente de trabalho, com 80% dos colegas de trabalho homens, me faz concluir o mesmo. A segunda razão é que desde a juventude não queria ter filhos, o que no meio do convívio de igreja não é bem visto. Acredito que nenhum homem solteiro do convívio da igreja topasse esta condição. Outra razão é porque meu pai é bipolar e meu modelo de marido ficou meio distorcido. Atualmente, minha motivação tem sido o fato que passei a morar sozinha (há pouco mais de 01 ano) e estou em um processo de mudança interior significativo. (M11)</i>

NOTA: H5, H7, M5, M6, M10, M12; M13 não responderam por serem casados (as) ou separados (as)

QUADRO 14 – Motivação para Não Casar

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE C – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

11. Que opinião você tem sobre as motivações de outras pessoas não casadas em geral?	
Respostas dos homens.	
H1	<i>Procuro entender a situação da pessoa o porquê de ela não estar casada. (H1)</i>
H2	<i>Geralmente querem casar, umas por vontade própria, outras por pressão. (H2)</i>
H3	<i>Má experiência de casamento. (H3)</i>
H4	<i>Acho que cada pessoa tem seus próprios motivos, cada história é única. Cada um tem seus motivos. (H4)</i>
H5	<i>Elas não acreditam que podem encontrar a pessoa certa. (H5)</i>
H6	<i>Cada pessoa tem seus motivos. (H6)</i>
H7	<i>O prazer de viver, realização profissional. Elas podem ser resolvidas consigo mesmo. (H7)</i>
H8	<i>Tem pessoas que gostam de ser sós. De levar a vida sozinha. E se dizem felizes assim. Respeito a opinião deles. (H8)</i>
H9	<i>Estas pessoas na sua grande maioria tem na independência a sua maior motivação. E geralmente quase todos acabam tendo relacionamentos afetivos (sexuais), porém sem compromisso. Querem apenas satisfazer suas necessidades sexuais e afetivas e nada mais. Na revista Veja desta semana (17/04/11) saiu um artigo sobre isto. Mas como acabei de comprar a revista ainda não li este artigo. Leia ele, trata sobre este assunto. (H9)</i>
H10	<i>Respeito e não julgo.(H10)</i>
H11	<i>Situação financeira. Alguns não querem ganhar menos que sua esposa, para não se sentir envergonhado. (H11)</i>

QUADRO 15 – Opinião sobre a motivação de outras pessoas sobre o não-casamento – Respostas dos Homens

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

11. Que opinião você tem sobre as motivações de outras pessoas não casadas em geral?	
M1	<i>Ouçoo muito as pessoas comentarem sobre uma liberdade, mas que percebo estarem falando de liberdade mundana. Muitas vezes é uma liberdade por falta de compromisso, onde a pessoa assume e encara a sua situação. Mas existem casos em que as pessoas querem mesmo a liberdade para “aproveitar” tudo o que for possível. (M1)</i>
M2	<i>Algo de ruim aconteceu na vida deles. É minha opinião. O casamento é uma instituição sagrada como a gente aprende desde criança e se as pessoas fogem do casamento é porque tem algo de errado com elas. (M2)</i>
M3	<i>Medos diversos; decepções amorosas; gosto por liberdade. (M3)</i>
M4	<i>Respeito a opinião de cada um, pois algumas não casam por opção, outras por traumas causados pelo relacionamento dos pais, outras por desilusões amoras, etc. (M4)</i>
M5	<i>A maioria das pessoas desejam casar um dia, construir um lar e serem felizes. Esses desejos vem do íntimo de cada um. É um sentimento que vc não sabe da onde vem.....simplesmente sente. A própria palavra de Deus diz que não é bom que o homem viva só. O problema é que focam o lado emocional e não pensam com maturidade sobre a vida a dois. A vida não será um “mar de rosas” sempre e quando surgem as dificuldades, se o amor não for mais forte o casamento não dura. As pessoas desistem muito fácil dos problemas e uma das outras. Porque amor envolve compromisso, persistência, trabalho, paciência. Se Deus não fizer parte disso, não dura. (M5)</i>
M6	x
M7	<i>Sem opinião formada</i>
M8	<i>Conheço inúmeras pessoas que casaram pelos motivos errados e principalmente por carência. Me entristece ver que pessoas que se casaram por carência ou motivação errada são infelizes. Tenho muito medo de fazer escolhas erradas e por conviver com pessoas que passaram por isto. (M8)</i>
M9	<i>Creio que exista muita frustração - relacionamentos anteriores que não deram certo, traições. Problemas familiares - cuidar dos pais, traumas. As pessoas tem razão – acho que uma grande parte não tiveram nenhum tipo de apoio pra superar os traumas e decepções – alguém com quem conversar a respeito. Não conheceram outras pessoas que conseguiram superar isso e ter um novo relacionamento satisfatório. Talvez tiveram a infelicidade de só encontrar outros também frustrados que só reforçaram o seu sentimento de rejeição ou “raiva” contra o sexo oposto. Desta forma não pensam em ter um casamento pra sempre. (M9)</i>
M10	<i>Um bom número é bastante egocêntrico, sofre de solidão, paralisado. Em geral penso que são pessoas sofridas, solitárias, com fases de depressão etc. acredito nisso por causa do convívio que tenho. Falta muitas vezes o incentivo de sair da toca. As pessoas, sozinhas não convidam para suas casas e sentem dificuldade em sair sozinhas ex ir ao cinem. (M10)</i>
M11	<i>Medo do casamento, dificuldades de acreditar em um relacionamento duradouro e saudável, experiências passadas que definiram padrões. (M11)</i>
M12	<i>Acho que algumas esperam casar, como se fosse o grande objetivo de vida, andam desoladas, e desanimadas em sua maioria e se preocupam pouco com o seu ser, com o seu crescimento pessoal!!(M12)</i>
M13	<i>Cada uma sabe o que lhe motiva ou não. Não sou uma pessoa que “se mete” na vida dos outros. A opinião de outras pessoas não me causava nenhuma reação. O meu senso crítico é que falava mais alto, me sentindo uma pessoa “incompetente”. Sempre obtive sucesso na questão acadêmica, profissional e esta era uma área da minha vida no qual eu não obtinha sucesso. (M13)</i>

QUADRO 16 – Opinião sobre a motivação de outras pessoas sobre o não-casamento – Respostas das Mulheres

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS – CONTINUAÇÃO

12. Você acredita ou já acreditou na plenitude da felicidade que só o casamento pode dar?	
H1	<i>Não.</i>
H2	<i>Não acredito que só o casamento traz felicidade. Podemos ser feliz sem estar casado. (H2)</i>
H3	<i>Não, PODEMOS SER FELIZES SOLTEIROS INDEPENDENTE DA MOTIVAÇÃO. (H3)</i>
H4	<i>(Não). Acho perigosa essa alegação: “plenitude da felicidade que só o casamento pode dar”. Não preciso ser casado para ser feliz. (H4)</i>
H5	<i>Sim. Você acha que o outro pode suprir suas necessidades, mas não é assim. Você precisa saber compreender o seu cônjuge para não entrar em discórdia. (H5)</i>
H6	<i>(Antes sim, hoje não). Já pensei em acertar com alguém para compartilhar uma vida a dois pode chegar a plenitude, mas acredito que podemos ser feliz solteiros. Na Bíblia há o conselho de que não é bom que o homem viva só. Quando um cai, o outro ajuda a levantar. (H6)</i>
H7	<i>Não.Em muitos casos, acho que poderia citar um ditado popular: “ Antes só do que mal acompanhado”. Eu acho terrível um casamento que não dá certo. Falta de diálogo, infidelidade. Não preciso ser casado para ser feliz. Tive muitos conflitos em casa com meu pai, mas não usei isso para sair de casa. (H7)</i>
H8	<i>Sim. É preciso amar e ser amado. E para viver um relacionamento saudável, é preciso estar casado (no civil) e no religioso (Abençoado por Deus).(H8)</i>
H9	<i>SIM. Porque a bíblia diz que “não é bom que o homem fique só”. E creio que a família é uma instituição criada por Deus, onde se vivermos de acordo com a sua palavra, com certeza seremos felizes. O Homem deve ser o cabeça e amar a sua esposa como Cristo amou a igreja. E a mulher sua auxiliadora.(H9)</i>
H10	<i>(Antes sim, hoje não). Talvez no passado, quanto mais tempo solteiro, mais difícil acreditar. (H10)</i>
H11	<i>Sim</i>

QUADRO 17 – Plenitude da Felicidade que só o casamento pode dar – Respostas dos Homens
 FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS – CONTINUAÇÃO

12. Você acredita ou já acreditou na plenitude da felicidade que só o casamento pode dar?	
M1	<i>Não. O casamento também tem os seus percalços. (M1)</i>
M2	<i>Se não consigo ser feliz sozinha não é no casamento que vou me realizar. Não é um conto de fadas que afirma e foram felizes para sempre. É minha opinião. Antes eu achava que o casamento era a realização de uma mulher. Eu seria realizada no casamento. Quando descobri que tinha medo de intimidade conclui que o casamento não era tudo. (M2)</i>
M3	<i>Não. Se eu fosse casada eu não acredito que seria mais feliz do que eu sou agora, pois a felicidade vem de como você se aceita como pessoa inteira primeiro, e o companheiro iria só complementar. (M3)</i>
M4	<i>Não, porque não é o estado civil de uma pessoa que determina a felicidade. O que contribuiu para você pensar assim? A minha vida, sou feliz e não sou casada. Mas pode ser que daqui há alguns eu esteja casada e feliz Tb – depende de como eu encaro os fatos. (M4)</i>
M5	<i>(Antes sim, hoje não). Sim, já acreditei. Quando se é mais novo você tem essa falsa idéia do romantismo eterno no casamento, que tudo se resolve ao casar. De onde vem essa idéia? O que ouvimos sobre isso? Quem fala sobre isso a nós quando somos mais novos? Não sei da onde vem essa idéia. Acho que dos mais antigos. Quando se é mais novo, tudo é mais romantizado, cor de rosa. Acho que antigamente pouco se discutia sobre casamento. As pessoas casavam pensando solucionar suas vidas e a coisa não acontecia bem assim. Quando se casa mais maduro, isso não acontece nessa proporção. Tudo é mais consciente. (M5)</i>
M6	<i>(Antes sim, hoje não). Já acreditei. Pois minha educação focalizou bastante a felicidade no casamento. Hoje não acredito nisso. (M6)</i>
M7	<i>Não. A felicidade não consiste em ter, mas ser. (M7)</i>
M8	<i>Não. Porque plenitude de felicidade é um estado passageiro. Tenho momentos felizes que só encontrei com Jesus. (M8)</i>
M9	<i>(Antes sim, hoje não). Sim. Eu acredito que é sim ser feliz sem casar. Mas Deus nos criou como indivíduos – mas com o desejo dessa comunhão íntima com outro ser humano. Em determinadas situações, Deus dá a pessoa uma realização muito grande, mesmo não casando. Mas eu acredito que existe uma bênção e plenitude num casamento – se for dentro dos padrões estabelecidos por Deus. (M9)</i>
M10	<i>Não. Pensei que me faltava uma coisa quando era solteira, mas não pensei que seria a plenitude de felicidade porque como solteira não era infeliz. (M10)</i>
M11	<i>(Antes sim, hoje não). Sim, eu já acreditei até meus 25 anos. Acreditei por conta do modelo defendido no convívio da igreja e pela tratativa dada aos solteiros, como pessoas que sobraram. Acreditei pois minha família sempre defendeu este conceito (até hoje defende). (M11)</i>
M12	<i>Não, porque acredito que se você não se conhece e não se resolve interiormente não deve casar e procurar que o outro te complete se você mesma não consegue com você mesmo. (M12)</i>
M13	<i>Não. A felicidade não está no outro. Não devemos depositar a nossa felicidade nas mãos de outras pessoas. (M13)</i>

QUADRO 18 – Plenitude da Felicidade que só o casamento pode dar – Respostas das Mulheres

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	13. Em que um casamento beneficia a vida de uma pessoa? (Respostas dos homens)	14. Em que atrapalha?
H1	<i>Financeiramente quando se casa por interesse. Comodismo, troca de favores, roupa lavada e comida. Compartilhar de tarefas. O apoio nos momentos difíceis, o companheirismo.</i>	<i>Se as duas pessoas não se entendem. Isto atrapalha em muitos aspectos, a situação financeira, a saúde, a parte espiritual, o círculo de amizades.</i>
H2	<i>Acho que quando casados podemos ter mais motivação para fazer planos em várias áreas de nossa vida.</i>	<i>Acho que não deve atrapalhar em nada. Apenas perdemos um pouco a liberdade.</i>
H3	<i>Comunhão, filhos, amizades com casais, motivação familiar.</i>	<i>Com obrigações, no descanso (crianças gritando).</i>
H4	<i>Aumenta a autoconfiança, motiva a pessoa a vencer na vida, preenche a carência afetiva. Isso tudo considerando que o casal se entenda, caso contrário torna a vida da pessoa amarga.</i>	<i>Atrapalha se o casal não se entende mais e passa a brigar</i>
H5	<i>Na vida pessoal ela se torna mais responsável. Na vida de casal ela ajuda a outra a se levantar quando precisar.</i>	<i>Quando não há entendimento nem diálogo.</i>
H6	<i>Um ombro para chorar as mágoas, dividir as coisas da vida.</i>	<i>Se não houver harmonia entre o casal.</i>
H7	<i>Expectativa de vida maior. Mais fácil tomar decisões e alcançar objetivos.</i>	<i>Limita a liberdade</i>
H8	<i>Qualidade de vida. Já pensou você com uma gripe braba e ninguém para fazer um chazinho e cuidar de você até que melhore?</i>	<i>Eventualmente você pode ficar longe das amizades que tinha quando era solteiro. Tenho bons amigos que não vejo a muito tempo. Tenho dificuldade de organizar encontros com eles em função de outros compromissos depois de casado.</i>
H9	<i>Ter uma pessoa para ajudar nos momentos difíceis da vida.</i>	<i>Só atrapalha caso não viverem de acordo com o que Deus colocou em sua palavra. Pode-se perde a individualidade da pessoa, quem você realmente é.</i>
H10	<i>Uma pessoa para compartilhar as coisas boas.</i>	<i>Cobranças.</i>
H11	<i>A Bíblia diz que se um cair o outro ajuda a levantar; compreensão, companheirismo, respeito</i>	<i>Na liberdade em relação a amigos.</i>

QUADRO 19 – Benefícios e não-benefícios do casamento – Respostas dos Homens

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	13. Em que um casamento beneficia a vida de uma pessoa? (Respostas das Mulheres)	14. Em que atrapalha?
M1	<i>Companheirismo, diálogo, compartilhamento, intimidade. Observando que tudo isso também pode não acontecer plenamente.</i>	<i>Tomada de decisões, desavenças.</i>
M2	<i>Em ter uma família e um relacionamento de companheirismo.</i>	x
M3	<i>Esta pessoa é bem vista e/ou aceita pela sociedade. A pessoa tem uma razão para continuar seu dia a dia. A pessoa tem ajuda financeira. A pessoa não está mais só.</i>	<i>Jamais a pessoa pode pensar somente em si mesma, tem de considerar o outro; não pode fazer o que quiser.</i>
M4	<i>Poder construir uma vida em conjunto, com crescimento espiritual, financeiro, cultural, etc. Além de muita felicidade, quando se casa com a pessoa certa, é claro.</i>	<i>As vezes os amigos são deixados de lado e o casal se acha auto-suficiente. Eu Cultivaria minhas amizades, pois amigos fazem parte da minha vida e merecem participar dos momentos bons Tb.</i>
M5	<i>No companheirismo, cumplicidade, verdade, sinceridade, crescimento como pessoa.</i>	<i>Não sei.</i>
M6	x	<i>De certa forma atrapalha na liberdade</i>
M7	<i>Senso de pertencer, família, porto seguro</i>	<i>Na liberdade, independência</i>
M8	<i>Ensina a compartilhar, compreender as diferenças, a ceder e o fato de se ter alguém para amar.</i>	<i>Quando você se casa com alguém que é muito diferente de ti e principalmente se um dos dois é egoísta ou até ambos.</i>
M9	<i>Companheirismo, apoio mútuo; realizar projetos de vida (alguns são mais fácil como casal) Para muitos uma vida social mais plena (a sociedade valoriza o casal – talvez porque não consiga acreditar que é possível ser feliz sozinho – marketing) Poder vivenciar uma vida sexual plena – sem culpa</i>	<i>Depende muito de cada caso – quando um dos cônjuges é muito ciumento ou possessivo, pode sufocar o outro, não permitindo que viva sua individualidade.</i>
M10	<i>status na sociedade, companhia</i>	<i>Não atrapalha, mas por serem em dois precisa negociar, conciliar.</i>
M11	<i>Acredito que o casamento traz uma convivência a dois que faz com que ambos cresçam, cedam, aprendam e produzam juntos. Pra mim, gera sinergia, um efeito catalisador quando ambos compartilham de valores e princípios similares.</i>	<i>Não consigo enxergar de pronto o que atrapalhe. O que eu vejo é que ambos teriam de entrar em acordo de sacrificar algumas questões da sua individualidade e redimensionar seu relacionamento com amigos. O problema daí é ter maturidade pra trabalhar e ceder, sem grandes perdas.</i>
M12	<i>Companheirismo, crescimento de vida, ver as limitações suas e a da outro para junto caminharem é luta diária, isso é decisão madura.</i>	<i>Atrapalha se vc quiser viver a mesma vida de solteira, nunca mais é igual porque vc precisa aprender andar em comunhão com o outro</i>
M13	<i>Se a união der certo, beneficia no companheirismo, num projeto futuro de velhice, na construção de uma família.</i>	<i>Atrapalha no individual. Casar não significa abdicar do seu ser, para passar a viver a vida do outro. Deve haver o respeito da individualidade e a identidade do outro.</i>

QUADRO 20 – Benefícios e não-benefícios do casamento – Respostas das Mulheres

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	15. Como você descreveria a relação afetiva de seus pais?	16. O que você não gostava com relação ao seu pai?	17. O que você não gostava com relação à sua mãe?
H1	<i>Não eram amorosos, mas tinham respeito, dedicação. Não expressavam amor entre eles.</i>	<i>Monopólio financeiro. Era controlador. Era muito direto em suas opiniões e as vezes se tornava desagradável.</i>	<i>Era nervosa, impaciente no dia-a-dia. Era super-protetora com os filhos. Me sentia sufocado e sem liberdade.</i>
H2	<i>Com alguns conflitos, mas nada além do normal de um casal. Sempre mantiveram respeito um pelo outro.</i>	<i>Achava um pouco ausente. No lar deixava para a minha mãe tomar as decisões e resolver.</i>	<i>As vezes um pouco incompreensível com os problemas financeiros que a família passava.</i>
H3	<i>Pai aparentemente frio e mãe afetuosa.</i>	<i>Comentários negativos da família da mãe.</i>	<i>Ser insubmissa, controladora, cheia de razão.</i>
H4	<i>Estranha.</i>	<i>Autoritarismo, atitudes rudes, falta de perdão.</i>	<i>Falta de jeito de demonstrar afeto.</i>
H5	<i>Essa relação não existia.</i>	<i>Os pais se divorciaram quando eu era pequeno. Não tive contato com meu pai.</i>	<i>Era muito protetora, mas hoje entendo por que.</i>
H6	<i>Era boa apesar de não demonstrarem. Eles tinham muita harmonia e diálogo. Eu percebia que se amavam e se respeitavam.</i>	<i>Não deixava as crianças participarem da conversa dos adultos.</i>	<i>Não deixava as crianças participarem da conversa dos adultos.</i>
H7	<i>Fria. Tenho a impressão de que meu pai procura na minha mãe receber o carinho e afeto que provavelmente não recebeu da sua mãe. Não demonstravam afeto entre eles</i>	<i>Autoritarismo e a maneira de como maltratava a minha mãe, com a máxima falta de respeito, com palavras agressivas e de baixo escalão (incompetente, inútil).</i>	<i>Eu admirava que ela enfrentava meu pai para se proteger. Muitas afirmações negativas (super-protetora com os filhos e via perigo em tudo).</i>
H8	<i>Nada boa. Eles brigavam e discutiam muito. E na frente dos filhos.</i>	<i>Do silêncio e da falta de atitudes positivas em relação a vida que ele levava. Ele parecia alguém infeliz em seu relacionamento e um tanto insatisfeito com sua vida. [...] não tinha motivação ou aconselhamento para mudar. Nunca o vi buscando orientação com os irmãos dele. Não participávamos de igreja e assim não tínhamos uma orientação cristã. Sinto tristeza por não poder identificar estes problemas na época e ajudar, era apenas um jovem, e ele morreu muito jovem. Não conheceu as netas e netos. Poderia ter sido diferente.</i>	<i>Do excesso de críticas e da falta de atitudes positivas em relação a casamento e relacionamento com o meu pai. Como você sentia com isso? Tristeza e uma certa raiva por não buscarem uma solução para o problema do relacionamento deles. Era chato os vizinhos entrarem em sua casa, para apartar as brigas e nos tirarem de lá e nos abrigar em lugar seguro, até que a situação se acalmasse.</i>
H9	<i>Meu pai viajava bastante e ficava pouco tempo em casa. Mas vejo que faltava ele dar um pouco de atenção para minha mãe, realmente se importar como ela está. Era um “pouco frio” entre eles, do meu ponto de vista.</i>	<i>Ele sempre foi muito durão. Meio carrasco. Não conseguia demonstrava muito amor e afeto aos filhos e a sua esposa. Gritava muitas vezes com os filhos, ao invés de elogiar e incentivar.</i>	<i>Sempre gostei muito da minha mãe. Talvez faltou ela ser um pouco mais amorosa. Mas não culpo ela por isto, pois é a natureza dela. Também sou assim</i>
H10	<i>Normal.</i>	<i>Só tenho lembranças boas.</i>	<i>Um pouco geniosa</i>
H11	<i>Relação formal, se respeitam</i>	<i>Era explosivo, gritava, xingava de imprestável para os filhos e para a mãe. A gente tinha medo de fazer alguma coisa que ele não achasse certo, porque ele virava um bicho.</i>	<i>Era um pouco explosiva com os filhos. O lado ruim de ficar em casa é que a gente não pode querer fazer algo ou sair porque ela põe obstáculo mesmo a gente adulto. Fala que as estradas são perigosas. Dá muita opinião na minha vida.</i>

QUADRO 21 – Compreensão sobre o funcionamento da família – Respostas dos Homens

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	15. Como você descreveria a relação afetiva de seus pais?
M1	<i>Aos olhos de uma criança e adolescente estava tudo bem, mesmo com as dificuldades financeiras. Problemas não eram apresentados aos filhos.</i>
M2	<i>Conturbada, falta de diálogo, sem toque físico, triste.</i>
M3	<i>Ela é “fria”, desajeitada.</i>
M4	<i>Não respondeu</i>
M5	<i>Perfeita. Claro que perfeito é só Deus, mas chega perto disso.</i>
M6	<i>Não respondeu</i>
M7	<i>Nunca presenciei gesto de afetividade entre eles.</i>
M8	<i>Hoje são apenas colegas, se respeitam. Se separaram quando eu tinha 3 anos.</i>
M9	<i>Muito formal – só entre 4 paredes. Quase nunca vi cenas de carinho e afeição. Caiu a ficha pra mim que uma das possíveis razões de eu não ter casado, possa ter sido, porque eu nunca vi demonstrações de carinho e afeto entre meus pais. Eu não tinha “segurança” de que meus pais se amavam. Eu não queria um casamento como o deles pra mim. Como menina[...] eu sonhava com príncipe encantado – mas eu não via nada disso em casa – e ai fantasiava corria. (eu gostava muito de ler histórias românticas já que ainda não tinha TV). Mais tarde já “acordada” desse sonho de príncipe encantado eu queria pelo menos um homem carinhoso, atencioso, que demonstrasse seu carinho por mim, ajudasse em casa, estivesse presente, e tal. [...] amigas já casadas me contavam que não tinha nada disso – ou seja, os rapazes repetiam o modelo visto em casa. Ai novamente eu me decepcionei – e inconscientemente rejeitei “esse tipo de casamento”. Só voltei a ter esperanças de que o que eu desejava num casamento pudesse ser realidade, quando conheci você e o Hart. A maneira como vocês se relacionavam, como o Hart ajudava em casa e tudo mais. Foi a partir disso que voltei a ter esperanças e desejar um casamento. Eu não preciso casar pra ser feliz, mas voltei a pedir a Deus por um companheiro, mas só se for da vontade Dele.</i>
M10	<i>Muito boa</i>
M11	<i>Meus pais me parecem não compartilhar suas questões pessoais um com o outro. Acredito que a bipolaridade de meu pai ajudou a desenvolver esta relação. Ambos não demonstram afeto. Meu pai não ouve muito, só comanda.</i>
M12	<i>Muito boa</i>
M13	<i>Melhor, impossível</i>

QUADRO 22 – Compreensão sobre o funcionamento da família – Respostas das Mulheres

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	16. O que você não gostava com relação ao seu pai?	17. O que você não gostava com relação à sua mãe?
M1	<i>A falta de diálogo sobre questões do dia-a-dia. Mas tenho maturidade suficiente para que isto não influencie na decisão de um casamento. Existem situações muitíssimo piores que podem repelir alguém do casamento. Estou falando de qualquer pessoa, não de mim.</i>	<i>A cobrança das tarefas de escola e de casa, hora do banho, hora de ir dormir.</i>
M2	<i>Violento, falta de entendimento de pai para filha, falta de carinho de pai. Era muito ausente. Eu não tinha a proteção que precisava.</i>	<i>Muito submissa. Ela sempre teve medo do meu pai dominador. Não tinha opinião, sempre se conformou com tudo mesmo com vontade de gritar de raiva sempre ficava calada. Foi uma mulher de muitas dores. Hoje vive à custa de remédios.</i>
M3	<i>O seu jeito extremo de servir a igreja e as outras pessoas deixando a família sempre em terceiro plano. A imposição da religiosidade. A falta de diálogo.</i>	<i>A frieza, a falta de afeto, de carinho e palavras amorosas. Parece que o trabalho está acima de tudo.</i>
M5	<i>Meu pai nunca foi muito carinhoso no sentido de beijar, abraçar, dizer “eu te amo”, mas ele demonstra seu amor através de gestos carinhosos como comprar coisas para comer que eu gosto, cozinhar algo especialmente para mim, ir ao cinema, conversas de fim de tarde, assistir a um programa legal, compartilhar leituras, conselhos. [...] Precisamos enxergar cada pessoa em suas características. Mesmo meu pai não declarando em palavras o seu amor, eu jamais deixo de dizer a ele o quanto eu o amo.</i>	<i>Minha mãe tem dificuldade em aceitar opiniões que são diferentes das dela. Ela não chega a ser inflexível, mas demora um pouco a aceitar, o que às vezes dificulta um pouco o diálogo.</i>
M7	<i>Parecia ser sempre o dono da verdade.</i>	<i>Sua fragilidade e dependência. Na minha maturidade percebi que talvez isso se devia a altivez de meu pai que sempre a diminuía e rebaixava. Creio que isso a tornou abnegada e dependente se sentindo mesmo menor que ele.</i>
M8	<i>O alcoolismo que trazia agressividade. Quando bebia ficava incomodando. Tive pouco relacionamento de pai para filha. Não gostava de chegar perto dele pelo fato de ficar alcoolizado e irritar a gente com coisas pequenas. Voltamos a conviver depois dos meus 25 anos. Ele ainda bebe, mas quando estamos juntos ele se controla mais e podemos conversar.</i>	<i>O abandono. Ela trabalhava, estudava e nos finais de semana nunca estava em casa. Era muito ausente. Nisto eu agi diferente com meu filho.</i>
M9	<i>Ausência de casa – por causa do seu trabalho quase só estava em casa no fds, e mesmo assim sempre tinha muita coisa pra fazer em casa – não tinha muito tempo pra nós filhos. Não soube expressar seu amor pelos filhos</i>	<i>Eu não a entendia – suas atitudes, sua realidade, seu contexto – achava que ela era frustrada com o casamento. Não lembro de conversas significativas com ela sobre assuntos gerais, ou meus sobre problemas de menina-moça.</i>
M10	<i>Quando ele gritava</i>	<i>Que ela trabalhou demais</i>
M11	<i>A incoseqüência das atitudes e o abuso verbal sobre os filhos.</i>	<i>Mexia nas minhas coisas, pois dizia que eu sempre escondia as minhas questões. Sempre fui reservada. [...] Ela mexia e contava pra outras pessoas, dando uma interpretação equivocada pois possui uma outra cosmovisão por ter se tornado do lar após seu casamento (hoje são 40 anos de casamento).</i>
M12	<i>Às vezes um pouco distraído</i>	<i>Mais exigente</i>
M13	<i>Meu pai faleceu quando eu era muito bebê, então não tenho como responder, pois não convivi com consciência a relação de pai/filho.</i>	<i>[...] ela dava muito mais importância para o que os outros diziam ou faziam, do que eu fazia (os outros sempre tinham razão e os outros sempre faziam melhor do que eu nunca recebia elogios).</i>

Nota: M4 e M6 não responderam.

QUADRO 23 – Compreensão sobre o funcionamento da família – Respostas das Mulheres
 FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	18. Qual a melhor coisa no casamento dos seus pais? (Respostas dos homens)
H1	<i>A fidelidade de um para com o outro e apoio mútuo em todas as situações.</i>
H2	<i>Sempre mantiveram muito respeito um pelo outro.</i>
H3	<i>Perseverança, compreensão, amor incondicional.</i>
H4	<i>Fidelidade.</i>
H5	<i>Os Filhos</i>
H6	<i>Harmonia e a questão de saber dividir as coisas. As coisas eram comuns aos dois.</i>
H7	<i>Apesar da diferenças, o apoio mútuo</i>
H8	<i>Ver fotos antigas deles quando casaram. Havia alegria, juventude, cumplicidade e disposição que eles não conseguiram manter com o passar do tempo. Não souberam lidar com as dificuldades da vida, não buscaram ajuda e nem orientação. Não incentivaram um ao outro para crescimento na educação, no trabalho. Faltou união. Não me lembro de tê-los visto na igreja, a não ser pela foto do casamento, e minha certidão de batismo.</i>
H9	<i>Apesar de todas as dificuldades, conseguiram criar os 04 filhos, dar estudo até o 2° grau para todos.</i>
H10	<i>O amor.</i>
H11	<i>Que a mãe não era ciumenta e confiava plenamente em meu pai. Fidelidade e confiança.</i>
	18. Qual a melhor coisa no casamento dos seus pais? (Respostas da Mulheres)
M1	
M2	<i>Ensinar os filhos a serem dignos de confiança, corretos e sempre batalharam financeiramente por nós.</i>
M3	<i>A paciência mútua; honrar o sim dito diante de Deus e os homens.</i>
M4	<i>x</i>
M5	<i>A união.</i>
M6	
M7	<i>Aliança levado a sério e não quebrada. Apesar de ter havido traições por parte de meu pai.</i>
M8	<i>Eu ter nascido e ter um irmão precioso e meus pais também são preciosos. Eu gostava que mesmo após a separação, minha mãe não falava mal de meu pai e não deixava que falassem. Nos ensinou a amá-lo independente do que fazia.</i>
M9	<i>Fidelidade deles - seus valores e princípios; seu esforço para nos criar bem, dar educação.</i>
M10	<i>A união, segurança, sensação de estabilidade</i>
M11	<i>Eu não consigo ver algo bom no casamento, minha mãe é quase uma mãe do meu pai, cuidando dos remédios e pra ele não fazer bobagens.</i>
M12	<i>Tolerância e perdão</i>
M13	<i>O amor e a felicidade em viver juntos.</i>

QUADRO 24 – Melhor coisa no casamento dos pais
 FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	19. Como pensa que sua mãe se sentia pelo fato de ser casada com seu pai?	20. Como pensa que seu pai se sentia pelo fato de ser casado com sua mãe?
H1	<i>Era satisfeita e se sentia protegida, amparada, segura. Tinha orgulho de ser casada com ele.</i>	<i>Ele achava que fez a escolha certa. Creio que eram felizes.</i>
H2	<i>Acho que se sentia bem, apesar do comentado no 17.</i>	<i>Também acho que se sentia bem apesar dos conflitos já mencionados.</i>
H3	<i>Se sentia bem, mesmo com dificuldades ela diz que valia a pena. Realizada e feliz.</i>	<i>Bem, mas gostava de magoá-la por causa de familiares. Mais tarde perdeu o costume.</i>
H4	<i>Segura pois ele jamais deixou faltar nada e podemos confiar de que sempre foi fiel. Mas triste pela falta de presença, já que como caminhoneiro ele viajava muito. E talvez triste por saber que não é a mulher com quem ele realmente queria ter casado, de não ser a mulher dos sonhos dele.</i>	<i>Não sei.</i>
H5	<i>Em algum momento houve amor, mas depois somente ódio.</i>	<i>Não sei.</i>
H6	<i>Ela sofreu muito pelo fato de que ele não era convertido (protestantismo). Mas depois da conversão dele, ela se sentiu muito feliz. Meu pai era brincalhão, mas não com piadas sujas e era uma pessoa caseira. Vivía para a família. As vezes ela ficava brava com as brincadeiras dele.</i>	<i>Feliz e realizado.</i>
H7	<i>Segura pela proteção e nunca deixar faltar nada. Mas por outro lado, frustrada por não poder terminar os seus estudos.</i>	<i>Feliz, realizado. Mas as vezes demonstrava uma certa “raiva” pois achava que a mãe administrava mal o orçamento do lar.</i>
H8	<i>Na verdade eles não tinham um bom relacionamento. Havia muitas brigas e desentendimentos entre os dois. Melhor que os dois tivessem se separado no passado, ou que buscassem ajuda para melhorar o casamento. Minha mãe não conseguiu um outro relacionamento que desse certo desde o falecimento do meu pai lá pelos anos 80. Hoje viúva e idosa, vive se queixando dos sentimentos de solidão. Como você se sente com relação a isso? É triste, ter uma vida toda para ser feliz, não tomar atitudes reais para que isto aconteça, e no fim ainda não entender a solidão em que vive.</i>	<i>Na verdade eles não tinham um bom relacionamento. Havia muitas brigas e desentendimentos entre os dois. Melhor que os dois tivessem se separado no passado, ou que buscassem ajuda para melhorar o casamento. Meu pai faleceu lá pelos anos 80. (Derrame e Cirrose).</i>
H9	<i>Ela falou uma vez, que se sente frustrada por meu pai não reconhecer que ela foi a AUXILIADORA. Que sem ela, muito do que meu pai conseguiu, ele não teria conseguido sem a ajuda dela.</i>	<i>De certa forma feliz por ter uma esposa que “deu a ele” quatro filhos e os criou. Por outro lado ele sempre a viu alguém que “torrava” todo o dinheiro que ELE dava para ela.</i>
H10	<i>Muito bem.</i>	<i>Muito bem.</i>
H11	<i>As vezes se sentia feliz por um lado não. Ela já se queixou de ter casado com ele.</i>	<i>Realizado. Ele acha que tinha uma boa esposa.</i>

QUADRO 25 – Sentimentos do pai e da mãe com relação ao casamento – Respostas dos Homens
 FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	19. Como pensa que sua mãe se sentia pelo fato de ser casada com seu pai?	20. Como pensa que seu pai se sentia pelo fato de ser casado com sua mãe?
M1		
M2	<i>Ela sempre me dava a impressão que não amava meu pai e que se casou com ele para sair de uma vida sofrida com um pai alcoólatra.</i>	<i>Ele se casou com minha mãe para que ela cuidasse dos 4 filhos do casamento dele. Nunca percebi amor por parte dele com a minha mãe. Minha mãe era uma empregadinha dele. Só servia para fazer sexo com ela e trabalhar na lavoura além da casa.</i>
M3	<i>Abandonada na responsabilidade de criar os filhos e nos afazeres domésticos. Decepcionada e conformada com o casamento.</i>	<i>Incompreendido; carente por contato afetivo. Talvez meio decepcionado mas conformado com a realidade, assim colocando tudo no trabalho.</i>
M4	x	x
M5	<i>Amada.</i>	<i>Amado.</i>
M6		
M7	<i>A que conseguiu se casar com ele. Mas não era feliz.</i>	<i>Que tinha obrigações de um pai para com ela., porque ela sempre me pareceu muito dependente dele e frágil e quanto que ele me parecia muito forte e seguro de si.</i>
M8	<i>Acho que ela era infeliz. Casou muito jovem e imatura e tinha que aturar as bebedeiras de meu pai.</i>	<i>Realmente não imagino.</i>
M9	<i>Acho que um tanto quanto frustrada – não sei explicar bem porque. Talvez ela nem mesmo tenha se dado conta disso. Ela fez o que se esperava de toda mulher – casar e ter filhos. Ela não via outra opção – claro que no contexto da época, não havia mesmo muitas opções</i>	<i>Também não sei ao certo- eu sei que ele sempre amou minha mãe. Mas o sonho dele era trabalhar no campo –ser fazendeiro, e ela não quis. Então com certeza existiu muita frustração – ele teve que abrir mão dos seus sonhos por causa dela.</i>
M10	<i>amada, realizada, bem</i>	<i>orgulhoso dela, amado</i>
M11	<i>Arrependimento. Minha mãe me disse, faz pouco tempo, que se soubesse como seria sua vida não teria casado e teria vivido como solteira.</i>	<i>Minha mãe, pra ele, foi sempre a mãe durona que podava ele nas loucuras e devaneios da bipolaridade não tratada.</i>
M12	<i>ontem completaram 45 anos juntos e com muito amor.</i>	<i>da mesma forma, orgulhoso</i>
M13	<i>De ser a mulher mais feliz do mundo.</i>	<i>De ser o homem mais feliz do mundo.</i>

QUADRO 26 – Sentimentos do pai e da mãe com relação ao casamento – Respostas das Mulheres

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

21. Pense em casais que você admira. O que causa sua admiração?			
		M1	<i>A família de uma irmã, onde todos participam dos acontecimentos da casa e de cada um individualmente.</i>
H1	<i>A cumplicidade</i>	M2	<i>O carinho que há entre os dois e a cumplicidade, o diálogo ameno, palavras de amor um com o outro.</i>
H2	<i>Tenho admiração por casais que ao longo do casamento mantém o carinho um pelo outro. Que não deixa o tempo acabar o afeto.</i>	M3	<i>O investimento no próprio relacionamento com demonstração de afeto, amor, compreensão, praticando o perdão. E, o investimento do casal em amizades fora do casamento.</i>
H3	<i>Trazer flores para a esposa. Oferecer um alimento gostoso para o marido. Solidariedade.</i>	M4	<i>Respeito, cumplicidade, carinho, fidelidade, relacionamento com os filhos.</i>
H4	<i>Companheirismo, andar abraçado com um sorriso no rosto e brilho nos olhos</i>	M5	<i>A união, senso de humor, alegria, cumplicidade.</i>
H5	<i>A sabedoria em administrar as situações da vida.</i>	M6	
H6	<i>Sabem dividir o tempo com o que eles querem, se entendem bem. Vivem bem, tem harmonia. Não suportam casais que discutem e gritam entre si. Eu não gosto que gritem comigo. Fico calado esperando que passe a raiva da pessoa. Algumas raras vezes já revidei e não vi resultado. Já cheguei a voltar e pedir desculpas. Histeria não leva a nada. [...]</i>	M7	<i>A capacidade de se amarem ou se aturarem a despeito das diferenças.</i>
H7	<i>Harmonia no relacionamento, a divisão das responsabilidades, respeito mútuo</i>	M8	<i>Lori e Edna pelo companheirismo e humildade e meus avós, pelo respeito e carinho que tinham um pelo outro.</i>
H8	<i>O fato de estarem casados a tanto tempo juntos, os filhos criados e bem educados e encaminhados na vida. E o exemplo deixado por eles. Que tipos de exemplos? O Amor, o Respeito, o Bom Exemplo, a Educação que dão segurança e fundamentos para viver melhor e enfrentar os desafios da vida a dois.</i>	M9	<i>Respeito mútuo, esforço para entender o cônjuge, fazê-lo feliz. Esforço para ser fiel. Compromisso para com Deus e engajamento no trabalho da igreja – dentro dos seus dons.</i>
H9	<i>O bom relacionamento entre eles e a boa educação que deram aos seus filhos e como os filhos se saíram bem na vida.</i>	M10	<i>Como lidam com as diferenças, o respeito mútuo, parceria</i>
H10	<i>O companheirismo.</i>	M11	<i>A cumplicidade no relacionamento, a profunda amizade e companheirismo.</i>
H11	<i>Casal que não briga.</i>	M12	<i>A compreensão, não estressar por pouca coisa</i>
.		M13	<i>O respeito, a solidariedade de ambos.</i>

Nota: H = Homens/ M = Mulheres

QUADRO 27 – Motivo de admiração em casais

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

22. Quando você era criança, achava que iria casar-se com ___ anos.		
		M1 <i>Não me lembro de ter imaginado alguma idade para casar. Casamento era algo distante para você? Eu não via o casamento como algo concreto para mim.</i>
H1	<i>18 Anos. Para ter a minha vida independente como meu irmão quando casou.</i>	M2 <i>20 anos. Achava que estaria preparada como mulher.</i>
H2	<i>30 anos. Por quê? Achava que para casar deveria ter uma condição financeira estável.</i>	M3 <i>Não sei.</i>
H3	<i>Até 25. Seria igual a todos os outros.</i>	M4 <i>21 anos. Era a idade média com a qual a maioria das mulheres casava na Igreja local. Não tenho frustração em relação a isso, mas o que com certeza me ajudou foi o fato de conviver desde os 18 anos com pessoas solteiras, separadas, casadas e viúvas.</i>
H4	<i>27 a 30. Ao concluir a faculdade, tendo um mínimo de estabilidade financeira ao menos.</i>	M5 <i>30 anos. Queria a independência financeira.</i>
H5	<i>Não imaginei que iria casar.</i>	M6
H6	<i>21 anos. Não lembro por que.</i>	M7 <i>22 anos. Seria madura o suficiente para encarar um casamento.</i>
H7	<i>Até os 27 anos. Processo natural da vida.</i>	M8 <i>20 anos. Acho que fantasiava.</i>
H8	<i>Nunca tive estes pensamentos de criança. [...] Sempre fui meio inseguro, e um tanto dependente, e o fato de “sair de casa” aos 25 anos foi como um corte no cordão umbilical. Sai da barra da saia da mãe, da proteção das irmãs mais velhas. E queria a minha independência. [...]</i>	M9 <i>21 a 25. Porque esse era o padrão – essa era a idade considerada “ certa “ pra se casar. (pela comunidade)</i>
H9	<i>Para falar a verdade, pensava em casar, mas nunca pensei com quantos anos ria casar. Só não queria casar depois dos 30 como meu pai fez.</i>	M10 <i>25. Achei isso uma idade em que já estaria formada, adulta, madura e também porque minha mãe casou com 24. Isso influenciou</i>
H10	<i>Não pensava.</i>	M11 <i>Eu não pensava em casar. Havia um sentimento muito forte dentro de mim de que eu morreria ao chegar aos 18 anos. Não conseguia brincar de casamento e estas coisas.</i>
H11	<i>27 anos. Porque estaria mais ajuizado e não era tão criança.</i>	M12 <i>28. A maioria até esta idade casava</i>
		M13 <i>Quando eu era criança, eu dizia que nunca queria me casar. Eu tinha vergonha em ver casais juntos. Eu sentia vergonha em imaginar que teria que passar por aquilo que via (andar de mãos dadas, beijar, abraçar).</i>

Nota: H = Homens/ M = Mulheres

QUADRO 28 – Projetos de Casamento na infância
 FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

23. Você já acreditou ou acredita que a maior responsabilidade em cuidar dos pais é de filhos (as) solteiros (as)?	
H1	Não. Acho que a responsabilidade é de todos, mas normalmente não é assim. Os casados sempre se esquivam e o solteiro tem que se dedicar mais segundo os casados que inclusive cobram. Na divisão dos bens ou no amor e carinho sempre querem atenção, mas na hora do cuidado com, os pais, há diferenças.
H2	Não Por quê? Acho que é de todos, solteiros e casados.
H3	Não. É de toda a família, todos os irmãos
	M4 Não. Tds tem direitos e obrigações iguais.
H4	Não e sim. [...] Não seria justo um irmão casado que já tem o próprio lar para cuidar ainda ajudar a pagar as contas da casa onde o solteiro mora. [...] O cuidado afetivo deve ser de todos. O casado deve ajudar caso eles necessitem de cuidados médicos.
H5	Não respondeu
H6	Não. A responsabilidade é de todos, mas normalmente nas famílias se deixa a responsabilidade para os filhos solteiros. Acredito que o casado também deve contribuir.
	M8 Não. Todos são filhos em igual propensão então a carga não deve ficar somente com o solteiro.
H7	Não. Honrar pai e mãe como diz a Bíblia é dever de todos os filhos. Pelos meus conhecimentos, perante a lei brasileira, a responsabilidade é do irmão mais velho, mas pessoalmente acho que é dever de todos os filhos.
H8	Não. A responsabilidade é de todos os filhos.
H9	Não. [...] mas acontece que geralmente esta "tarefa", acaba sobrando para os filhos que estão solteiros, por eles não terem esposa e principalmente filhos para cuidar.
H10	Não. Os dois têm a mesma responsabilidade
H11	Não. A responsabilidade é de todos
M1	Sim. Os casados querem cuidar da sua família e não se envolvem do cuidado dos pais. Também não pensam na vida da pessoal solteira que está cuidando deles. Já passei por algumas situações de ajudar alguém por ser solteira. Geralmente os casados crêem que o solteiro tem menos compromissos e mais tempo.
M2	Não. Tenho certeza que todos os filhos têm responsabilidade com os pais.
M3	Sim. Porque são os que moram com os pais; são os desocupados, pois não tem filhos e nem marido pra cuidar, e assim, eles tem nada pra fazer, e é a sua obrigação cuidar dos pais.
M5	Não. Cada um tem suas atividades, responsabilidades, sua vida. Se analisarmos a situação friamente, é claro que temos a impressão de que se um filho for solteiro, terá mais tempo de cuidar dos pais, o que não é verdade. Acredito que essa tarefa acaba sempre sobrecarregando mais uma pessoa do que outra, independente de ser o filho(a) solteiro(a).
M6	Não Respondeu
M7	Sim. Por não estarem ocupados com suas próprias famílias.
M9	Não. Todos [...] tem direitos e obrigações iguais para com os pais. O que pode mudar depende de vários fatores e um deles seriam condições financeiras. Mas [...] todos deveriam ajudar com tempo ou dinheiro, ou como for possível. [...] É uma coisa cultural – aquela frase “uma mentira repetida muitas vezes se torna uma verdade”. Ouviram sempre que o solteiro deve cuidar dos pais e se sentem culpados só de pensar em “abandoná-los” [...]
M10	Não. Se tem mais filhos, a responsabilidade é de todos e tem que ver quem tem mais condições
M11	Sim. Porque foi o que eu vi na família da minha mãe e na comunidade menonita.
M12	Sim, é uma questão familiar, de como a família vê o solteiro em muitas a solteira tem obrigação de cuidar porque tem mais tempo, não concordo, todos devem dividir a tarefa do cuidar
M13	Sim. Porque o filho solteiro mora com os pais e não divide a atenção dos pais, com o cônjuge.

Nota: H = Homens/ M = Mulheres

QUADRO 29 – Responsabilidade em cuidar dos pais

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

24. O que você acredita ou já acreditou que impede alguém solteiro(a) de não morar com os pais?			
H1	<i>Não respondeu</i>	M1	<i>A privacidade, a autonomia. Ter que submeter aos caprichos e exigência dos idosos. Isto te causa desconforto, certo? Sim, pode causar desconforto e desgaste de relacionamento.</i>
H2	<i>Acho que nada impede.</i>	M2	<i>Voltei a morar com meus pais e acho que está sendo bom. É uma oportunidade divina de restaurar meu relacionamento com eles. Hoje são mais amigos e está sendo bom para mim presenciar isso.</i>
H3	<i>Não vejo diferença, tanto morar com ou morar fora.</i>	M3	<i>O sentimento de fracasso, de perdedor, de incapacidade de viver sozinho, ter a síndrome do mal amado e mal ajustado.</i>
H4	<i>Finanças</i>	M4	<i>Situação financeira e pressão psicológica da família e dos pais. Você sente ou já sentiu esta pressão? O que te ajudou? não</i>
H5	<i>Talvez a liberdade.</i>	M5	<i>Acho que nada, a não ser que a pessoa ou os pais não queiram.</i>
H6	<i>Depende de cada filho. Da disposição deles.</i>	M6	
H7	<i>A falta de liberdade.</i>	M7	<i>O compromisso de acabar tendo que cuidar deles mais tarde.</i>
H8	<i>Como ser independente vivendo com os pais? Consciente ou inconscientemente os pais sempre vão querer manter algum controle em quem vive com eles. A situação de dependência pode atrapalhar os projetos pessoais do filho</i>	M8	<i>Todos devemos aprender a nos virarmos sozinhos.</i>
H9	<i>Quando as idéias não são as mesmas que as dos pais, ou quando o jovem adulto quer ter a sua liberdade ele acaba saindo da casa dos seus pais.</i>	M9	<i>Acho que talvez consciência pesada – abandonar os pais ou algo assim. Ou por ela achar que deve permanecer na casa dos pais até casar. OU seja enquanto estou solteira/o devo ficar na casa dos pais</i>
H10	<i>Nada impede</i>	M10	<i>De querer sua própria vida a partir de uma idade adulta. É natural que filhos querem sua liberdade.</i>
H11	<i>Porque tem roupa lavada, almoço, companhia</i>	M11	<i>O fato de que só se sai de casa casado ou falta de independência financeira.</i>
		M12	<i>medo, falta de coragem e a mordomia do conforto financeiro</i>
		M13	<i>Sua convicção de liberdade, sensação de independência.</i>

Nota: H = Homens/ M = Mulheres

QUADRO 30 – “O Sair de Casa”
 FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	25. Você acredita ou já acreditou que existem projetos de vida que só são possíveis dentro do casamento?
H1	Não
H2	Sim. Filhos
H3	Sim. Filhos. Pais que não assumem filhos
H4	Sim, Filhos. Por quê? Por princípios bíblicos
H5	Sim. A felicidade dos dois, conquistas materiais, planejamento familiar. Porque depende de decisão mútua, objetivos em comum.
H6	Sim. Filhos, porque é uma instituição divina .
H7	Sim. Ter filhos. Por que é uma orientação bíblica . Achava que viagem com acompanhante deveria ser com uma esposa.
H8	(Sim) Formar uma família, ter um lar! Ter Filhos. Não nascemos para vivermos sozinhos. Aprendi isso na observação, quando estava na casa de amigos ou tios, e pela ordem natural da vida. Acredito que podem haver solteiros(as) felizes, mas lá no íntimo de cada um há o desejo de estar com alguém, formar uma família e ter filhos. Eu tinha em mim o desejo de me casar um dia, e de formar uma família.
H9	Sim. Ter filhos. Sei que tem muitos casos de pessoas que tem filhos e nunca foram casados. Mas para mim ter filhos é uma coisa muito séria e precisa ser dentro do padrão de Deus , quer dizer, a criança precisa ter a figura do pai e da mãe na sua infância e juventude para servir de referência.
H10	Não. O casamento não é a coisa mais importante da vida.
H11	Sim. Homem casado, espiritualmente na igreja tem uma vantagem muito grande. (Corre menos o risco de fornicar). O homem solteiro tem menos credibilidade para cargos na igreja por causa da sexualidade.

QUADRO 31 – Projetos de vida que só são possíveis dentro do casamento – Respostas dos Homens
 FONTE: A autora (2011)

	25. Você acredita ou já acreditou que existem projetos de vida que só são possíveis dentro do casamento?
M1	Não. Creio que muito poucos projetos só são possíveis dentro do casamento. Pode citar um exemplo? Respondi “creio”, pois como nunca fui casada, não posso citar exemplo. Mas quando se pretende ter um filho, também não é estritamente necessário casar.
M2	Sim. Filhos. Uma criança só crescerá saudável dentro de uma família completa com pai e mãe. Eu achava que pelo fato de ser solteira eu não precisaria ter uma casa para morar sozinha e nunca antes me esforcei para isso. E sempre tive medo de solidão .
M3	Sim. Ter filhos. Porque o sexo só vem depois do casamento. E, adoção, no meu entender, a criança precisa de pai e de mãe, o que um solteiro não pode dar. Adiei a minha independência financeira e a saída de casa por não ser casada. Também deixei de fazer viagens.
M4	Sim, filhos biológicos. É uma das “regras” de Deus.
M5	Sim. Constituir uma família. Ter filhos.
M6	Não Respondeu.
M7	Sim. Ter filhos
M8	Sim, Filhos. Quando se trata de projetar o ideal é fazer isso como casal. Já imaginei em ter uma casa só depois de me casar e até que o marido me desse a casa. Também sonhava em passar a lua de mel em Fernando de Noronha. Mas agora já consegui minha casa solteira e pretendo viajar até mesmo solteira.
M9	Sim, Filhos. Porque filhos precisam de pai e mãe. É possível sim criar um filho sozinha – mas para o bom desenvolvimento em todos os aspectos, é muito importante que criança pai e mãe presentes. Eu gostaria muito de fazer uma ou várias grandes viagens a outros países – mas com um cônjuge. Já viajei sozinha e com amigas e fui muito bom – mas em todas elas lembravam de como seria maravilhoso viajar com um parceiro. Um cruzeiro marítimo eu sempre sonhei – mas não queria fazer com amigas – queria mesmo que fosse com um parceiro. (Sou muito romântica – acho que é isso rsrsrs)
M10	Sim, ter filhos. Nunca conseguia me ver como mãe solteira. O ideal é pai e mãe.
M11	Sim. Já acreditei que buscar ser feliz, morar independente dos pais, ter filhos.
M12	Sim, filhos, acho mais coerente e saudável tê – los dentro do casamento
M13	Sim. Construção de uma família (filhos). A estrutura familiar trabalha melhor num regime de casamento. Filhos necessitam de pai e mãe para serem criados, assim como um casal necessita do apoio do outro para a criação dos filhos. Isso vem dos ensinamentos da igreja e da minha família.

QUADRO 32 – Projetos de vida que só são possíveis dentro do casamento – Respostas das Mulheres
 FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	26. Você acredita que existe algum sentimento de inferioridade em pessoas pelo fato de serem solteiras? _____ Por quê? Respostas dos homens
H1	Sim. <i>Ou porque não são bonitos ou tem problemas na área financeira ou por brincadeiras que ficou para titia, ou porque está procurando alguém ou porque foram rejeitadas. (H1)</i>
H2	Sim. <i>Não é o meu caso, mas tem pessoas que perdem a auto-estima por não encontrar uma pessoa para não casar. (H2)</i>
H3	Sim. <i>Certos programas e amizades com casados. (H3)</i>
H4	(Depende) Sim e não. <i>Por quê? Vai da cabeça de cada um. (H4)</i>
H5	Não. <i>Cada um é feliz do seu jeito. (H5)</i>
H6	Não. <i>(H6)</i>
H7	Sim. <i>Me parece que nossa sociedade impõe isso e nos faz sentir assim. A gente chega a pensar que não é normal. Cheguei ao ponto de fazer terapia com psicólogo a respeito deste assunto. (H7-Perg.26)</i>
H8	Sim. <i>Pela incapacidade de desenvolver um relacionamento na idade da pesquisa (solteirões), ou de não estar financeiramente estruturado para assumir um casamento. E assim eles se colocam em uma posição menos atraente que os outros. Uma vez durante uma consulta com psicólogo para exames periódicos na empresa, o mesmo ficou questionando o fato de eu ter casado tão tarde. Perguntou se havia algum problema de relacionamentos passados, ou outros de personalidade... Um homem solitário pode ser taxado de homossexual ou problemático. (H8)</i>
H9	Sim. Por quê? <i>Acho que sim, mas depende muito de como a pessoa encara a vida. Mas na minha opinião, acho que as pessoas olham para um jovem adulto (que ainda não se casou) e devem se perguntar. Por que ele ainda não casou? Ele deve ter algum problema porque ainda não conseguiu casar até esta idade. Sei lá, penso que as pessoas vem a o jovem adulto solteiro como uma pessoa que tem algum problema não resolvido. Como se fosse obrigação casar, para ser uma pessoa "normal". Para daí sim poder se integrar no convívio social. (H9)</i>
H10	Não. Por quê? <i>Ninguém é melhor do que ninguém. (H10)</i>
H11	Sim. <i>Quando tenho que ir a algum casamento ou festa sem uma esposa. (H11)</i>

QUADRO 33 – Sentimentos de inferioridade em solteiros (as) – Respostas dos Homens

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

	26. Você acredita que existe algum sentimento de inferioridade em pessoas pelo fato de serem solteiras? _____ Por quê? Respostas das mulheres
M1	Sim. O melhor termo seria de “exclusão” . Isto fica muito claro quando se está com pessoas onde a maioria são casais e muitas vezes, sem perceber, eles formam grupos excluindo solteiros. Muitas vezes eles também não se dão conta das suas atitudes de exclusão . (M1)
M2	Sim. Nós crescemos crendo em uma família com marido e filhos. Sem essa realização nos sentimos infelizes. (M2)
M3	Sim. Porque isto é fortemente imposto pela sociedade: você é um fracasso , pois não conseguiu ninguém que te amasse e te desse valor. Você é incapaz , é um “deficiente” . (M3)
M4	Sim. Preconceito. (M4)
M5	Sim. Pela cobrança que a sociedade impõe e por ser algo natural ao processo de crescimento emocional, físico. Não sei se isso se ensina ou é um sentimento natural dentro de vc. Eu já me senti inferior por isso. Qndo o casamento demora a acontecer, para mim é natural se sentir inferior, achando que ninguém gosta de vc. <u>Todo mundo já passou ou vai passar por isso um dia.</u> Não sei dizer se é somente uma cobrança ou comportamento da sociedade, mas a questão é que todos desejam o casamento que para mim é uma instituição muito forte e não falida como alguns dizem. Na minha fase de solteira, não lidei muito bem com isso. Apesar de ainda ter amigos, sair com a família, vc está buscando esse algo a mais que não acontece. (M5)
M6	Não respondeu (M6)
M7	Não. Por quê? Na nossa cultura isso tem sido quase normal atualmente . (M7)
M8	Não. Sentimento de inferioridade vem de nosso estado emocional e não do estado civil . (M8)
M9	Sim, Por que a sociedade parece impor que esse é o ideal – a melhor forma de ser feliz. Sim, é fato que as coisas mudaram nos últimos anos, mas Deus colocou no coração das pessoas esse anseio por te um cônjuge. Acredito sim, que é possível ser feliz e realizado sem se casar. Mas essa é uma questão muito pessoal a ser resolvido por cada indivíduo, não dá pra generalizar. (M9)
M10	Sim. A mulher casada ganha a sua posição na sociedade pelo fato de ser casada e a solteira tem que conquistar seu espaço. O sentimento de inferioridade existe ou um sentimento de frustração por não ter conseguido realizar o sonho de casar ou pelo mito de que só no casamento alguém é feliz. (M10)
M11	Depende do grupo no qual estão inseridos. No grupo Menonita e no meio cristão considero que este sentimento é mais freqüente. Porque vendem a idéia que as pessoas só podem se realizar e serem felizes ao se casarem. (M11)
M12	Sim, depende como ela se vê na sociedade e na família que convive, e a sua criação pois isto influencia toda a sua estrutura emocional de aceitação de ser solteira. (M12)
M13	Não. Uma pessoa não é melhor ou pior só pelo fato de ter uma pessoa ao seu lado. (M13)

QUADRO 34 – Sentimentos de inferioridade em solteiros (as) – Respostas das Mulheres

FONTE: A autora (2011)

APÊNDICE B – QUADROS DEMONSTRATIVOS - CONTINUAÇÃO

.	27. Sua vida hoje é:
H1	<i>Um paraíso por ter paz e não ter um relacionamento conflituoso. Me sinto livre e tranquilo.</i>
H2	<i>Normal. Mas sempre quis casar. Acho que podemos ser felizes também no casamento.</i>
H3	<i>Vivo bem, mas gostaria de me casar para comunhão, e amizade conjugal.</i>
H4	<i>Solitária.</i>
H5	<i>Só alegria.</i>
H6	<i>Trabalho, igreja e convivência com irmãos da igreja e do ministério jovens adultos.</i>
H7	<i>Minha esposa e meu filho. É melhor agora do quando era solteiro. Casado eu conquistei maior independência financeira, bens materiais e mais companheirismo.</i>
H8	<i>Bem melhor depois de casado.</i>
H9	<i>De uma maneira geral é muito boa. E o fato que me deixa feliz é o fato de eu estar trabalhando e de saber que em breve vou me casar com uma pessoa MARAVILHOSA que Deus me deu. Na verdade, duas pessoas, porque ela tem uma filha que é uma BENÇÃO. Amo muito as duas e sou grato a Deus de ter dado estas duas mulheres em minha vida. Sabe, assim fica mais fácil. Hoje eu tenho um objetivo. Trabalhar, casar e constituir uma família. E eu me sinto feliz por isto. Poderia escrever mais muitas coisas aqui, mas penso que este é um bom resumo de como estou me sentindo agora. É claro que tem grande responsabilidade agora, mas Deus é fiel e vai continuar a nos abençoar juntos.</i>
H10	<i>É muito boa e tenho medo de um casamento que não dê certo</i>
H11	<i>Às vezes dou graças por ser solteiro mas as vezes dá uma angústia de estar sozinho.</i>
M1	<i>Boa, tomo minhas próprias decisões, mas às vezes solicito ajuda ou um apoio de irmãos, da mãe ou de amigos. Você percebe algo de negativo em pedir ajuda para outros? Causa algum tipo de sentimento em você? Peço ajuda quando é um assunto que não quero decidir sozinha ou quando preciso de um reforço na decisão. Mas na maioria das vezes estou sozinha nas minhas decisões.</i>
M2	<i>Eu creio que nasci com um propósito de Deus em minha vida com o que aconteceu comigo na infância eu saí foras dos trilhos saudáveis que estavam preparados para mim. Fechei os olhos para algumas áreas da minha vida. Acreditei em uma mentira. Sempre me senti desvalorizada como mulher, me sentia uma prostituta. Tentei esconder minha feminidade. Eu sabia da minha beleza física, mas tentei esconder, pois foi isso que chamou atenção de alguém que eu julgava tão amigo, correto. Com ajuda de pessoas que eu sei que foram colocadas em minha vida por Deus, comecei a descobrir que vivia em uma mentira sórdida. Que uma criança não pode ser culpada por um ato pervertido de um adulto. Li livros que me ajudaram a entender o porque de tanta confusão em minha mente. Que a área sexual e a personalidade são formadas juntas. Hoje tenho pressa de restauração. Perdi tempo valioso sem construir nada. Muitas coisas eu perdi. Não tem como recuperar, mas o futuro me espera e quero me preparar para isso. Quero e posso mudar pensamentos de derrota por pensamentos de vitória, ser valorizada como mulher, como pessoa, como cristã. Crer nas promessas de Deus em minha vida.</i>
M3	<i>Uma conquista a cada dia. Um crescer a cada dia. Onde o viver está se tornando um prazer. Mas, para chegar ao ponto que estou, eu precisei trabalhar muito bem as questões acima por vários anos, com ajuda profissional e dos meus amigos mais chegados.</i>
M4	<i>Muito melhor do que há 5 anos atrás, pois me liberei das pressões sociais de casamento, sou realizada profissionalmente, as piadinhas sobre ser solteira não me atingem mais – pois vale o velho ditado popular: antes só que mau acompanhada. Me considero uma mulher feliz e vitoriosa!! O que te ajudou? Relacionamento com Deus e pessoas de diversas classes sociais, estado civil diversos, leitura de livros.</i>
M5	<i>Um constante aprendizado compartilhado com a pessoa que amo.</i>
M7	<i>Cercada de responsabilidades por familiares descasados e com minha mãe doente.</i>
M8	<i>Agitada, mas agradável.</i>
M9	<i>Um tanto quanto solitária – mas assumo a responsabilidade por parte dessa situação. Tem seu lado bom estar solteira, mas eu não gostaria de envelhecer sozinha – se Deus me conceder, quero sim casar.</i>
M10	<i>Cheia de desafios com as diferenças e o modo de lidar com o dinheiro</i>
M12	<i>Repleta de atividades, marido, filho, trabalho, ministério e feliz por poder viver o que a vida proporciona, nós é que fazemos dar certo, com ou sem casamento, a vida depende sempre das nossas escolhas que fazemos, pois tem conseqüências, boas ou ruins, o importante é o que fazemos delas... a vida nos dá o que dela aceitamos.</i>
M13	<i>Uma incógnita... Uma montanha russa.</i>

Nota: M6 e M11 não responderam.

QUADRO 35 – Como é sua vida Hoje
 FONTE: A autora (2011)

ANEXOS

ANEXO A – FOLHA DE ROSTO DO SISNEP.....	157
ANEXO B – APROVAÇÃO DO CEP.....	158
ANEXO C – AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	160

ANEXO A – FOLHA DE ROSTO SISNEP

Folha de Rosto

Página 1 de 1



MINISTÉRIO DA SAÚDE
Conselho Nacional de Saúde
Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS				FR - 386321	
Projeto de Pesquisa PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE PESSOAS ADULTAS SOLTEIRAS DE COMUNIDADES PROTESTANTES					
Área de Conhecimento 7.00 - Ciências Humanas - 7.10 - Teologia				Grupo Grupo III	Nível
Área(s) Temática(s) Especial(s)					Fase Não se Aplica
Unitermos Subjetividade, adultos solteiros, protestantes, teologia					
Sujeitos na Pesquisa					
Nº de Sujeitos no Centro 24	Total Brasil 24	Nº de Sujeitos Total 24	Grupos Especiais		
Placebo NAO	Medicamentos HIV/AIDS NAO	Wash-out NAO	Sem Tratamento Específico NAO	Banco de Materiais Biológicos NAO	
Pesquisador Responsável					
Pesquisador Responsável marluce emerim de melo august			CPF 380.927.000-87	Identidade 10576150-6	
Área de Especialização TEOLOGIA			Maior Titulação GRADUACAO	Nacionalidade BRASILEIRA	
Endereço PADRE DEHON 3405			Bairro BOQUEIRÃO	Cidade CURITIBA - PR	
Código Postal 81670-100	Telefone 41.33774816 / 41. 33774816		Fax	Email marlucearq@gmail.com	
<p>Termo de Compromisso</p> <p>Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não.</p> <p>Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. <i>Marluce E. M. August</i></p> <p>Data: <u>12 / 11 / 2010</u> Assinatura</p>					
Instituição Colaboradora					
Nome Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR			CNPJ 76.659.820/0001-51	Nacional/Internacional Nacional	
Unidade/Orgão CTCH			Participação Estrangeira NAO	Projeto Multicêntrico NAO	
Endereço Rua Imaculada Conceição 1155 cpx 16210			Bairro Prado Velho	Cidade Curitiba - PR	
Código Postal 80215-901	Telefone 41 2712292		Fax 41 2712292	Email nep@pucpr.br	
<p>Termo de Compromisso</p> <p>Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p> <p>Nome: <u>MARIA LOURDES GISI</u></p> <p>Data: <u>16 / 11 / 2010</u></p> <p>Assinatura: <i>Maria Lourdes Gisi</i> Prof.ª Dr.ª Maria Lourdes Gisi Docente - Curso de Teologia e Ciências Humanas</p>					

O Projeto deverá ser entregue no CEP em até 30 dias a partir de 11/11/2010. Não ocorrendo a entrega nesse prazo esta Folha de Rosto será INVALIDADA.

⊙ Voltar

IMPRIMIR

http://portal2.saude.gov.br/sisnep/folha_rosto.cfm?vcod=386321

11/11/2010

ANEXO B – APROVAÇÃO DO CEP



PUCPR

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
Núcleo de Bioética
Comitê de Ética em Pesquisa
Ciência com Consciência

PARECER CONSUBSTANCIADO DE PROTOCOLO DE PESQUISA

Parecer Nº **0004615/10**Protocolo CEP Nº **5930**Título do projeto **PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE PESSOAS ADULTAS SOLTEIRAS DE COMUNIDADES PROTESTANTES**Grupo
Versão 2Protocolo CONEP **0449.0.084.000-10**Pesquisador responsável **MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST**Instituição **PUCPR**

Objetivos

O projeto traz como objetivo geral "O objetivo é evidenciar os processos de subjetivação (criação de modos de existência) e compreender as experiências subjetivas de participantes desse grupo em relação à condição de não casados(as)", e como objetivos específicos:

- Delinear os processos de produção de paralisia na dimensão individual, institucional e familiar de pessoas solteiras adultas.
- Apontar possibilidades de modos de existência afirmativos de auto-reconhecimento e estímulo para enfrentar situações e entrar na dinâmica da vida com todas as suas oportunidades.
- Fornecer subsídios para comunidades e sua liderança no sentido de proporcionar pastoreio adequado facilitando a integração de pessoas adultas solteiras não casada

Comentários e considerações

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que pretende entrevistar 24 pessoas, sendo 12 homens e 12 mulheres, com idade entre 30 a 59 a anos, participantes do Ministério Jovens Adultos de Curitiba. A entrevista será conduzida por um questionário contendo 24 questões abertas, a serem preenchidas pelos entrevistados. A análise das questões será realizada por meio da técnica de análise de conteúdo.

Como critérios de inclusão são apresentados:

- viúvas, divorciadas, separadas ou casadas, que permaneceram solteiras até os 30 anos de idade, todos na faixa de 30 a 59 anos de idade e que participam ou já participaram do grupo mensal denominado Ministério Jovens adultos. Considerar-se-á somente as pessoas que estão a pelo menos três anos no convívio em comunidades protestantes, independente do tempo em que estiverem participando do grupo Ministério Jovens Adultos.

Como critérios de exclusão são apresentados:

- pessoas que de antemão se saiba que não casaram por causa de fatores como: transtorno mental, deficiências físicas ou doenças crônicas
- pessoas que não saibam ler e escrever.
- Também não farão parte da amostra as pessoas que tenham se casado.

É apresentado o questionário e a autorização da instituição

São apresentados riscos de constrangimento aos participantes dado o teor da entrevista, porém, os pesquisadores colocam à disposição o acompanhamento psicológico dos sujeitos de pesquisa.

Como benefício é apresentada a reflexão sobre a situação do entrevistado, permitindo a ele a melhor compreensão de sua situação.

antes dos 30 anos de idade, mesmo que no momento estejam divorciadas, viúvas ou separadas.

Termo de consentimento livre e esclarecido e/ou Termo de compromisso para uso de dados

O TCLE encontra-se de acordo com as recomendações deste Comitê



Conclusões

O projeto atende às recomendações deste Comitê

Devido ao exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR, de acordo com as exigências das Resoluções Nacionais 196/96 e demais relacionadas a pesquisas envolvendo seres humanos, em reunião realizada no dia: **01/12/2010**, manifesta-se por considerar o projeto **Aprovado**.

Situação Aprovado

ANEXO B – CONTINUAÇÃO

Lembramos aos senhores pesquisadores que, no cumprimento da Resolução 196/96, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) deverá receber relatórios anuais sobre o andamento do estudo, bem como a qualquer tempo e a critério do pesquisador nos casos de relevância, além do envio dos relatos de eventos adversos, para conhecimento deste Comitê. Salientamos ainda, a necessidade de relatório completo, ao final do estudo.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP-PUCPR de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificado e as suas justificativas.

Se a pesquisa, ou parte dela for realizada em outras instituições, cabe ao pesquisador não iniciá-la antes de receber a autorização formal para a sua realização. O documento que autoriza o início da pesquisa deve ser carimbado e assinado pelo responsável da instituição e deve ser mantido em poder do pesquisador responsável, podendo ser requerido por este CEP em qualquer tempo.

Curitiba, 01 de Dezembro de 2010.


Prof. MSc. Nair Akel Filho
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa
PUC PR



ANEXO C – AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de pós-graduação em teologia

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Cada vez mais cresce o número de pessoas que se casam mais tarde ou ficam sozinhas pelas mais diversas razões. Em nossas comunidades religiosas esta realidade não é diferente. No entanto, são raros os programas de envolvimento e cuidado pastoral para essas pessoas que muitas vezes se sentem incompreendidas. Também são poucas as pesquisas existentes sobre os modos de vida de jovens adultos(as). Assim, este trabalho tem como objetivo compreender os processos de criação de modos de vida e as experiências dos participantes desse grupo em relação à condição de não casado/as.

Para isso a pesquisa deverá verificar processos de paralisação em alguma área da vida. Esta verificação será na vida individual, na vida na igreja e vida familiar de pessoas solteiras adultas. Assim, poderá mostrar possibilidades de modos de vida positivos de reconhecimento de si mesmo e estímulo para enfrentar situações e viver a vida com todas as suas oportunidades. Também poderá ajudar as comunidades no sentido de poder pastorear e facilitar a integração de pessoas adultas solteiras não casadas.

Deste modo, solicitamos a autorização dessa instituição para a aplicação de uma entrevista semi-estruturada junto a pessoas previamente selecionadas participantes das reuniões para Jovens Adultos/as desta instituição. Serão em torno de 12 mulheres e 12 homens, contemplando uma amostra de pessoas solteiras, bem como viúvas, divorciadas, separadas ou casadas, que permaneceram solteiras até os 30 anos de idade, todas na faixa de 30 a 59 anos de idade e que participam ou já participaram do grupo mensal denominado *Ministério Jovens Adultos*. Para evidenciar processos no meio protestante, considerar-se-ão somente as pessoas que estão a pelo menos três anos no convívio em comunidades protestantes, independente do tempo em que estiverem participando do *Ministério Jovens Adultos*. Como a entrevista deverá ser respondida por escrito, é necessário que as pessoas selecionadas saibam ler e escrever. Não serão selecionadas pessoas que de antemão se saiba que não casaram por causa de fatores como: transtorno mental, deficiências físicas ou doenças crônicas, pois a proposta é evidenciar outros processos. Também não farão parte da amostra as pessoas que tenham se casado antes dos 30 anos de idade, mesmo que no momento estejam divorciadas, viúvas ou separadas.

As pessoas entrevistadas serão informadas que as entrevistas ficarão em poder da pesquisadora, em local protegido, não sendo, sob hipótese alguma, repassadas a terceiros.

Os riscos e benefícios da participação da pesquisa estão sendo esclarecidos nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido que serão assinados por cada participante.

Termo de Autorização da Instituição

ANEXO C - CONTINUAÇÃO



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de pós-graduação em teologia

É garantido à instituição o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que a instituição quiser saber antes, durante e depois da pesquisa. Ao final da pesquisa será agendado um encontro para esclarecer os resultados da mesma. Os participantes serão abordados no local e momento a ser combinado com a direção desta Instituição e convidados a participar da pesquisa voluntariamente, garantindo-lhes sigilo e orientando sobre todo o procedimento e a aplicação do instrumento. Desde já a pesquisadora agradece a colaboração neste projeto e se coloca à disposição para quaisquer esclarecimentos que forem necessários, tanto no que diz respeito ao conteúdo detalhado do projeto quanto os procedimentos teórico-metodológicos em relação à Entrevista.

A pesquisadora envolvida com o projeto com a qual eu poderei manter contato é: **Mariluce Emerim de Melo August**, Mestranda do Programa de Pós-graduação da PUCPR, através dos telefones 96347163 e 33774816, marilucearq@gmail.com, Rua Padre Dehon, 3405 – Boqueirão, Curitiba-PR, sob orientação da Dra. Mary Rute Gomes Esperandio – PUCPR.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o CEP PUCPR (41) 3271-2292 ou mandar um email para nep@pucpr.br.

Mariluce E.M. August

Pesquisadora Responsável: MARILUCE EMERIM DE MELO AUGUST

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a realização desta pesquisa sobre **“Processos de subjetivação de pessoas adultas solteiras de comunidades protestantes”** nas dependências da Instituição que represento/ dirijo.

Nome Completo do Responsável: **PAUL GERHARD DÜCK**

Cargo: **PASTOR COORDENADOR**

Assinatura: *Paul Gerhard Dück* Data: 22 / 12 / 2010

Nome da Instituição: **PRIMEIRA IGREJA EVANGÉLICA IRMÃOS MENONITAS DO BOQUEIRÃO**

Endereço: Waldemar Loureiro Campos, 3319 – Boqueirão – Curitiba - PR

Telefone: **041 – 32763264 – www.ieimb.com.br**

Termo de Autorização da Instituição